

Mário Cavalcanti

A Tragédia do Mestre-Escola

Edição Especial Para o Projeto Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria

“O professor primário é o eterno incompreendido e judiado.”

Sud Mennucci



Ao Exmo. Sr. Governador

Sylvio Piza Pedroza,

*inteligência brilhante e caráter retilíneo
inteiramente dedicados aos altos interesses do
Estado, homenagem de gratidão e apreço do*

A Sua Excelência Reverendíssima

*D. Marcolino Esmeraldo de Sousa Dan-
tas, eminente Arcebispo de Natal, Alma apostóli-
ca de verdadeiro servo de Deus,
ex Abundantia cordis.*

O Autor.

*À memória sagrada de minha mãe, **D. Maria de Oliveira Cavalcanti**, com o mais profundo respeito e veneração.*

*Ao meu venerando pai, **José Tavares Cavalcanti**, a minha homenagem respeitosa de amor e gratidão.*

*À minha querida esposa e companheira dedicada, **D. Maria do Amaral Rocha Cavalcanti**, com toda simpatia e afeto.*

*Aos meus queridos filhos e diletos filhos, **Sônia da Rocha Cavalcanti** e **Francisco de Assis Rocha Cavalcanti**, vidas da minha vida, seres do meu ser.*

*À minha filha **Ivaniza Cavalcanti dos Santos** e seu esposo **Chateaubriand Pereira dos Santos**, amigos leais e verdadeiros, com a mais afetuosa estima.*

O Autor.

... o professor primário tem de ser modelar em tudo. E por cima, constitui função normal de toda sua existência o dever do entusiasmo, do otimismo, da energia e do estímulo, pois é com seu exemplo, com sua pregação, com seu conselho, aos infantes que leciona, que o país conta formar os homens indispensáveis ao seu progresso e à sua contínua ascensão. Não é possível esquecer que mais de 90% da população brasileira apenas recebe a educação que lhe ministra a escola primária.

Sud Mennucci

A Escola é meu conforto. Os meus alunos são meus filhos e por mais ingratos que eles me pareçam não deixo de querer-lhes bem.

Sinhazinha Vanderlei.



www.colecaomossoroense.org.br

Ligeiros traços biográficos do autor

Mário Cavalcanti

Nasceu numa sexta-feira aos 2 de março de 1900, às 04:00 horas da manhã, na rua Campo Santo, na cidade de Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte, seus pais eram José Tavares Cavalcanti e Maria de Oliveira Cavalcanti. Ele nasceu em Missão Velha, Estado do Ceará, e ela em Angicos, deste Estado, porém criada no sítio “Poço Verde”, do município de Assu, onde passou maior parte de sua nobre vida. Seu pai era filho de José Raimundo de Albuquerque Cavalcanti e Francisca Tavares Cavalcanti – mãe Chiquinha. Ele era natural da Bahia e radicado naquela cidade cearense. Era rábula, poeta e musicista e teve grande atuação como advogado em toda a zona do Cariri. Foi morto por envenenamento, em consequência de uma rumorosa questão que ganhara. Seu pai era filho póstumo, pois quando nasceu, fazia quinze dias que o seu progenitor havia falecido.

Seus avós maternos foram Antônio José de Oliveira e Sabina de Oliveira. Ele começou a vida como mestre de barçaça, em Macau, muito econômico, juntou algum dinheiro e comprou



www.colecaomossoroense.org.br

o sítio “Poço Verde” acima referido. Passou então a ser agricultor, criador e comerciante. Trabalhador incansável, conseguiu depois de muitos anos de duro labor, fazer uma fortuna regular. Sua avó Sabina morreu, e ele contraiu segundas núpcias com a cunhada madrinha Lucas que lhe sobreviveu.

Sua primeira professora foi Dona Yayazinha Vanderlei, e o segundo Manoel Lucas da Mota, prosseguiu o curso primário no grupo Escolar “30 de setembro” e terminou no Colégio Diocesano “Santa Luzia”. Aos treze anos começou a trabalhar, como aprendiz de tipógrafo, na tipografia do Jornal “O Comércio de Mossoró” que tinha como diretor Bento Praxedes Fernandes Pimenta e como Gerente Miguel do Nascimento. Aos quatorze anos, foi para Recife, trabalhar na firma de Albino Silva e Cia, ferragista.

Em 1917 volta à Mossoró, e emprega-se na casa dos seus tios, cuja firma girava sob a razão social de Cavalcanti, Irmãos e Cia. No começo de 1919 adoeceu gravemente, e teve que deixar a firma. Restabelecendo-se da grave enfermidade, nesse mesmo ano começou a trabalhar na construção da Estrada de Ferro de Mossoró (trecho compreendido entre Mossoró e S. Sebastião). Em 1920 foi nomeado guarda Fiscal da Mesa de Rendas Estaduais de Mossoró, que tinha como administrador, Xavier de Miranda; Escrivão Pedro Freire. Em 1923 ingressou na Escola normal de Mossoró, e, a 1º de setembro desse mesmo ano casou-



www.colecaomossoroense.org.br

se com Maria do Amaral Rocha Cavalcanti, sua colega de turma da referida Escola. Ela, porém, não concluiu o curso. Em 1926 terminou o curso, em 1927 ingressou no magistério, como professor e dirigente das Escolas Reunidas “Margarida de Freitas”, de Portalegre. Em 1929 foi promovido para as Escolas Reunidas “Joaquim Correia”, em Pau dos Ferros. Em 1933 nomeado, em comissão para dirigir o grupo Escolar “Almino Afonso” em Martins. Em 1934 voltou para Pau dos Ferros, onde passou poucos meses, pois foi transferido para dirigir o grupo Escolar “Manoel Dantas”, em Santo Antônio. Em 1935, foi promovido para o grupo Escolar “Tenente Cel. José Correia” em Assu. Em 1936 volta à Martins, como professor do grupo Escolar Almino Afonso. Neste mesmo ano fez concurso para 1ª classe (naquele tempo o magistério primário era dividido em quatro classes). Obteve o 2º lugar, e, em 1937, foi promovido para o lugar de professor e diretor do grupo Escolar “Lena Guerra”, em Caicó, onde permaneceu até 1940, quando foi nomeado Inspetor de Ensino, com sede em Natal. Em 1941 foi nomeado diretor do grupo Escolar “Augusto Severo” desta capital, em cujo cargo permaneceu durante 20 anos. Em 1961 pediu e obteve exoneração do referido cargo, por ter sido nomeado Diretor de Divisão da Secretaria de Educação.

Em 1952 representou a Associação de Professores do Rio Grande do Norte no 1º Congresso de Professores Primários do



www.colecaomossoroense.org.br

Brasil realizado em Salvador, no qual apresentou uma tese que obteve menção honrosa. Nesse mesmo ano foi nomeado, por concurso, professor de História Geral do Ateneu Norte-rio-grandense, tendo lecionado essa matéria durante 14 anos no Ateneu, Escola Técnica de Comércio e Seminário de São Pedro. Ensinou, também, na Escola da Base Aérea de Natal. Aposentou-se em 1963.

Foi membro da Academia Potiguar de Letras e da Associação de Professores do Rio Grande do Norte.

Viveu pobremente, porém com a consciência tranqüila, por ter cumprido honradamente com os seus árduos e espinhosos deveres. Faleceu em 25 de novembro de 1977.

Da Associação de Professores do Rio Grande do Norte e da Associação Norte-rio-grandense de Imprensa, Diretor do Grupo Escolar Modelo “Augusto Severo”, Lente de História Geral e do Brasil da Escola Técnica de Comércio de Natal e do Seminário de São Pedro e Professor da Escola da Base Aérea de Natal.



www.colecaomossoroense.org.br

A Grandeza de Um Mestre

Elder Heronildes

Na leitura de um livro, por menos perspicaz que se seja, descobre-se o homem, na sua natureza e a parte, inclusive, subjetiva do seu comportamento, de suas grandezas interiores, do seu talento e inteligência. Não se pode abstrair, ainda, a sensibilidade com que trata diferentes assuntos, mormente, aqueles que mereceram maiores atenções e são postos como verdadeiras raízes, nascidas no mais recôndito do coração.

É o livro, "A Tragédia do Mestre-Escola", do emérito e sem dúvida de muito brilhantismo, Professor Mário Cavalcanti, escritor na expressão legítima do termo, de certo modo me provocou desde o início. Provocação agradável no sentido de me fazer caminhar veredas de lutas, de sofrimentos e de grandezas interiores, do exercício retilíneo de um sacerdócio, plasmando gerações de crianças, num esforço sobre-humano, como tantos outros, sem a retribuição que dignificasse o homem pelo seu trabalho.

É o Estado, mau patrão, que ainda hoje penaliza a sofrida classe de professores do sistema de ensino com salários que aviltam e ofendem a dignidade do ser humano. As observações corajosas que se inserem no livro como verdadeira denúncia



www.colecaomossoroense.org.br

pelo professor Mário Cavalcanti, no passado, são ainda hoje, atualizadíssimas. Infelizmente.

Descobri na leitura deste livro elaborado com maestria e profunda sensibilidade, não só o homem, que não conheci, mas a arte que estava na matéria que era burilada com fina sensibilidade e coragem. Ali, estava o homem na sua inteireza moral, transmitindo com palavras fluentes e num estilo primoroso, vibrante e candentes, visíveis lições de dignidade, entremeada de amor e de devoção.

Era o transbordamento da inteligência e do amor, desaguando no meio de crianças e jovens que estavam recebendo de um abnegado "Mestre-Escola" a luz da instrução, senão a da própria vida, com a mais séria e louvável das intenções.

Na verdade, numa leitura de emoções e de reencontros, entre altos e baixos, pude observar a insensibilidade do Estado, em contra ponto à dignidade e a capacidade de servir de tantos "mestre-escola", como é exemplo o escritor Mário Cavalcanti, sem amesquinhar a sua pessoa e o exercício profissional.

Há mais de sessenta e tantos anos, diante do sofrimento pela falta de apoio, de prestígio e reconhecimento, não havia omissão, não faltava a voz ativa e vibrante, como verdadeiros iluminados pela coragem cívica, num prenúncio de lutas em prol da própria elevação do ser humano.

Os homens que fazem a história, fazem-no as vezes até pelo sofrimento, contanto que o tempo de fazê-lo não se escoe inutilmente. E Mário Cavalcanti, como tantos outros, não deixou



www.colecaomossoroense.org.br

o tempo passar e soube na hora certa, ser partícipe ativo e eloqüente da história do ensino em nosso meio.

O seu livro contém páginas belíssimas, de lições morais e éticas que o colocam num patamar de destaque entre os grandes educadores brasileiros, aos quais, em diferentes oportunidades, ele próprio faz elogiosas referências, através do enaltecimento de suas qualidades não só como mestres educadores, mas como homens devotados à grande causa do ensino na sua nascente, inegavelmente de suma importância.

O estilo é forte, grandiloqüente até, primoroso e vibrante, numa cadência que vai num crescendo, peculiar à sua larga imaginação e sentimentalidade, que salta a cada instante e em cada colocação, por mais simples que seja, Mas, há páginas que são verdadeiros cânticos de louvores, recheando de flores pessoas e fatos, com belíssimas e eloqüentes adjetivações, onde se pode destacar, aquelas que põem em relevo a sua primeira professora.

"Esbelta. Estatura mediana. Olhar sereno e penetrante. Seus grandes olhos, meigos e profundos, eram espelho de puríssimo cristal, donde resplandecia a luz diáfana da bondade. Inteira de carácter. O semblante virginal era um livro aberto, onde estavam gravadas, em letras de ouro, todas as virtudes. Brandura, mansuetude, doçura e carinho eram o seu lema. As suas armas. A sua bandeira. O seu fanal. O seu farol. O seu objetivo. O seu intuito. O seu fim. O seu lábaro. O seu pavilhão." Mais adiante:



www.colecaomossoroense.org.br

"Dominava a criança com um só olhar, misto de censura, afago e ternura indefiníveis."

É um cântico de verdadeira poesia em prosa, numa candente e maviosa exaltação à mestra estimada. E faz lembrar, também, uma sinfonia cujo magistral som vai crescendo, crescendo, crescendo até desaguar no mar apoteótico de toda criatividade musical.

É uma passagem de beleza inigualável, demonstrativa do poder criativo e fina sensibilidade do Professor Mário Cavalcanti.

A leitura deste livro me fez bem. Sem ter visto o homem, conheci-o pela singeleza, nobreza e grandeza de sua marcante presença, pelo seu emocionante e incomparável estilo.

E vem-me à mente, incontinenti, sua filha Sônia, pois nela estão acentuadas a simplicidade, a grandeza, o caráter e a sensibilidade do pai, na franqueza luminar do seu comportamento fiel e sua reconhecida correção, a quem tributo uma sincera estima, daí esta referência final, por dever de justiça. Inclusive nas refe-



www.colecaomossoroense.org.br

Oração do Educador

Jesus, educador da humanidade
que disseste: “Deixai que os pequeninos
comigo venham ter!”

Ensina-me a formar os paladinos
da Justiça, do Bem e da Verdade!
Ensina-me a ensinar a bem viver!

Com palavras, exemplos e carinho,
dá que eu conduza ao porto desejado
estas almas em flor!

Que cada coração por mim tocado,
tenha o perfume bom do rosmaninho
onde viceje teu divino amor!

Que eu nunca seja pedra de tropeço!
Que eu nunca escandalize uma criança...
Que eu saiba respeitar seu coração!
Dá-me essa força poderosa e mansa
Esse dom de “educar” que não tem preço!
Talento, esforço, amor, inspiração!

Presciliana Duarte de Almeida



www.colecaomossoroense.org.br

Oração da Mestra

Senhor, pois que o quiseste, que o meu lar fosse a minha escola, que seja a Tua vontade! Não é que não seja capaz de amá-la, que sinto que ensinar é a maior das responsabilidades sobre a terra.

É criar mais do que criar a carne, que é apenas alguns anos de sacrifício, pois que é criar a alma, para a vida inteira, de incompreensão ou de serenidade. Os pais lançam os filhos ao caminho: os mestres é que lhes ensinam esse caminho. E ele é a vida. Possa eu ensinar o bom caminho.

Faze que toda manhã eu acorde de alma tranqüila e coração puro, para buscar minha escola e encontrar meus filhos, de quem a noite inteira fui privada. Que eu prepare nossa casa para recebê-los como trouxe preparado o ânimo para acolher.

Que na hora tumultuosa em que entram, como aves inquietas no ninho, vá meu sorriso ao encontro deles e lhes diga, a todos, que os esperava. Um filho nunca é indiferente a dois braços maternos, que se estendem para ele.

Faze que eu não distinga entre eles, se a sorte os distinguiu, pela beleza, pela saúde, pela cor, pelas vestes, pelas maneiras; que em minha companhia, em nossa escola, nem o pobre seja envergonhado, nem o bem vestido jactancioso. Faze que eu derrame igual maternidade sobre eles, para que sejam irmãos ao menos na minha escola.



www.colecaomossoroense.org.br

Faze-me paciente e insinuante ao difícil de entendimento; que eu saiba estimular e ajudar ao tardo e desanimado; que seja simples e apenas alusiva ao dotado para não o tornar fátuo, e entretanto mais esforçado; que minhas mãos sobre as cabecinhas tenras sejam consolo e prêmio; que meus lábios sorrissem ambíguos, com meiguice perceptível aos que mereceram louvor, ou com tristeza compreendida só dos que mereceram censura. Faze que possa dizer as palavras que contam, as definitivas para a vida inteira. Faze que inspire confiança a meus alunos e confie neles para os tornar dignos de si, e mais próximos do ideal. Educação não é confiança? Educar é amar.

Faze-me a justiça branda e sem vivacidade, antes triste, para entristecer ao culpado do que dura para revoltar ao insubmisso; faze que atinja a inteligência pelo coração e que toque esses coraçõesinhos, às vezes teimosos, pelo teimoso amor que quer conquistar.

Senhor, dá-me pois que me fizeste mestra, que meu amor, o amor que dás a todas as criaturas, seja a minha escola, para amá-la e honrá-la todos os minutos de minha vida e que meus alunos sejam meus filhos, carne da minha alma, tanto ou mais a carne da carne; e pois que me fizeste também mãe e filhos de outros, que eu possa fazer de minha escola o lar igual, pacífico, decente, feliz, ativo, estudioso, bom, que cada dia eles deixam com saudade, para volverem no outro com alegria.

Faze, Senhor, que cada um deles, desses meninos e meninas que na vida vão conhecer outras mulheres – mãe, irmãs,



www.colecaomossoroense.org.br

parentas, esposa, relações, filhas – possam, à lembrança das que foram dignas de amor, – juntar a de sua mestra, que todo o bem lhes quis, de quem foram o grande amor da vida, com o amor da sua profissão. Amém.

Afrânio Peixoto.

*Professor Primário!
O Brasil precisa de ti!
Tua missão é sublime e grandiosa!
Cumpre o teu dever!*

O Autor.



www.colecaomossoroense.org.br

Apresentação

Se todo livro leva uma mensagem particular de seu autor a cada um de seus leitores, este, do professor Mário Cavalcanti, fiel à tradição, traz, desde já, seu endereço certo.

Não o impede a palavra *tragédia*, aparecendo em primeiro lugar, palavra nem sempre amável e convidativa a doces colóquios. Ela aqui se apresenta, porém, sem intuítos preconcebidos, mais para a função de fixar realidades que cataclismas.

Se aqui e ali se evocam dramas penosos, não constitui isto, entretanto, a tônica dominante, e, no fim, o que transparece, dominador e líquido é o heroísmo, a grandeza das figuras humanas, dos mestres escolas, que a mão carinhosa do autor nos vai buscar e entregar na continuidade do tempo.

Essa vocação é tão viva, tão fiel e humana, que essas qualidades, na pena e no coração do professor Mário Cavalcanti, se transformam em cores vivas, realçadas belamente na moldura dos assuntos e na fixação dos mestres redivivos.

Eis a mensagem, a mais abençoada mensagem deste livro.

Já os velhos Romanos diziam que *Ars artificiem probat*. Aqui, porém, não nos parece ter a arte retratado o artista. O jornalista, o escritor quase em nada se assemelha ao homem humilde, modesto, que todos nós conhecemos, conhecemo-nos seus numerosos alunos, retraído, sóbrio de palavra e de conversas, numa atitude pessoal muito sua e própria mesmo dos que, como



www.colecaomossoroense.org.br

ele, aprenderam desde cedo, a cimentar a vida na realidade do dever.

Nos artigos de jornal ou nos capítulos deste livro, entretanto, o professor Mário Cavalcanti se transforma e muda de voz. Parece falar alto, declamar e braços soltos em estilo simples, mas incisivo, claro e desenvolto.

A experiência preciosa de quase trinta anos de magistério lhe conferiu a autoridade de ferir assuntos, como os que as especificam neste livro. Sente-se que o terreno lhe é familiar. Animou-se, assim, a sair da torre de sua modéstia e vir, à plena luz, reivindicar direitos, fustigar injustiças, e, acima de tudo, proclamar o heroísmo de alguns de seus abnegados colegas, vivos e mortos.

Na época em que vivemos, o aparecimento de um livro, como este, deve ser saudado com entusiasmo por parte dos que ainda crêem na virtude da gratidão e na evocação, e para os quais ainda não se sumiu, de todo, nas caligens do embrutecimento e do indiferentismo reinante, a figura onipresente e insubstituível do mestre-escola.

Como esses, não me pejo de fazer um ato de fé pública. Creio firmemente na missão augusta desses homens e dessas mulheres, na missão do mestre-escola, como creio na missão de meu sacerdócio. Creio também que a razão última de ser do mestre vai infinitamente além das atribuições mesquinhas e limitadas, que se lhe queriam dar e que se poderiam conter no termo função.



www.colecaomossoroense.org.br

A dignidade magistral nada tem de comum com o mercenarismo funcional.

Há um valor ontológico de eternidade, orientando para um único destino, o labor do mestre e o labor do pai. É por isso que um, como o outro, participa da eterna potência criadora de Deus.

O professor Mário Cavalcanti crê nessa perpetuidade e na fulgência de estrelas que jamais se apagam. Eis o seu livro. De parabéns, de muitos e merecidos parabéns, está ele e, na pessoa dele, todo o magistério potiguar, ante esta sua iniciativa tão digna e oportuna.

A marca da sinceridade, do carinho e da solidariedade aqui se imprimiu indelével, e, como eu, o leitor há de verificar que a tragédia discutida e fixada, da ingratidão e do desprezo, quase desaparece na glorificação dos vultos assinalados, dos abnegados perceptores, que já morreram, mas que levaram deste mundo a tranquilizadora certeza de que alguém, cobrindo seus passos e perpetuando seus caminhos, não se esqueceria deles. Tinham razão. Não se enganaram.

Natal, dezembro de 1951.

Mons. José Adelino.



www.colecaomossoroense.org.br

Aos Professores Primários do Rio Grande do Norte

Meus caros colegas:

Nunca me passou pela mente a idéia de publicar um livro. Além de minha pobreza intelectual, tenho, como vós, uma outra muito maior ainda, que é a pobreza material. Como vós, não posso comprar um livro, nem sequer uma revista. Se os leio, é porque os tomo emprestado aos mais afortunados.

Corria o ano da graça de mil novecentos e cinqüenta e um. A já precária situação financeira do professorado do Rio Grande do Norte tornava-se asfixiante, mercê do alto custo da vida. Lembrei-me, então, de abordar o assunto em alguns artigos no “Diário de Natal”, graças à bondade de um amigo que me franqueou as colunas desse conceituado e importante órgão associado da imprensa local. Logo que começaram a sair, choveram-me parabéns dos quatro cantos do Estado, juntamente com angustiosos apelos para que continuasse a escrever. Depois, pedidos e sugestões mais insistentes, para os enfeixar em um livrinho. Eis como e porque surgiu à luz da publicidade este meu pobre filho. E, como verificarão de sua leitura, destituído de qualquer atavio literário. O seu único mérito, se porventura o tem, é o da justiça da causa que me propus defender.



www.colecaomossoroense.org.br

Ei-lo, aí, meus conterrâneos, colegas e amigos, como uma modesta homenagem à numerosa e distinta classe a que tenho a honra de pertencer.

O autor.



www.colecaomossoroense.org.br

Parecer da Comissão Nomeada Pelo Departamento de Educação

O professor Mário Cavalcanti, diretor do grupo escolar “Augusto Severo” e um dos bons elementos do Magistério Primário, vinha publicando, no “Diário de Natal”, uma série de artigos, sob a epígrafe: “A Tragédia do Mestre-Escola”, relatando episódios os mais interessantes sobre a vida do professor, mostrando, com fatos os mais emocionantes, o quanto sofreram aqueles que, abnegados na causa do ensino público, passaram pelas mais acerbos decepções. E, ainda hoje, continuamos a ver e assistir os dissabores que sofrem os professores primários, nas localidades onde vão servir, sempre incompreendidos pelos que não aprenderam ainda a ver, na sua figura, o construtor e trabalhador honesto da sociedade.

O ilustre autor da “Tragédia do Mestre-Escola” colheu dados e comentou fatos que tornaram seu livro muito interessante, sentindo-se, muito embora, na leitura de suas páginas, o martírio sofrido pelos que se dedicam ao ensino primário, formando assim as futuras gerações.

Prefaciando o livro do professor Mário Cavalcanti, disse o Monsenhor José Adelino: “Não o impede a palavra ‘tragédia’, aparecendo em primeiro lugar, palavra nem sempre amável e convidativa a doces colóquios. Ela aqui se apresenta, porém,



www.colecaomossoroense.org.br

sem intuítos preconcebidos, mais para a função de fixar realidades que cataclismas”.

O livro do professor Mário Cavalcanti contém páginas evocativas de figuras que se destacaram no antigo magistério primário por onde se vê a dedicação de muitos que se esforçaram no desempenho de sua nobre e elevada missão social e humana.

O professor Mário Tavares de Oliveira Cavalcanti, desejando agora publicar o seu livro, pede ao Exmo. Sr. Governador do Estado os fatores da Lei 145, de 06 de agosto de 1900 e o Departamento de Educação nos incumbiu de examinar e dar parecer sobre o mencionado livro, o que agora o fazemos com muita satisfação, achando que o autor merece os benefícios estabelecidos na Lei e que a publicação de “A Tragédia do Mestre-Escola” vem de alguma forma, despertar uma melhor compreensão para a vida laboriosa e cheia de sacrifícios do professor primário.

Natal, 19 de fevereiro de 1952.

Luiz C. Soares de Araújo
Antônio Estevam da Silva.



www.colecaomossoroense.org.br

Uma Página de Saudade

Para o espírito virginal e engélico de Wellington Galvão de Oliveira, que se evoluiu aos 15 anos incompletos.¹

Partiste, meu querido amiguinho, deixando a tua terna mãe, os teus parentes e amigos mergulhados na mais profunda saudade. Na soledade. Na dor sem fim. Na solidão. No amargor. No penar indescritível.

Não eras deste mundo de misérias. Voltaste ao seio ao Altíssimo, onde tua alma angelical canta eternamente as glórias de Deus.

Eras o lírio do campo. A mimosa flor do jasmineiro. Um botão de rosa mal desabrochado. A meiga açucena. O bogari odorante.

Tinhas o perfume da inocência. A candura das almas eleitas. O dulcor virginal dos anjos.

Os teus cruéis padecimentos, neste mundo de lágrimas e dores, acrisolaram o teu caráter adamantino.

¹ Wellington Galvão de Oliveira, filho de João Damasceno de Oliveira, já falecido, e Dona Suzete Galvão de Oliveira, nasceu a 25 de outubro de 1936 e faleceu a 14 de junho de 1951.



www.colecaomossoroense.org.br

Já não sofres. Esta certeza nos consola. Gozas os prazeres sempiternos, na imortalidade radiosa. Foste ocupar o teu lugar no céu, donde vieste e para onde voltaste.

Para ti, meu amiguinho querido, a minha lágrima de saudade indefinível.



www.colecaomossoroense.org.br

O Professor Primário, Plantador de Civilizações

“O professor é, abaixo de Deus, o árbitro do porvir”.

Rui Barbosa.

A triste vida do professor primário é uma tragédia constante, contínua e ignorada. Percebendo um salário miserável que mal lhe chega para não morrer de fome, ele é obrigado a trajar decentemente e, ainda, a frequentar a sociedade em que vive.

Sub-alimentado, tem que apertar o cinturão e mostrar-se contente, embora o seu coração esteja sangrando e o estômago vazio.

Em nosso longo tirocínio no magistério, conhecemos uma grande quantidade de professores, cujas vidas preciosas foram devoradas pela tuberculose.

Enquanto todo vivente tem direito a um lugar ao sol, nega-se-lhe esse direito, pois ele morre de miséria. Esta, a verdadeira causa da precariedade do ensino no Brasil. Não adiantam bonitos programas, reformas e mais reformas, se não se cuida de resolver o problema do analfabetismo, atacando-o em suas profundas raízes onde se encontram as verdadeiras causas do gran-



www.colecaomossoroense.org.br

de mal: a vida miserável e cheia de penúria do pobre professor primário, pária social.

Aqui em nosso Estado, por exemplo, quando chega ao ápice da carreira, depois de 15 ou 20 anos de serviço, percebe Cr\$ 750,00 mensais! Qualquer contínuo de Repartição Federal ganha duas, três vezes mais do que eles!

Não desejamos pingues proventos, pois bem sabemos que valemos tanto quanto zero no conceito da sociedade. Queremos apenas que nos dêem o direito de viver, concedido por Deus a todas as criaturas.

Como impulsionar as nossas formidáveis reservas econômicas, fazendo, assim, um Brasil forte, pujante e respeitado, se o mestre-escola, que é, queiram ou não queiram, o verdadeiro construtor dos alicerces da nacionalidade, morre de fome?

Os Estados Unidos, em pouco mais de um século se tornaram uma nação portentosa, de uma civilização admirável, graças ao carinho com que se cuida da instrução, desde os primórdios da nacionalidade. Este exemplo de tão espantoso e rápido progresso, único na história da humanidade, é devido, principalmente, à ação patriótica e efficientíssima dos seus educadores.

A Suécia, com uma população inferior à de São Paulo, tem muito mais indústria do que o Brasil inteiro; a Dinamarca, que tem uma população igual à do Rio de Janeiro, e um território minúsculo, produz ovos e galinhas mais do que todo o Brasil!



www.colecaomossoroense.org.br

Isto porque não existe um sueco nem um dinamarquês analfabeto.

A vida encarece assustadoramente; o Governo Federal aumenta os vencimentos dos servidores públicos federais; o comércio, as autarquias, as indústrias elevam os salários permanece com os seus irrisórios vencimentos inalterados!

Enquanto os governos olharem com indiferença para a sorte do mestre-escola; enquanto ele passar toda sorte de privações materiais, o analfabetismo não será extinto em nossa Pátria, e o Brasil não ocupará o lugar a que tem incontestável direito no concerto das nações civilizadas.



www.colecaomossoroense.org.br

Evasão Escolar

*“No Brasil só existe um problema nacional:
a educação do povo”.*

Miguel do Couto

Dentre os inúmeros e complexos problemas com que se depara o educador atento e consciente das suas enormes responsabilidades na formação moral, intelectual e cívica da juventude, avulta, como um dos mais graves, o da evasão escolar. Suas causas são as mais diversas, sobressaindo-se o pauperismo, que acarreta o estado de subnutrição em que vive permanentemente a grande maioria das populações escolares e a necessidade que têm os pais de tirarem os filhos da escola aos 11, 12 anos de idade para os ajudarem na manutenção da prole; a espantosa percentagem de doentes, sem o necessário tratamento; o descaso completo e absoluto que a quase totalidade dos pais de família vota à educação de seus filhos, só se interessando para que os mesmos frequentem a escola no fim do ano letivo, com a preocupação de que sejam eles promovidos para a classe imediata, quer estejam ou não para isso habilitados: e, finalmente, superior a todas essas, a principal, a primordial, a fundamental, a mais



www.colecaomossoroense.org.br

grave de todas: a falta de ambiente propício, na escola, porque o professor, via de regra, seguiu outra carreira que não aquela para a qual tinha vocação. Faltam-lhe os atributos e requisitos indispensáveis ao verdadeiro mestre: amor às crianças, afabilidade no trato, vibração e entusiasmo no desempenho da missão sublime, enfim aquela espontânea e carinhosa bondade que faz da escola um ambiente alegre, onde a criança sintam-se bem para a qual seja atraída irrestritamente.

Todos esses óbices, cada qual o mais importante, nos seus calamitosos efeitos, precisam ser removidos, urgentemente, por meio de medidas adequadas e mesmo drásticas, de vez que estão em jogo os mais alevantados interesses da pátria, o próprio futuro do Brasil.

O professor desidioso, mal humorado e displicente é, sem a menor dúvida, um, grande criminoso. São incalculáveis os males que faz à infância e à juventude. Sua consciência, embotada pela preguiça, não lhe deixa ver nem avaliar a enormidade dos prejuízos que sua ação malfazeja e deletéria causa às pobres e inocentes vítimas. Enquanto isso, o verdadeiro professor é o reverso da medalha: faz de cada aluno um amigo dedicado; adquire amizades que perduram pela vida afora; faz da Escola, por mais pobre que seja, um ambiente de prazer e bem estar; aproveita todas as oportunidades para dar lições de moral, de boas maneiras, de decência e de civismo. Seu viver, claro e limpo, é



www.colecaomossoroense.org.br

um espelho do mais puro cristal. Belo. Imaculado. Retilíneo. Constitui, em si, uma lição viva de beleza moral. Desconhece a tortuosidade das almas asquerosas. Domina pela bondade e nobreza de suas atitudes. Encarna a figura ímpar de um Pestalozzi, respeitável e veneranda.

Salve, mil vezes salve, o verdadeiro mestre-escola, sacerdote do Bem, do Amor, da Virtude e do Civismo.



www.colecaomossoroense.org.br

O Mestre-Escola, Pária Social

*“Nada conheço de tão nobre como dirigir jovens inteligências,
preparando os homens do futuro”.*

D. Pedro II

Se todos os homens responsáveis pela coisa pública se dignassem de lançar um olhar para a situação de verdadeira miséria em que se acha o professorado primário; se refletissem por um momento sequer na magnitude de sua missão; se se lembrassem que é ele o grande luzeiro que acende a luz da instrução nas mentes obscurecidas pela ignorância, certamente atenuariam um pouco os seus atrozes padecimentos, materiais e mentais, devidos à angustiada e desesperadora situação de penúria em que se encontra. Faltando-lhe o pão nosso de cada dia para si e sua família. Vegetando, nu e cru, neste mundo de meu Deus. Sofrendo humilhações, preterições e injustiças. Privações incalculáveis. Como se fosse o último dos miseráveis.

Não exageramos. Argumentamos com fatos concretos e positivos. Claros como a luz meridiana. Os professores primários do Rio Grande do Norte estão sofrendo uma crise financeira sem precedentes. As conseqüências imprevisíveis e desastrosas sobre o ensino já se fazem sentir aterradoramente. Este está en-



www.colecaomossoroense.org.br

tregue, em sua maioria absoluta, a professores leigos, sem tirocínio e sem instrução. Assim vai se afundando o pobre ensino aos trancos e barrancos. Os elementos mais capazes desertam. Os rapazes já não se matriculam nas Escolas Normais. As moças que terminam o curso, não vão para o interior, pois os vencimentos da carreira inicial não chegam para pagar o hotel.

Elementos pinaculares do magistério riograndense, cujos nomes citamos com a devida vênica e a mais profunda simpatia, chegaram ao término da carreira, percebendo, apenas Cr\$ 900,00 de ordenado. São eles, entre outros, os professores Luiz C. Soares de Araújo, José Saturnino de Paiva e Acrísio de Menezes Freire. O primeiro com 40 anos de serviços ininterruptos e relevantes prestados ao ensino, e os dois últimos, com quase 30 cada um. São professores de verdade, que honram sobremaneira o magistério potiguar. Esses homens que dirigem, respectivamente, os Grupos Escolares “Frei Miguelinho”, “João Tibúrcio” e “Isabel Gondim”, desta capital, ganham pelo trabalho insano, apenas Cr\$ 300,00 de gratificação, além do ordenado irrisório. Isto é uma cousa dolorosa que precisa urgentemente de uma solução. Já não me refiro ao lado material, mas ao moral e humano. Que se reconheçam os serviços inestimáveis prestados por esses abnegados preceptores durante tão longo espaço de tempo. Que se dê ao seu trabalho o valor que mereço.



www.colecaomossoroense.org.br

Um povo que não reconhece os benefícios que lhe prestam os seus educadores, é um povo condenado à estagnação. À inanição. Ao marasmo. Ao desaparecimento.

No meio dessa civilização materialista e utilitária; dessa ebulição social que avassala o mundo, abalando a sociedade em seus alicerces; desse egoísmo destruidor dos ideais mais puros, essas reservas morais deveriam ser reverenciadas e veneradas.

Se a Escola é a grande alavanca do futuro; se ela é a formadora dos caracteres; se é a criadora dos grandes homens que iluminam as páginas da história com seu saber ou com as suas virtudes; se é a ela que as grandes potências da terra devem seu progresso e poderio em todos os ramos da atividade humana, que os homens de governo reconheçam o valor inestimável do pobre mestre-escola, para o bem das suas próprias famílias, da Pátria e da humanidade.²

² A Assembléia Legislativa do Estado, por proposta do governador Sílvio Pedrosa, concedeu um pequeno aumento de vencimentos ao professorado e reestruturou-lhe o respectivo quadro.



www.colecaomossoroense.org.br

Minha Primeira Professora

*“Dos escravos fiz senhores
Dos senhores fiz irmãos
Desigualdade de cores
Não separa cidadãos”*

Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque

Raiava o dia 30 de setembro de 1883. Mossoró, a linda e risonha princesa do oeste do Rio Grande do Norte, ingressava, definitivamente, nas páginas de ouro da história pátria. Ruas embandeiradas. Atapetadas de flores. Foguetões estrugiam no ar. Bandas de música tocavam, festivamente. Uma alegria esfu-siante nivelava todas as classes sociais da cidade invicta. No mesmo entusiasmo patriótico. No mesmo brado de júbilo irre-primível. Na mesma solidariedade fraterna. Na mesma vibração incontida. Almino Álvares Afonso, o gigante da palavra falada, o eminente tribuno das multidões, fazia discursos inflamados, saudando o grande dia da Liberdade. Os heróis da “Libertadora Mossoroense” chegavam ao término do grande movimento cívi-co, sem igual no Rio Grande do Norte. Libertavam o elemento servil muito antes do ano dos três oito. E os seus nomes entra-



www.colecaomossoroense.org.br

vam, gloriosamente, na imortalidade radiosa. Joaquim Bezerra da Costa Mendes, Romualdo Lopes Galvão, Manoel Cirilo dos Santos, Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, Francisco Romão Filgueira (único sobrevivente) e outros.

Quatro dias depois dessa data imortal, nascia uma menina, filha do Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque e Dona Francisca Vanderlei de Albuquerque. Seu augusto pai era poeta, jornalista e orador, e um dos combatentes da primeira linha no grande movimento libertário. Chamava-se Cândida Vanderlei de Albuquerque, Yayázinha, e viria a ser, mais tarde, a minha primeira professora. Labutou durante 39 anos na ingrata lide do magistério. 19 anos como professora particular e 20 como Inspectora de alguns da Escola Normal de Mossoró. Faleceu a 09 de novembro de 1947, em plena atividade de suas modestas funções. “nosso estado aqui na terra é de embrião, de preparo para a vida que vem depois. O homem só nasce completamente quando morre.” Esbelta. Estatura mediana. Olhar sereno e penetrante. Seus grandes olhos, meigos e profundos, eram espelhos de puríssimo cristal, donde resplandecia a luz diáfana da bondade. Inteireza de caráter. O semblante virginal era um livro aberto, onde estavam gravadas, em letras de ouro, todas as virtudes. Brandura, mansuetude, doçura e carinho eram o seu lema. A sua bandeira. O seu fanal. O seu farol. O seu objetivo. O seu intuito.



www.colecaomossoroense.org.br

O seu fim. O seu lábaro. O seu pavilhão. Dominava a criançada com um só olhar, misto de censura, afago e ternura indefiníveis.

Essa adorável criatura, possuidora de peregrinas e excelsas virtudes, a quem Deus tenha na Sua santa Paz, foi a minha primeira professora. Minha mestra. Minha amiga. Meu tesouro. Minha guia. Meu lume. Meu luzeiro. Minha segunda mãe...

A beleza moral, nas suas manifestações mais altas, imprime, naqueles que têm a felicidade de possuí-la, traços inapagáveis e indeléveis de superioridade radiosa.



www.colecaomossoroense.org.br

Um Professor Que Governou o Rio Grande do Norte

Francisco Xavier Garcia foi um professor que governou o Rio Grande do Norte. Português de nascimento, natural de Lisboa, da freguesia de Santa Engrácia. Veio para Natal, na segunda metade do século XVIII.

Casou-se com Dona Bonifácia Nolasco de Almeida, filha do português Manoel Pinto de Castro e de sua esposa Dona Francisca Antônia Teixeira, a 30 de janeiro de 1787. Sua mulher era irmã do Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o célebre Frei Miguelinho, herói da revolução de 1817, e do Padre Manoel Pinto de Castro, que foi virtuoso vigário da Paróquia de N. S. da Apresentação, durante muitos anos. Professor Régio de Gramática Latina, aqui ensinou mais de 40 anos.

“Simples, benquisto, cerimonioso com a compostura sisuda, convinda a um professor da intimidade ilustre dos clássicos de Roma, acabou, sem querer ou querendo, embrulhado nos acontecimentos políticos”. Fazia parte do grupo que combatia contra o movimento pró-Independência. Foi eleito presidente do Governo Temporário e empossou-se no referido cargo a 07 de fevereiro de 1822. O governo anterior, do Presidente Rego Bar-



www.colecaomossoroense.org.br

ros, havia sido deposto pelo Capitão Antônio Germano de Albuquerque, Comandante da tropa de linha.

Rego Barros era revolucionário de 1817, companheiro de André de Albuquerque, de cujo governo fora membro.

Francisco Xavier não foi feliz na sua curta administração. A época era de grande efervescência. Engrossavam as fileiras dos partidários da Independência.

Havia em Natal muitos revolucionários de 1817, vários deles egressos das prisões baianas. Os acontecimentos do Rio de Janeiro encontravam grande ressonância na Capitania.

Comunicando a sua posse às Câmaras do interior, Xavier recebeu respostas desconcertantes. A Câmara na Princesa (Açu) enviou um enérgico protesto, no qual dizia *não reconhecer esse Governo Temporário porque é ilegítimo, criminoso e rebelde*.

Esse seu gesto altivo e patriótico encontrou a solidariedade das suas colegas de Portalegre e do Príncipe (Caicó). O Governo convocou novas eleições, sendo eleita Junta de Governo Provisório no dia 18 de março de 1822. Assumiu no mesmo dia. O Presidente era o Padre Manoel Pinto de Castro, cunhado de Francisco Xavier. Este voltou para a regência de sua cadeira, e nunca mais quis saber de política. Faleceu a 31 de agosto de 1828, com 60 anos de idade. Deixou 10 filhos. A viúva, Dona Bonifácia, faleceu a 19 de novembro de 1833.



www.colecaomossoroense.org.br

Esse homem, que passou tão longo tempo às voltas com Horácio e Virgílio, não se descuidou da família. Apesar de ser professor, chegou a formar alguns filhos, sabe Deus com que sacrifício. Certamente contou, para isto, com o auxílio dos cunhados. Tomaz Xavier, primeiro Desembargador norte-riograndense, morreu Ministro do Supremo Tribunal de Justiça do Império. Antônio Xavier, Cônego, três vezes Deputado Provincial, vice-diretor do Ateneu, vice-presidente da província. Joaquim Xavier, Deputado provincial, Oficial Maior da Secretaria do Império, José Xavier, engenheiro militar, Deputado Geral pelo Rio Grande do Norte (1857 – 60), reformou-se como Brigadeiro.

Francisco Xavier Garcia, o modesto professor que foi Presidente, teve a honra de fundar a grande família Xavier, hoje desdobrada em vários ramos e espalhada nos quatro cantos do Estado.

Que o “Jardim da Europa à beira-mar plantado” nos envie, vez por outra, homens desse quilate: trabalhador, honesto e bom.



www.colecaomossoroense.org.br

Sinházinha Vanderlei, a Iluminada³

Sinházinha Vanderlei é poetisa, teatróloga e musicista. É, porém, antes e acima de tudo, professora nata. Bem diferente desses pseudo-professores, que se improvisam de um momento para outro. Com uma simples penada de tinta. Que entopem a grande maioria dos estabelecimentos de ensino. Dos primários aos secundários. Da capital ao mais longínquo rincão do interior do Estado. Esses estão rebaixando o ensino à expressão mais simples. Desmoralizando-o. Mercadejando-o. Acabando-o. Extinguindo-o.

Entre o saber uma matéria, e saber ensiná-la, vão mil léguas de distância. Isto é um fato corriqueiro, que todo mundo conhece. Ninguém ignora. O que acontece, é que ninguém o leva em conta. As mais simples e rudimentares regras de metodologia são para eles “coisas” que ficam nas calendas gregas...

Uns são atacados de sezão em plena sala de aula. Outros explicam as lições como se estivessem discursando no parlamento nacional. Voz tonitroante, termos bombásticos. Arrotando

³ O verdadeiro nome de Sinházinha Vanderlei é Maria Carolina Vanderlei Caldas. Foram seus pais o Dr. Luiz Carlos Lins Vanderlei e Dona Francisca Lins Vanderlei. Nasceu a 30 de janeiro de 1876.



www.colecaomossoroense.org.br

sabedoria barata. Outros, dão a uma classe embasbacada de primeiranistas do ciclo ginasial, lições programadas para o curso científico. E vice-versa. Outros, ainda, dão aulas-relâmpagos... Aprenderam, decerto, com o famigerado Adolfo Hitler...

Passaram os tempos áureos, quando o ensino em nossa Terra era encarado como uma das cousas mais sérias deste mundo. Quando nele pontificavam figuras exponenciais e de mais alta respeitabilidade, cujos nomes declinamos com a mais profunda simpatia: Francisco Pinto de Abreu, Zózimo Platão de Oliveira Fernandes, Manoel Garcia, Vale Miranda e outros.

Sinházinha Vanderlei é dessa estirpe mental. Fidalga de alta linhagem. Pelo sangue e pelo espírito. Tem setenta e tantos anos. Está inválida. O seu assunto predileto é a escola. O seu fraco. O seu tudo. Dedicou-lhe toda sua longa vida de preceptora emérita. Toda sua sensibilidade de artista. De esteta. Toda a incomparável e serena beleza do seu eu espiritual. Todo o esplendor de sua inteligência de escol. Concentrou nos seus alunos todo seu amor de mestra e mãe carinhosa e boníssima.

Vejo-a, nitidamente, com os olhos da memória. Sua figurinha pequena e bondosa, irradiante de simpatia, está gravada indelevelmente no meu subconsciente. Dele só se apagará, quando a vida me abandonar. É a mais extraordinária professora que tenho conhecido. Uma jóia de raríssimo valor. Hoje vegeta, abandonada e esquecida, na sua velha cidade do Açu, que ela



www.colecaomossoroense.org.br

tanto ama. Naquela boa terra, pátria risonha da poesia. De Segundo Vanderlei⁴, Antônio Soares⁵ e Palmério Filho⁶. Na linda Taba Grande, berço heróico dos Janduís bravios. Onde a brisa cicia nas frondes dos verdes carnaubais. Terra bendita, onde trinam as avezinhas do céu, em cânticos perenes ao Criador dos mundos. Terra de madrugadas esplendorosas, onde a “música dos ninhos” eleva acordes divinais à “natureza em festa”. Onde pipilam os passarinhos nos juazeiros verdejantes. Terra encantadora de poetas e trovadores. Terra de sonho e de beleza. Como eu te compreendo e adoro, oh! Velha terra de minha mãe querida!

Beletrista exímia, Sinházinha Vanderlei representa, na espontaneidade dos seus versos maviosos, toda uma plêiade magnífica de poetas, que honram as letras potiguares.

Compositora, as suas produções musicais bem demonstram a grandeza de seus estro. “A música é a tradução da natureza em ritmo”...

Professora primária sem igual no Rio Grande do Norte, é uma verdadeira sacerdotisa da grande cruzada da instrução. Co-

⁴ Dr. Segundo Vanderlei, irmão de Sinházinha Vanderlei, foi o maior poeta que o Rio Grande do Norte já produziu.

⁵ Dr. Antônio Soares de Araújo, grande jurista, mavioso poeta e prosador vigoroso.

⁶ Um dos mais brilhantes jornalistas potiguares.



www.colecaomossoroense.org.br

ração aberto a todas as ações que enobrecem e dignificam a espécie humana. Sua alma tem a brancura do arminho e a pureza do cristal. O alvor da candura. O fulgor da pérola. O odor da inocência. O resplendor da aurora. A luminosidade do Sol. A suavidade das noites enluaradas. É o protótipo da lealdade. Da sinceridade. Do amor. Da caridade. Do desprendimento. Da bondade.

Felizes os que, como ela, cumprem os seus árduos deveres com abnegação e heroísmo, deixando assim um rastro luminoso de sua passagem por este mundo de lágrimas e dores.



www.colecaomossoroense.org.br

Paulo de Albuquerque, Um Sonhador

“A morte é suave, quando alguém pode em seus últimos instantes consolar-se com a lembrança de uma bela vida”.

Cícero

Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque é um nome que toda Mossoró reverencia e guarda, com o maior carinho.

Nasceu em Recife aos 11 de julho de 1844. Foram seus pais o farmacêutico Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque e D. Ana Leitão de Albuquerque. Coursou a Faculdade de Direito daquela capital, onde se formou, em 1870.

Foi companheiro daquela plêiade magnífica de formosos talentos, que enchem a literatura brasileira de límpidos fulgores. Conviveu de perto com eles, e desse convívio amigo nasceu-lhe, decerto, o amor às letras e à liberdade.

Transferindo-se para Mossoró, aí casou-se a 23 de junho de 1881, com D. Francisca Valderlei de Albuquerque. Poeta e prosador. Jurista, orador e jornalista. Sua bagagem literária é bem interessante. Em prosa e verso. Escreveu os livros “Som-



www.colecaomossoroense.org.br

bras e Crenças” (versos), “Últimas Quedas” (prosa) e as obras póstumas “Comas e Delírios” (versos) e o drama “Senhoritas do Porvir”. Vida limpa e bela. Caráter integérrimo e inamalgável. Atitudes definidas e definitivas. Apaixonado das letras e do magistério. Foi professor durante muitos anos. Lente de Português, Francês e Matemática do Colégio “7 de Setembro”, dirigido por Antônio Gomes de Arruda Barreto. Ensinou até os últimos dias de sua vida. Já muito doente, respondia, invariavelmente, à esposa e aos amigos, que lhe aconselhavam, insistentemente, a deixar a cátedra: “Minha responsabilidade é imensa e cumprirei o meu dever até o fim”.

E assim o fez. Morreu na estacada. Cumpriu nobremente o seu dever. Em seu leito de morte escreveu a bela poesia “Presentimento”, que assim principia:

*“Começo a definhar!... dia a dia.
Em ruínas meu corpo se transforma!
Vão-se sumindo pouco a pouco os músculos
E vou tomando de esqueleto a forma!”*

A sua individualidade marcante desdobrou-se em toda na memorável campanha abolicionista, da qual foi uma das figuras principais. Fundou, com outros patriotas idealistas, a “Libertadora Mossoroense”, o magnífico centro de onde se irradiava o



www.colecaomossoroense.org.br

movimento redentor dos escravos. Orador fluente, sua voz potente se fazia ouvir nos quatro cantos do município, conclamando o heróico e bravo povo da terra de Baraúna a cerrar fileiras na cruzada cívica e humanitária. Católica convicto, bem cedo compreendeu quão iníqua e anti-cristã era a negregada instituição do cativo. Concentrou todas as energias no trabalho de uma propaganda áspera e penosa. Olhos fitos no ideal alevantado. Enfrentando, corajosamente, todos os obstáculos. Indiferença. Pessimismo. Odiosidade. Nada arrefecia o seu entusiasmo sadio e vigoroso. A sua tenacidade no combate. O seu idealismo contagiante. A sua atitude desassombrada. A sua persistência convencidora.

Os grande homens se revelam nos grandes combates. Foi nos entreveros dessa jornada gloriosa que se tornou conhecido todo o talento desse esgrimista de escol, pernambucano pelo nascimento e mossoroense pelo coração.

Passada a refrega e vitoriosos os ideais superiores daquele pugilo de bravos, assim cantava Paulo de Albuquerque:

*“Exulta, cidade minha!
Oh! Terra minha gentil!
Teus filhos já se distinguem
Da selvagem raça vil...”*



www.colecaomossoroense.org.br

Homem probo, de caráter ilibado, já nos últimos anos de vida preferiu demitir-se do lugar do Promotor Público, a cometer uma indignidade. Embora tivesse uma numerosa família de oito filhos menores. Ensinava de dia e de noite. Vários milhares de jovens passaram pelos bancos toscos de sua pobre escola.

E assim terminou a sua peregrinação terrena esse espírito lúcido e equilibrado a 27 de novembro de 1902, deixando aos contemporâneos e aos pósteros um exemplo belíssimo de honradez, cordura, integridade e bravura cívica.



www.colecaomossoroense.org.br

O Mestre-Escola, Construtor de Nacionalidades

“Quando eu morrer quero que me enterrem embaixo da goteira da casa; quando a água consumir a pedra até o meio, então as gerações compreenderão o meu esforço”.

Pestalozzi

É bem conhecida e certa a comparação que se faz entre o professor primário e o operário anônimo. Este constrói os alicerces dos grandes edifícios, e, por isso mesmo, não é lembrado por ninguém. Os visitantes e curiosos admiram a estrutura, a beleza arquitetônica, a fachada, etc.

Raríssimos são os que se interessam pela parte principal, as bases, onde repousa a segurança do prédio.

O mesmo acontece com o professor primário. A sua ação é silenciosa e ignorada. O seu sacrifício é contínuo e incruento. A sua abnegação, muitas vezes, ultrapassa a capacidade de resistência física, e ele tomba na luta. Os anos vão passando e as turmas de alunos vão se sucedendo. Os outros prosperam na vida, e ele permanece na pobreza extrema, comendo o pão a-



www.colecaomossoroense.org.br

margo e negro da miséria. Bacharéis, sacerdotes, médicos, dentistas, engenheiros, comerciantes, industriais, todos, enfim, passam pela sua escola humilde e desprezada. Ninguém mais dele se recorda. Bem depressa se esqueceram, os grandes da terra, de quem os ajudou a vencer na vida. De quem construiu as bases de sua grandeza, do seu triunfo, da sua prosperidade, da sua vitória. Marcha, desconhecido e cheio de desilusões pela vida afora. Espalhando benefícios a mancheias, e recebendo ingratidões. Como o pobre operário manual, ele, operário intelectual, exaure as forças físicas e mentais no duro trabalho da escola. Sem compensação. Sem estímulo. Sem amparo. Sem galardão. Sem direito a cousa alguma. Sem esperança. Submetido a um eterno regime de subalimentação. O seu trabalho não é somente dentro da escola. Vai muito além. Correção de cadernos. De provas. Preparo de lições. Plano de aula. Entendimento com os pais. Ensaio de festas escolares. Preparação de testes, leitura de obras didáticas e literárias, instalação de anexos escolares e muitas outras atividades que dizem respeito à escola. Tudo isso ele precisa fazer para ser um professor completo. Esquecer-se da família, da casa, de si próprio, para entregar-se única e exclusivamente aos seus alunos. Cuidar deles dentro e fora da classe, com o maior carinho. Com o maior empenho. Com o maior interesse. Com a maior solicitude. Lembrar-se sempre de que são os seus filhos espirituais, por cuja educação e instrução é responsável. Perante



www.colecaomossoroense.org.br

Deus e os homens. A sociedade. O meio em que vive. E a própria consciência. Não importa que a sua ação seja esquecida e paga com ingratidão. É necessário, é imprescindível, é imperioso que eduque com os conselhos e o exemplo. Que a sua vida seja um livro aberto. Do mais pura moral. Do mais são patriotismo. Do mais nobre desprendimento. Onde cada página contenha um hino de amor. De verdade. De justiça. De caridade. De humildade. De desinteresse. De força moral. De resignação. De estoicismo.

Se o analfabetismo é uma grande cancro social, molestando, permanentemente, o organismo da nacionalidade e sugando-lhe as energias vitais e criadoras; se ele é, no dizer de Miguel Couto, o único problema que existe no Brasil; se de sua solução dependem e engrandecimento e fortaleza da nossa Pátria; se está nas mãos do mestre-escola resolvê-lo; se no seu esforço e dedicação bem orientados reside essa solução, que os altos poderes do Estado e da República lhe dêem os meios adequados para prosseguir na grande campanha de salvação nacional: bons vencimentos, para que se possa entregar exclusivamente a imensa tarefa de construir um Brasil forte, sadio e respeitado. “Então as gerações compreenderão os seu esforço.”



www.colecaomossoroense.org.br

Evocação

Quando, nas minhas escassas horas de lazer, o cansaço permite lançar um olhar retrospectivo pelo passado, afluem-me à memória, como num caleidoscópio, os fatos principais de minha tormentosa vida profissional. Decepções tremendas, incríveis humilhações e preterições as mais injustas tenho sofrido na ingrata carreira que abracei. Para ser professor primário em nossa terra é necessário que se tenha alma de apóstolo, para que se viva praticando um eterno e constante ascetismo. A missão é sublime e grandiosa, porém a incompreensão do meio ambiente, o descaso, o terra-a-terra em que é tido o mestre-escola, fazem com que a maioria dos que nela ingressam se vejam forçados a procurar outras profissões na primeira oportunidade.

Lembramo-nos dos tempos áureos do ensino, quando nele pontificavam, em pontos diversos do Estado, as figuras exponenciais de Antônio Fagundes, Manuel Jácome de Lima, Sinhá-zinha Vanderlei, Clidenor de Freitas, Gilberto Pinheiro, José Saturnino, Joaquim Noronha, Antônio Estevão, Raimundo Soares, Honório Farias, Joaquim Coutinho, José Fabrício, Paulo Nobre, Margarida Sabóia de Lima e Silva, Adelina Fernandes, Leonor Maciel do Amaral, Calpúrnica Caldas Amorim, Arcelina Fernandes, Luíza Hercília do Nascimento, Nazaré Vanderlei, Palmira Barbosa, Ezilda Elita do Nascimento, Dalila Cavalcanti,



www.colecaomossoroense.org.br

Ernestina Moura, Maria Helena Furtado, Guiomar Vasconcelos, Maria Letice Rocha, Madalena Lima, Clara Carlota de Sá Leitão, Maria Leonor Cavalcanti, Amália de França, Julieta e Celita Guimarães, Maria Orione de Carvalho, Maria Elcina de Carvalho, Séfora Ramos Santiago, Alzira Vaz da Cunha, Helena e Josefa Botelho, Carmen Fernandes Pedrosa, Maria da Cunha Fernandes, Marcelina, Maria, Rita, Josefa e Joana Sampaio, Dario Jordão de Andrade, Ana e Adalgiza Leite de Carvalho, João de Deus e Isabel Bessa, Abigail Fernandes e outros, desbravando, com maestria, o caminho agreste às novas gerações, dando-lhes a luz bendita da instrução.

Evocamos, com a mais profunda saudade, nobres e preciosas vidas ceifadas pela tuberculose em plena atividade produtiva e realizadora, graças ao excesso de um penoso e estafante trabalho diuturno. Citaremos, dentre os últimos (para só falarmos nos maiores), as personalidades marcantes e apostolares de Alfredo Simonetti e Oscar Vanderlei, tão cedo arrebatados pela morte. Dois dos mais distintos educadores que o Rio Grande do Norte tem produzido, deixaram um vácuo impreenchível no magistério potiguar. Encarnavam o tipo mais completo do *magister-ludi*, digno do maior respeito e veneração.

Certa vez, um ilustre médico brasileiro, hoje senador da República, achando-se em Berlim, manifestou dúvida quanto a uma informação da proprietária da pensão onde estava hospeda-



www.colecaomossoroense.org.br

do. Esta, com a maior naturalidade deste mundo, e sem demonstrar mágoa, retorquiu-lhe: “Só lhe perdô, porque o senhor ignora que sou viúva de um professor primário.” O nosso patricio, envergonhado, pediu-lhe desculpa, enquanto pensava na triste e precária situação do professor em nossa pátria. Se este fato se passasse no Brasil, e aquela senhora fosse viúva de um professor brasileiro, certamente não lhe teria dado uma altiva resposta. E ele então lhe diria ao menos o seguinte: Minha senhora, se o seu esposo tivesse sido plantador de batatas, a sua situação financeira e social seria incomparavelmente melhor.

A escola é uma grande oficina de trabalho, e o professor o grande plasmador de caracteres, lapidador de inteligências, construtor anônimo de civilizações.

Quando chegará o dia em que, no Brasil, se reconheçam os seus méritos e se lhe dê o direito de viver?



www.colecaomossoroense.org.br

Sud Mennucci, o Mestre

“Sud! Vives na glória de teu imenso apostolado; vives dentro de nossa perenal saudade; mas, eterno, imortal, dentro do coração da Pátria viverás.”

Prof. Moacir Campos

Na galeria dos grandes homens que honram a nossa Pátria, pelo seu saber e peregrinas virtudes, ocupa um lugar de acentuado relevo o professor Sud Mennucci. Nasceu em Piracicaba, Estado de São Paulo, aos 20 de janeiro de 1892. Filho de pais italianos – Amadeu Mennucci e Teresa Lari. Fez o curso primário no Grupo Escolar “Morais Barros”, de sua cidade natal, e diplomou-se Professor Primário em 1908. “Esse o seu único título de formação intelectual, o que prova que foi um autodidata autêntico”. Casou-se no dia 14 de junho de 1917 com a professora Maria da Silva Oliveira. Foi, por três vezes, Diretor Geral do Departamento de Educação do grande Estado bandeirante. Sua obra como educador é simplesmente assombrosa. Basta dizer que, só na sua última gestão nesse alto posto que ele tanto honrou, construiu ou localizou 2.000 escolas, e criou 18 Delega-



www.colecaomossoroense.org.br

cias de Ensino, 104 Grupos Escolares, 23 ginásios, 15 Colégios e 10 Escolas Normais!

Em março de 1927 fundou o Centro de Professorado Paulista, do qual foi presidente de 1931 a 1948, quando faleceu. Sua atuação à frente dos destinos dessa pujante agremiação foi portentosa, e por si só seria suficiente para imortalizar-lhe o nome aureolado. Basta dizer que, graças ao seu esforço e dedicação sem limites, conta o Centro com 7.000 associados e um patrimônio de 15 milhões de cruzeiros, afora outras realizações de grande vulto.

Sociólogo, geógrafo, crítico literário e jornalista primoroso.

Seguidor de Alberto Torres, foi o maior campeão do ruralismo no Brasil. “Dentro em breve – disse ele – o homem do campo não será mais o motivo de ridículo que foi até pouco. Será um homem com a cultura dos homens da cidade, porque a ruralização do ensino e, portanto, a educação humana, está vindo com a rapidez do relâmpago, com o brilho dos meteoros, com a duração do granito.”

Deixou, do seu talento brilhante e poliformo, uma admirável bagagem literária. Escreveu as seguintes obras: “A Crise Brasileira de Educação”, laureada pela Academia Brasileira de Letras, “A Escola Paulista”, “Cem Anos de Instrução Pública”, “O Que Fiz e Pretendia Fazer”, “Aspectos Piracicabanos do En-



www.colecaomossoroense.org.br

sino Rural”, “Pelo Sentido Ruralista da Civilização”, “Ruralização”, “Discursos e Conferências Ruralistas”, “Alma Contemporânea”, “Humor”, “Rodapés”, estudos sobre “Ferdinand Denis”, “Amadeu Amaral” e “Maria Campos, a Poetisa Esquecida”, “O Precursor do Abolicionismo”, “à Margem das Cartas Chilenas”, “Machado de Assis” e inúmeras outras obras de incontestável valor.

O professorado paulista é hoje uma força organizada, poderosa e respeitável, graças ao espírito de classe que lhe infundiu esse homem singular.

Apesar de filho de estrangeiros, era brasileiro cem por cento. Muito poucos trabalharam pelo Brasil tanto quanto ele.

Consagrou ao serviço da Pátria todo o seu enorme talento, toda a sua imensa capacidade de trabalho. “A maior satisfação que tenho na vida, dizia ele, é ser um simples mestre-escola.”

Não nos abalançamos a fazer um estudo completo dessa personalidade gigantesca, de altíssima estatura mental. Isso estaria muito acima das nossas possibilidades. Queremos, apenas, com esta pobre crônica, prestar a nossa comovida homenagem do maior respeito e simpatia, à memória sagrada desse mestre-escola insigne, Sud Mennucci, o magnífico!



www.colecaomossoroense.org.br

O Eterno Sacrificado

“A boa educação é a que dá ao corpo e à alma toda a beleza, toda a perfeição de que eles são susceptíveis.”

Platão

Não há missão mais útil à humanidade do que a do professor primário.

É ele o principal construtor da grandeza das nações, o artífice máximo do progresso, o incompreendido pária social que impulsiona a marcha evolutiva das sociedades humanas. Entretanto, apesar de exercer uma missão nobilíssima, é pessimamente remunerado. É obrigado a viver decentemente, embora percebendo um salário miserável que mal lhe chega para não morrer de fome. Seu viver é uma tragédia contínua e silenciosa. Tem de trabalhar das 7 da manhã às 10 da noite, se não quiser transformar-se em caloteiro, enganando a Deus e ao mundo. Esta é a triste e negra realidade. Qualquer contínuo de Repartição Federal, qualquer carroceiro, estivador ou cabeceiro ganha mais do que dois ou três professores primários.



www.colecaomossoroense.org.br

Não queremos, com isto, menosprezar o valor do trabalho desses nossos irmãos. É que todos têm direito de viver. Deus dá a todos um lugar ao sol. O professor, porém, só tem o direito de vegetar. Eternamente subalimentado e trabalhando comum animal, é, via de regra, doente e sua prole raquítica e predisposta a toda sorte de doenças. A tuberculose campeia no seio da classe, fazendo vítimas todos os anos.

Os preços das mercadorias sobem constante e assombrosamente; aumentam os salários; só uma coisa permanece inalterável: são os seus parcos e minguados vencimentos.

São muito bonitos os conselhos de saúde que ele dá aos seus alunos quase todos os dias. Um desses, porém, é dado com verdadeira amargura: alimentar-se bem, para ter boa saúde, fortaleza e resistência física. Enquanto aconselha aos filhos alheios uma alimentação adequada, sadia e ambulante, rica em vitaminas, ele, com o cinturão cada vez mais apertado, vê os seus crescerem desnutridos, pela absoluta falta das utilidades mais comensais. Desprovido de todo conforto material (depois de 20, 30 anos de serviço chega ao término da carreira com uns vencimentos muito aquém de suas necessidades), tem somente a satisfação do dever cumprido e de ter contribuído para o engrandecimento da sua pátria.

Lamenta-se o descabro do ensino, apresentando-se-lhe as mais variadas causas. A nosso ver, porém, a causa primordial



www.colecaomossoroense.org.br

é o estado da mais completa pobreza em que vegeta o mestre-escola. Dêem-se-lhe vencimentos compensadores que lhe permitam viver menos sacrificado, e ter-se-á dado um passo agigantado para o melhoramento do ensino em nossa terra.



www.colecaomossoroense.org.br

Uma Classe Abandonada

*“A Ignorância é para o espírito
o que a cegueira é para o corpo”*

Madame Roland

São de Kant, o eminente mestre da filosofia alemã e grande pedagogo, estas palavras lapidárias: “O homem não é outra coisa senão o que a educação faz dele.” Washington, o glorioso criador da independência dos Estados Unidos, assim se expressou: “A instrução, em todos os países, é a base mais estável da prosperidade pública.” Seria enfadonho enumerar os conceitos encomiásticos, que, através dos tempos, têm emitido os luminares do pensamento humano, sobre educação. Se ela tem tão alto valor, por que a pessoa do educador vale tanto quanto zero no rol das coisas? Nos Estados Unidos, na Alemanha e noutros países civilizados, a figura do professor é cercada do maior respeito e consideração, e percebe vencimentos condignos, que lhe permitem vida decente e folgada. No primeiro desses países, por exemplo, o mais modesto. Mestre-escola possui automóvel e casa própria relativamente confortável, de acordo com todos os requisitos de higiene, e os seus proventos ainda lhe chegam para



www.colecaomossoroense.org.br

uma alimentação farta e abundante e educação dos filhos. Entre nós, porém, o panorama é completamente oposto. Em nosso longo tirocínio no magistério público e particular, verdadeira *via crucis*, temos presenciado casos dolorosos de miséria no seio de nossa infeliz classe; sofrimentos espantosos, tragédias íntimas de conseqüências muitas vezes fatais. Temos visto, com o coração amargurado, valiosas jóias, entre as quais anéis de grau, alguns presenteados por pessoas amigas, serem vendidos por preços ridículos, ou penhorados para nunca mais serem resgatados. Se fôssemos citar todos os casos de que temos conhecimento, desfariamos um rosário infindável de padecimentos inenarráveis.

Façamos uma ligeira demonstração, baseada em cálculos positivos, para que não se diga que somos vítimas de um exagerado pessimismo. Um professor que tenha uma família de cinco pessoas, têm de fazer, obrigatoriamente, a seguinte despesa mensal, para viver modestamente.

Aluguel de casa	Cr\$ 700,00
Mercado	Cr\$ 750,00
Pão.....	Cr\$ 150,00
Luz	Cr\$ 30,00
Água.....	Cr\$ 15,00
Lavadeira.....	Cr\$ 50,00
Engomadeira	Cr\$ 80,00



www.colecaomossoroense.org.br

Empregada	Cr\$ 80,00
Carvão	Cr\$ 80,00
Feira	Cr\$ 400,00
Mercearia	Cr\$ 300,00
Transporte	Cr\$ 60,00
Leite	Cr\$ 150,00
Total	Cr\$ 2.845,00

Note-se que nesta quantia não estão incluídas despesas de vital importância, como sejam: roupa, calçados, farmácia, médico, livros e outros objetos escolares. Como passa esse pobre de Cristo se os seus vencimentos não excedem a terça parte dessas despesas mínimas, só Deus o sabe. O resultado lógico e insofismável é que ou desenvolve uma atividade muito superior às suas energias, com manifesto prejuízo da função pública, ou vive no mais deplorável de miserabilidade, passando toda sorte de privações.

Conhecemos educadores de primeira ordem que foram arrebataados prematuramente pela morte, graças principalmente ao permanente estado de penúria e excesso de trabalho em que viviam. A esses abnegados heróis, mártires do cumprimento do dever, que jazem na vala comum completamente abandonados, esquecidos e desprezados como viveram neste mundo, aproveitamos o ensejo para, nestas despreziosas linhas, render-lhes a nossa comovida e sincera homenagem.



www.colecaomossoroense.org.br

A Decadência do Ensino

Muito se tem dito e escrito a respeito da decadência do ensino. Apontam-se-lhe as causas mais diversas. A primordial, porém, senão a única, é o estado de permanente miserabilidade em que se debate o professorado. Os seus vencimentos são simplesmente ridículos. Depõem contra os nosso foros de povo civilizado. Conhecemos varredores de Repartições Federais que percebem Cr\$ 1.300,00 (mil e trezentos cruzeiros), enquanto o professor primário, quando chega ao último degrau da carreira, ganha apenas Cr\$ 750,00 (setecentos e cinquenta cruzeiros). Um catedrático da Escola Normal ou do Colégio Estadual faz Cr\$ 1.200,000 (mil e duzentos cruzeiros).⁷ Este fato dispensa qualquer comentário, tal o gritante e incrível absurdo que encerra!

A situação do professorado primário é precaríssima. Os vencimentos que percebe não chegam para manter-se. Estão mesmo muito longe disso. As imperiosas e prementes necessidades obrigam-no a desviar as suas atividades da Escola, acarretando graves prejuízos para o ensino.

⁷ Ultimamente, com a reestruturação do magistério feita por proposta do Governador Silvio Pedrosa, passaram os professores do Colégio Estadual e da Escola Normal a perceber Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros).



www.colecaomossoroense.org.br

A carreira começa na classe **D** com Cr\$ 600,00 e termina em **G**, com Cr\$ 750,00⁸. Foi extinta, inexplicavelmente a classe **I**. É este, sem a menor sombra de dúvida, o motivo primordial da decadência do ensino, em nosso Estado. Passando toda sorte de privações, o professor, por mais abnegado que seja, per o estímulo, e as conseqüências se refletem, de modo desastroso, em sua Escola. Dêem-lhe melhores vencimentos, compensadores de seu esforço, à altura de sua nobre missão, e será dado um passo agigantado no sentido da melhoria do ensino em nosso Estado. Temos bons professores, conscientes dos seus árduos e espinhosos deveres. Muitos deles com uma soma de serviços relevantes prestados ao Estado. Contando com essa equipe de elementos de primeira ordem, poderemos realizar uma obra meritória em benefício da instrução em nossa terra.

É sabido que sobre os seus ombros recai uma imensa soma de deveres, obrigações as mais árduas e responsabilidade as mais graves.

Receber a criancinhas inocentes e analfabetas; guiar-lhe os primeiros passos na vida; ensinar-lhe o bom caminho, educando-a e instruindo-a, é uma missão que tem qualquer coisa de sublime e grandioso.

⁸ O Professor Primário, da classe inicial, percebe Cr\$ 900,00 (novecentos cruzeiros), e da final, Cr\$ 1.400,00 (mil e quatrocentos cruzeiros). Foi restabelecida a classe **I**, e foram criadas **H** e **J**.



www.colecaomossoroense.org.br

Não é para qualquer pessoa desempenhá-la. É preciso que seja possuidora de qualidades e atributos bem acima do comum. Não é necessário que tenha grandes conhecimentos literários ou pedagógicos. O que é indispensável, imprescindível, é que tenha vocação e verdadeiro amor ao trabalho.

A pessoa que, sem vocação, ingressa no magistério visando apenas fazer dele um meio de vida, um balcão para ganhar dinheiro, é uma criminosa de lesa humanidade, pois os males que causa são indescritíveis. Daí, a necessidade de seleção rigorosa entre todos os que pleiteiam uma cadeira de professor.

O professor Firmino Costa, Diretor da Escola Normal Oficial de Belo Horizonte, assim se expressou: “ A Escola é a Segunda sociedade, que vem acolher o menino e auxiliar a família na educação dele. No trato diário com os professores e os colegas, durante as aulas e nas horas de recreio, saindo a passeio ou tomando parte nas festas, os alunos irão apurando o seu procedimento, a fim de que possam tornar-se bons elementos sociais”.



www.colecaomossoroense.org.br

Um Belo Artigo⁹

Magistério

Senhores do Poder, Presidente, Ministros, Governadores, Secretários, vós, todos que empunhais o Poder e exerceis pela escolha do povo ou de vossos superiores! É para vós o meu discurso. Sereis vós os ouvintes, será o magistério o assunto e a galeria silenciosa será composta de professoras das mais variadas idades. As mais fracas e as mais fortes, mas principalmente as mais pobres e mais dedicadas, prestarão atenção. senhores do Poder, a vós me dirijo. O assunto, tão velho e tão novo, é o magistério, onde tantas de nós se sacrificavam inutilmente. Inutilmente, sim, porque teremos alfabetizados muitos poucos alunos e estaremos já na contingência de renunciar. Falta de energia? Nunca! Pois em qualquer outra profissão desdobraremos a mesma atividade. Então, por que? Porque é tamanha a indiferen-

⁹ Neste capítulo, limitamo-nos a transcrever, data vênua, o artigo abaixo, da professora Theresa de Almeida, publicado na “Revista da Semana”, de 02 de junho de 1951.



www.colecaomossoroense.org.br

ça a nosso respeito, é tão mísera a assistência que nos é prestada, é tão pequena a nossa remuneração, que pouco tempo será passado e teremos procurado outra forma de vida menos sacrificada e melhor recompensada.

De onde surgiu a lenda de que as professoras nada fazem? Das 8 às 12 da manhã é o horário, sim, mas e o que se faz fora do horário? As correções de pilhas de cadernos? Os planos de aula e as unidades de trabalho? As comemorações? As pesquisas dos assuntos? A elaboração das matérias? O estudo do próprio material humano que se tem nas mãos? Dentro da aula não há trinta ou quarenta alunos exatamente iguais. Há quarenta problemas em tudo dissemelhantes: Há pobres e ricos; há filhos de bêbados que trazem taras; há crianças doentes; há crianças cheias de complexos; há crianças que não têm roupa; há crianças que os próprios colegas perseguem. Não são quarenta problemas apenas, porque maiores são os problemas que a professora precisa resolver na figura dos pais dos alunos. Nos vilarejos é preciso que se eduque, não quarenta crianças, mas a vila inteira.

Quantas vezes um vilarejo hostiliza uma professora nova porque gostava mais da anterior? Quantas vezes uma professora luta com o meio, com as colegas e com os próprios superiores?

Vós, que não temeis a responsabilidade de vossos cargos, que não hesitais em ocupá-los quando para eles designados, sa-



www.colecaomossoroense.org.br

beis que ninguém poderá chamar-nos “covardes” quando assinarmos nosso pedido de demissão.

Com Cr\$ 850,00 Senhores do Poder, vivemos nós, professoras estagiárias e, além de viver (o que implica em quarto, comida, roupa, calçado, remédios e mais a passagem de duas longas viagens, no mínimo em cada ano), de nosso dinheiro tiramos roupas, cadernos e livros para os alunos pobres. Com nosso dinheiro temos de viajar à cidade, onde está a Delegacia de Ensino, para tratar de assuntos do Grupo Escolar, é de nosso ordenado que tiramos o necessário para pagar telefonemas, telegramas, etc., de assuntos relativos ao ensino. E muitas vezes os selos e os envelopes da correspondência da escola que está falida.

Não há material escolar dentro da maioria dos Grupos Escolares. Não há caderno, nem lápis, quanto mais o material indispensável para desenvolver planos de ensino e tentar modernizar nossos métodos.

Senhores do Poder, vós que ganhais vinte, trinta, quarenta, cinquenta mil cruzeiros, estarieis ganhando isso se não tivesse aparecido em vossa infância quase esquecida, uma simples professora? Velha ou moça, risonha ou enérgica, ela sentou-se ao vosso lado, num banco de escola ou dentro de vossa casa e, com paciência, abriu um livro estranho, apontou figuras e riscos, dizendo:



www.colecaomossoroense.org.br

Isso é uma letra. Você vai aprender a ler e a escrever e será depois, um brasileiro de verdade.

Senhores do Poder, Presidente, Ministros, Governadores, Secretários, todos vós, lembrai-vos da humilde professora primária que fez de vós o que sois hoje. Tenho dito.



www.colecaomossoroense.org.br

O Professor João Tibúrcio

Dentre os professores de português que o Rio Grande do Norte tem produzido, destaca-se, como estrela de primeira grandeza, *primus inter pares*, João Tibúrcio da Cunha Ribeiro.

O prof. João Tibúrcio, uma das glórias mais legítimas do magistério norte-rio-grandense, nasceu no Sítio Suspiro, município de Goianinha, a 13 de maio de 1845. Estudou com o Padre Joaquim Severiano Ribeiro Dantas. Começou como professor particular em São José de Mipibú. Aos 24 anos fez concurso em Natal para a cadeira de Latim do Ateneu, contra a vontade prepotente do então Presidente da Província, que tinha um candidato no bolso do colete. O interesse de S. Excia. pelo pupilo era tão grande, que foi assistir, pessoalmente, a realização das provas. João Tibúrcio, porém, saiu-se tão brilhantemente que o seu competidor, apesar de Padre e tão altamente protegido, não logrou classificação. Foi nomeado regente da cadeira de Latim, no Açu, assumindo o exercício a 06 de abril de 1869. A política dominante, na época, fez transferir o prof. Cosme Damião Barbosa Tinoco, lente de latim do Ateneu, para a cidade da Imperatriz (martins). É sempre assim: os políticos brigam e o pobre do mestre-escola é quem paga o pato. João Tiburcio foi então removido do Açu para o Ateneu. Tomou posse a 15 de junho de



www.colecaomossoroense.org.br

1869. A 1º de março de 1905 passou a ocupar a cadeira de português do mesmo estabelecimento.

Depois de 58 anos de ensino ininterrupto, o Governo aposentou-o, ex-officio, com os vencimentos integrais, a 13 de maio de 1927. Prêmio merecido ao velho mestre que, durante tão longo tempo, honrou e dignificou a cátedra com o saber, a virtude, o amor e o exemplo. Tirou-lhe, porém, o *habitat*. O elemento vital. A própria razão de sua preciosíssima existência. E ele não resistiu ao golpe. Um mês depois estava morto. Faleceu a 24 de junho do mesmo ano em Panelas (Bom Jesus), município de Macaíba. Foi sepultado em Natal.

A Escola era a seiva vivificadora que lhe dava alento, força e energia. Tiraram-na, e o grande educador caiu fulminado.

Filólogo emérito, o prof. João Tibúrcio conhecia a fundo todos os segredos da língua portuguesa. As raízes mais longínquas e obscuras. As mais graves e complicadas questões etimológicas e sintáticas, e que ainda hoje produzem dor de cabeça em muita gente boa. Além de conhecedor profundo do português e do latim, manejava, com facilidade, o grego e o espanhol.

No regime monárquico, foi soldado disciplinado do Partido Liberal, chefiado pelo seu sogro. Dr. José Moreira Brandão Castelo Branco. Foi duas vezes deputado provincial (1878 – 79 e 1880 – 81). Diretor interino da Instrução Pública (1892 – 93)



www.colecaomossoroense.org.br

Juiz Distrital da Capital e primeiro suplente de Juiz Substituto Federal. Lente de Português da Escola Normal de Natal durante 06 anos. Ensinava em estabelecimentos particulares e em casas de amigos. Infelizmente não deixou livro nem vestígios impressos do seu grande cabedal de conhecimentos do português e do latim. Nunca faltava às aulas. Quer chovesse, quer fizesse sol. Chegava a hora certa, com o indefectível charuto barato, e o inseparável guarda-chuva. Companheiros fiéis e testemunhas silenciosas do seu labor imenso e produtivo. De sua faina incompreendida e sem compensação. Do seu trabalho de mestre incomparável.

Alunos e ex-alunos, todos eram, para ele, eternas crianças. “Aquele menino Alberto Maranhão... Aquele menino Tavares de Lyra”.

Não podíamos deixar de, nesta pobre série de crônicas, prestar a nossa mais sincera e respeitosa homenagem à memória sagrada desse eminente pedagogo, honra e glória imarcescível do magistério potiguar.



www.colecaomossoroense.org.br

Um Relatório de Mestre¹⁰

O professor Francisco Gonzaga Galvão¹¹, Diretor Geral do Departamento de Educação, teve a gentileza de nos mostrar um relatório que acaba de apresentar ao Exmo. Sr. Governador do Estado.

Trata-se de uma peça completa, sucinta e magistral. De quem entende do assunto. De quem está senhor de angustiosa situação do ensino e do professorado em nossa terra. De mestre. De guieiro seguro e consciente de suas responsabilidades. É um documento que merece ser estudado com o maior carinho. O maior interesse. A maior solicitude. Honra o seu autor.

São 23 páginas datilografadas, distribuídas em 15 capítulos. Expostos, com a maior clareza, todos os intrincados meandros do grave e complexo problema.

Uma demonstração cabal e ampla de todas as facetas. Das falhas. Das lacunas. Dos pontos fracos. Dos erros. Das necessi-

¹⁰ A situação financeira atual do professorado do Rio Grande do Norte está um pouco modificada para melhor. O Governo do Estado fez um pequeno aumento em seus vencimentos e reestruturou o respectivo quadro.

¹¹ O professor Francisco Gonzaga Galvão foi substituído na direção do Departamento de Educação pelo Professor Severino Bezerra de Melo.



www.colecaomossoroense.org.br

dades. Aponta os meios de saná-los. De corrigi-los. De resolvê-los.

Enfeixando em suas mãos todos os assuntos que dizem respeito ao ensino no Estado, o professor Gonzaga Galvão faz, com o pulso firme, largas considerações a respeito do mesmo. As suas necessidades prementes, os seus defeitos, as suas mazelas. Com o seu bisturi de bom entendedor, fere a fundo a grave questão. Na superfície, nas arestas, e até no âmago. Deslinda, analisa, esclarece. Desata, um por um, todos os nós que encontra no enormíssimo fio de Ariadne. Coloca o ponto dos “is”.

O ensino primário, normal, secundário, profissional, rural, supletivo e superior é estudado cuidadosamente. Pacientemente. Proficientemente. Nada escapou ao seu olhar arguto e perscrutador. Um estudo acurado e sereno em cada capítulo. Uma solução para cada caso.

Não é uma peça acadêmica, cheia de lirismo ou conceitos poéticos. É um trabalho sério e realista. À altura do momento em que vivemos. Da gravidade do caso.

Seu ilustre autor encara o monstro de frente, peito-a-peito, sem medo, sem temor, fala alto e claro, com coragem e a convicção dos que sabem o que querem, o que desejam, para onde vão.

No capítulo dedicado à Inspetoria, por exemplo, ele diz da impossibilidade em que se acham os Inspectores de exercerem a



www.colecaomossoroense.org.br

sua missão utilíssima, vez que percebem uma diária de Cr\$ 12,20.

Falando do professorado primário, põe a nu o estado de miserabilidade em que se acha o mesmo, com vencimentos que mal lhe chegam para não morrer de fome! Os diretores dos Grupos Escolares da capital, com um trabalho estafante e enorme responsabilidade, têm uma gratificação de R\$ 300,00, e ordenado de R\$ 900,00! Com esses minguados vencimentos, precisam andar mais ou menos decentemente, em virtude da própria função. Um contínuo da Prefeitura de Natal ganha tanto quanto eles.

A Escola Profissional Feminina¹² é uma instituição de primeira ordem, que vem prestando serviços relevantes à população feminina, pobre, não só da capital como de todo o Estado. Tem atualmente uma matrícula de 600 alunas. Funciona em prédio inadequado, cujos salões de aula são verdadeiros cubículos.

Assim, o ilustre Diretor Geral do Departamento de Educação prestou um serviço de real valor à causa sagrada do ensino no Rio Grande do Norte.

¹² A Escola Profissional Feminina foi criada por proposta do prof. Severino Bezerra de Melo, em uma das suas passadas administrações no Departamento de Educação. Tem internato e externato. Obedece à criteriosa e competente direção da professora Maria Eutália de Menezes Ribeiro.



www.colecaomossoroense.org.br

O Velho Raimundo Saraiva

Conheci, há vinte anos passados, na então vila de Portalegre, o velho Professor Raimundo Saraiva de Moura. Lídimo representante da Escola Tradicional, era dedicado de corpo e alma à sua profissão. Depois de cinquenta anos de um trabalho estafante, alfabetizando milhares de pessoas, abatido pela doença e pela velhice, não pode mais trabalhar. Passou ainda dois ou três anos de sofrimentos, imobilizado numa velha rede. Vítima da mais atroz e negra miséria, só não morreu de fome graças ao espírito filantrópico dos seus numerosíssimos ex-alunos. E assim terminou os seus dias, comendo o pão negro e amargo da caridade pública, aquele que passara toda vida fazendo o bem.

Raimundo Saraiva de Moura é bem o símbolo de toda uma classe sofredora e martirizada; de uma classe que vive combatendo a ignorância; de uma classe que dissipa as brumas da inteligência e forma os caracteres fortes e sadios; de uma classe, finalmente, a quem falta o pão material, embora distribua, a mancheias, o espiritual.

Apesar das mil vicissitudes que sofre, e que vimos descrevendo desde o início desta série de artigos desalinhavados e despreziosos, o professorado do Rio Grande do Norte é, na sua absoluta maioria, consciente de suas responsabilidades. Cumpre com os seus árduos deveres, religiosamente. Com re-



www.colecaomossoroense.org.br

signação. Com dinheiro ou sem dinheiro. Com o estômago cheio, ou vazio. Com saúde, ou sem saúde. Prazerosamente. Nobremente. Estoicamente. Faz da sua profissão um sacerdócio. Salvo, é claro, algumas exceções de elementos vencidos pelos naturais rigores e asperesas que temos de enfrentar a cada passo. Os outros são professores de verdade. Não possuem, porém, grandes cabedais de conhecimentos, pois não podem comprar sequer um livro.

Aqueles que têm uma vontade de ferro, tornam-nos emprestados aos mais afortunados. Estudam. Mil obstáculos barram-lhes o caminho. Enfrentam-nos corajosamente. Como todo ser humano, têm momentos de desânimo. Reagem e vencem. São, infelizmente, bem poucos os que o conseguem. Estes brilham em qualquer profissão. Não só têm talento, como o espírito retemperado pela dureza do rude combate. São os Raimundo Nonato da Silva, Acrísio Freire, F. Rodrigues Alves e pouquíssimos outros. Plêiade magnífica de abnegados. Heróis da cruzada sacrossanta. Novos Titãs. Educadores completos. Começaram nos mais longínquos municípios do Estado, e chegaram à capital, depois de 15, 20 ou mais anos de serviço. Aprenderam, decerto, as belíssimas lições do imortal autor de “O Poder da Vontade”.

Se o analfabetismo é o problema fundamental e único do Brasil; se de sua solução depende a salvação de nossa Pátria; se



www.colecaomossoroense.org.br

o professor primário é o obscuro e anônimo operário que está, paulatina e heroicamente, resolvendo-o; se isto não é certo como e dois são quatro, que se dê ao professorado remuneração condigna, afim de que ele prossiga, vitoriosamente, na sua missão, pondo em prática o conceito magistral de Maria Montessori: “Em educação nós nos propomos dois fins, um biológico, outro social: auxiliar o desenvolvimento natural do indivíduo, preparar este para o seu meio.”



www.colecaomossoroense.org.br

O Grande Problema do Brasil

*“O que há no Brasil é o desmazelo
multissecular pela educação do povo.”*

Mário Pinto Serva

Como é do conhecimento de todos, o Brasil conduz, em seus largos ombros, um imenso peso morto que o asfixia e enterra enormemente o seu progresso: é o analfabetismo, esta horrenda chaga social que tanto infelicita a nossa Pátria.

Não nos envergonhamos de dizer que dos 52 milhões de brasileiros, 25 milhões são analfabetos! A ignorância é impotência e miséria. Este grande mal, se não for atacado vigorosamente com todas as forças do nosso patriotismo, matará o Brasil! Um povo analfabeto é um povo fadado ao desaparecimento. “Para os grandes males, os grandes remédios”. Iniciemos imediatamente uma grande campanha de salvação nacional, para que todos os brasileiros sejam obrigados a se alfabetizar e a se instruir. Guizot lançou, na França, as bases da educação popular, obrigando todas as comunas a criarem as escolas necessárias para a população local. Deixemos de ser pessimistas. Encaremos o proble-



www.colecaomossoroense.org.br

ma com otimismo e destemor. Deixemos de discursar, falas e conversas fiadas. Isto não adianta. Sejamos mais práticos. Vejamos a realidade confrangedora, revisitamo-nos de coragem e boa vontade, e ataquemos o monstro de frente. A espantosa mortalidade infantil, a tuberculose, a sífilis, o impaludismo e tantas outras doenças que ceifam milhares de vidas anualmente, são frutos da mais crassa e ignominiosa ignorância, em que jaz o nosso povo, provinda do analfabetismo.

Que os governos federal e estaduais decretem a obrigatoriedade imediata do ensino em todos os quadrantes do território nacional, tomando medidas drásticas para a sua execução! Que as 1.884 municipalidades brasileiras despendam, como as norteamericanas, 30 a 35% de suas rendas com a instrução pública. Não se diga que isto é impraticável. “Impossível” – dizia Napoleão – “é um vocábulo que só existe no dicionário dos imbecis.” A República Argentina¹³ cuja população é quatro vezes menor do que a nossa, tem uma produção três vezes maior, graças à instrução dos seus filhos! A produção de galinhas e ovos da pequeníssima Dinamarca, cuja população é quase trinta vezes menor que a nossa, é muito maior que a do Brasil, isto porque não

¹³ Vale dizer aqui que a Argentina deve tudo a um professor primário, Domingo Sarmiento, que foi o maior de seus presidentes. Sarmiento deu mesmo à Argentina o grande destino que merecia na marcha dos seus tempos e no desenvolvimento da Civilização.



www.colecaomossoroense.org.br

existe um só dinamarquês analfabeto. Bismark, o Chanceler de Ferro, dizia que o mestre-escola havia ganho a guerra franco-prussiana de 1870. O impulso formidável que o governo norte-americano vem dando à educação popular, desde os primórdios do século XIX, operou esse prodígio inédito na história do mundo: dentro de tão curto espaço de tempo tornar-se o grande país do norte a mais rica, forte e poderosa potência do universo!

O Brasil – já se tem dito isto milhares de vezes – é um país imenso, o terceiro do mundo em extensão territorial! Suas riquezas são inesgotáveis em todos os reinos da natureza! Só a região amazônica, com os seus três milhões de quilômetros quadrados, tem capacidade para abastecer o mundo inteiro durante um século, segundo o testemunho insuspeito de Humboldt. Entretanto, a grande maioria dos habitantes deste país do tamanho de um continente, e de tão imensas e fabulosas possibilidades econômicas, vegeta na mais negra miséria! Precisamos acordar o gigante que dorme, a fim de que ele ocupe o lugar a que tem incontestável direito entre as primeiras potências da terra. Instruindo todos os brasileiros, a grande Pátria de Riu terá a marcha evolutiva do progresso acelerada de tal modo que, dentro de poucos anos, fortificada econômica e militarmente, fará valer o direito da força como tem feito a força do direito.

Acorda, Brasil!



www.colecaomossoroense.org.br

D. Emília

“Uma vida ociosa é uma morte antecipada.”

Goethe

Emília Rodrigues morreu, em Macaíba, no ano de 1949. Com 84 anos de idade. Passou 68 ensinando. Nunca teve férias nem licença. Ferida por uma terrível paralisia que lhe matou as pernas, mesmo assim, ensinava o dia inteiro até alta noite.

Nunca ouvi falar numa tão grande vocação e amor ao ensino. A única remuneração que percebia era uma mísera subvenção de Cr\$ 100,00 mensais. Nada cobrava dos seus alunos. O seu bom humor era contagiante. Quem quisesse vê-la zangada, lhe falasse em aposentadoria. Dizia que não poderia viver sem a sua escola. Esta era como que um complemento de sua própria existência. O seu pão espiritual. A sua alegria. O seu ambiente. O seu lar. O seu *habitat*. A sua consolação. O seu viver. O seu elemento. A sua força. A sua vitalidade. A sua energia criadora. Só se sentia bem quando estava no meio dos seus alunos. Eram seus filhos prediletos e bem amados. O verdadeiro professor não envelhece nunca. É um eterno jovem. Vibra com seus alunos. Os anos se sucedem, e ele se conserva na primavera da vida. Tem alacridade e fulgurações juvenis. Canta permanentemente a poesia da vida. Cada urze que encontra na escalada íngreme, é



www.colecaomossoroense.org.br

transposta sorrindo. Cantando. Brincando. Louvando ao Deus Supremo, criador dos mundos infinitos. Elevando-Lhe preces fervorosas. Oferecendo-Lhe o seu sacrificio cruento. Glorificando-O. vendo no vozear das criancinhas, no perfume das flores e no esvoaçar dos pássaros; no murmúrio das águas tranqüilas dos regatos cristalinos, e no ulular esbravejante das vagas revoltas; na dignidade das donzelas e no lamaçal do vício; na escuridão do báratro profundo, e na luminosidade das estrelas; na radiosidade do Bem, e no negror do Mal; no vôo das águias altaneiras, e no rastejar dos vermes da terra; no sorriso das criaturinhas inocentes, e na maldição dos grandes criminosos; na extrema miséria dos leprosos morais, e na sublimidade do amor maternal; nas torturas infernais, e na paz do Nirvana; no balido dos mansos cordeirinhos, e no bramido dos tigres no deserto; nas profundezas do pélagos, e nas belezas aurorais; no prazer e na dor; no riso e na lágrima; na oração do crente, e na blasfêmia do incrêuo; na mentira, e na verdade; na infância, juventude, mocidade e velhice, na vida, e na morte; na bondade, e na maldade; na vida infinitesimal do átomo, e na magnitude sem par da natureza. Em tudo isso, obras poderosas que existem graças a esse mesmo Deus sempiterno, complacente e misericordioso.

Era assim D. Emília Rodrigues. Uma criança de 84 anos. Era grande a sua pobreza material, porém imensa a riqueza espiritual. Nunca leu Samuel Smiles, pois os seus conhecimentos



www.colecaomossoroense.org.br

literários eram muito curtos. Mesmo assim, professora nata, olhava a vida por um prisma cor de rosa. Em seu redor não havia tristezas. Possuía uma varinha de condão, com a qual as enxotava para bem longe. Tinha a doce paz de espírito, que só é dado aos justos conhecer.

Assim terminou os seus dias, por entre as bênçãos de Deus e dos homens de boa vontade, aquela pobre e obscura educadora.

Enquanto os maus se despedem da terra entre horrores tenebrosos, João Maria morre cantando: “*Tota pulchra est Maria.*”



www.colecaomossoroense.org.br

Um Grande Mestre

*“Nenhum descontentamento, nenhum desânimo:
se acabas de naufragar, recomeça”*

Marco Aurélio

Tive, há poucos meses, uma das maiores alegrias da minha vida. Recebi, em meu pobre e modesto lar, a honrosa visita de um antigo professor e querido amigo, chama-se Tércio Rosado Maia. Há muitos anos que não tinha o prazer de vê-lo. Velho, alquebrado, quase cego. Quando moço, tentou vários meios de vida: comerciante, industrial e outros. Não acertou o passo. Apesar da proteção, ajuda, estímulo e exemplo do pai austero e venerando.

Tinha quase 40 anos quando transferiu-se para Recife, ingressou no Magistério e no jornalismo. Dentro de pouco tempo triunfou em toda linha. Brilhantemente, começou conquistando o primeiro lugar, entre dezenas de candidatos, num concurso para docente do Ginásio Pernambucano. Encontrara, finalmente, o seu elemento. Galgou todos os postos da carreira, atingiu o ápice. É catedrático da Universidade de Pernambuco. Respeita-



www.colecaomossoroense.org.br

do, mais que isto, venerado. Quando na Cátedra, se transforma. Transfigura-se, metamorfoseia-se, cintila, chispa, ilumina, brilha, fulgura, atinge as culminâncias dos candores, apesar dos anos, da longa e pertinaz enfermidade, vira menino, vibra.

A figura bisonha e cansada resplandece, é o mestre, na mais completa e ampla acepção do termo. O grande mestre que formou gerações. Seu prestígio no seio da classe estudantina é imenso. Domínio absoluto, pelo caráter sem jaça, pela grande sabedoria, pela nobreza do coração, pela bondade infinita.

Uma fome insaciável de saber, vasta e sólida cultura, poliforma, estudioso incansável, as prolongadas leituras, noite velha, extinguiram-lhe a visão, quase por completo.

Farmacêutico, dentista, bacharel, quartanista de Medicina, estilista, cultor das belas letras, escritor primoroso, eterno apaixonado da boa e sã literatura, enamorado da prosa em alto estilo, familiar de todos os mestres da literatura universal – antigos, modernos, contemporâneos –, um cabedal de conhecimentos, uma modéstia que ultrapassa todos os limites.

Procurei animá-lo a escrever uma obra de fôlego, à altura do seu grande saber, escusou-se modestamente. É um homem singular, alma grande e branca como o arminha, espírito juvenil, palestra encantadora, senhor de todos os assuntos, linguagem simples, pausada, firme, escorreita, proficiência e profundidade de conceitos, uma vida bem vivida, cheia de benefícios à coletivi-



www.colecaomossoroense.org.br

dade, clara e bela, qual Francisco de Assis, “o trovador de Deus”, é incapaz de cometer uma ação má, simples entre os mais simples, desprendido de todo interesse material, magnânimo, sempre pronto para a prática das mais nobres ações.

Incompreendido em seu berço natal, sofreu os maiores dissabores.

Ninguém é profeta em sua terra, sua pena é leve e sisuda, discorre, com rara inteligência e maestria, sobre os mais intrincados e variados assuntos.

O professor, o padre e o médico não se fazem, nascem feitos, Tércio Rosado nasceu professor, e, como tal, poucos o igualam, raros o ultrapassam.

Cumpriu, e muito bem, a sua missão na terra, felizes daqueles que, como ele, passam a vida fazendo o bem. *Avis rara! Avis rara!*



www.colecaomossoroense.org.br

Comentários¹⁴

“As necessidades do ensino estão perfeitamente no mesmo pé que as da defesa nacional”

Ruy Barbosa

Vamos, neste capítulo, mudar de ritmo. Em vez de focalizarmos personalidades, vivas ou mortas, do magistério potiguar, averiguarmos o que se passa em outro setor, não menos interessante, do complexo problema que vimos analisando.

A organização do ensino primário no Rio Grande do Norte está carecendo urgentemente de uma reforma.

Na sua estrutura, desde a Diretoria Geral do Departamento de Educação à escola isolada.

¹⁴ O atual Diretor Geral do Departamento de Educação do Rio Grande do Norte, professor Severino Bezerra de Melo, cheio dos melhores propósitos de bem servir à causa pública, nomeou uma comissão de professores para, sob a sua imediata e esclarecida orientação, reformar o regimento interno e os programas do ensino primário.



www.colecaomossoroense.org.br

É obsoleta, antiquada, mofada, decrépita, caronchuda, carcomida, enferrujada, desajustada, desengonçada, fora de forma, precisa boa injeção de sangue novo, de rejuvenescimento, do Dr. Voronof...

Querem ver um exemplo frisante da velharia? O Diretor Geral enfeixa em suas mãos todos os serviços técnicos e administrativos. Isto é um absurdo! Incrível! Gritante! Inexplicável! Há trinta anos passados, estava certo. Hoje, erradíssimo! O número de escolas multiplicou-se por cem. Consequentemente, todos os serviços. O resultado é que ele é completamente absorvido por um serviço ingrato e estafante, que lhe toma todas as horas. Por mais prodigiosa que seja a sua capacidade de trabalho. A máquina enguiça. Não pode cuidar, ao mesmo tempo, da administração, fiscalização, orientação e difusão do ensino. Humanamente impossível. Urge uma reforma radical. Desdobrem-se as funções. Dê-se nova feição à Inspeção de Ensino, órgão de primeira ordem. Com uma tarefa pesadíssima e de capital importância. De sua ação eficiente, vigilante e diuturna depende, em grande parte, o êxito do labor escolar. Acontece, porém, infelizmente, que a Inspeção está praticamente incapacidade de exercer o seu grande papel. Enquanto o Estado de Santa Catarina, por exemplo, com 52 municípios, tem 38 Inspectores de Ensino, bem remunerados, o nosso, com 48 municípios,



www.colecaomossoroense.org.br

tem 05 Inspectores¹⁵, com uma remuneração ridícula e uma diária simplesmente vergonhosa! O paralelo é chocante. Deprimente, entristecedor, confrangedor, humilhante, doloroso. Mas, desgracadamente, verdadeiro. Eis aí uma outra causa primordial do descalabro do ensino.

Quando deixamos a Inspetoria, há dez anos passados, para assumir a direção do Grupo Escolar “Augusto Severo”, desta capital, já sentíamos essa deficiência, que se foi acentuando, cada vez mais, através dos anos. Até chegar ao que hoje é: uma lástima...

Os seus atuais serventuários são todos homens dignos e capazes. Professores da velha guarda. Longo tirocínio nas lides do ofício. Trabalhadores. Esforçados. Conhecedores do *metier*. Em todas as suas intrincadas minúcias. Honram o magistério riograndense. Não podem, é claro, obrar milagre...

Nos Grupos Escolares o horário foi reduzido de 04 para 03 horas, em virtude do crescente número de alunos. O programa continuou inalterável... O canto orfeônico, uma disciplina de primeira ordem, foi um dia...¹⁶ Já não ouvimos mais, em nossas festas escolares, coros de vozes infantis, entoando hinos harmônicos. Aquelas concentrações magníficas, de impressionante

¹⁵ Com a recente reestruturação do magistério, foram criados mais 05 lugares de Inspectores.

¹⁶ O canto orfeônico foi restabelecido, com real proveito para os alunos.



www.colecaomossoroense.org.br

beleza artística, que davam tanto realce às festas cívicas. E de indiscutível valor educativo. Essa disciplina que revela vocações para a divina arte, e que, há 120 anos, foi introduzida nas escolas primárias dos Estados Unidos. E desde então praticada ininterruptamente, com o maior sucesso, despertando pendores, preenchendo a sua alta finalidade.

O ensino, na sua quase totalidade, entregue a professores leigos, completamente ignorantes da elevada e nobre missão. Classes superlotadas, com 60, 80 alunos, reina permanentemente a balbúrdia, a confusão, algumas funcionam duas horas apenas, não se trabalha, alinhava-se. Não se observa nenhum método. Intuitivo? Indutivo? Analítico? Analítico-sintético? Toda uma coleção de nomes bonitos e ressonantes. Na prática, segue-se o método confuso. É claro que falamos em tese. Existem exceções bem honrosas.

A Educação Física, outro fator preponderante do desenvolvimento físico e intelectual da criança, também não existe mais. Foi banida, expulsa, exilada, por motivo ignorado.

Referimo-nos, apenas, a algumas das graves falhas da entrosagem do nosso ensino primário, bem digno de melhor sorte. Todo um amontoado de erros, cada qual o mais prejudicial. Há, ainda, o absoluto desinteresse dos pais, cuja única preocupação é ver o filho passar para o ano imediato.



www.colecaomossoroense.org.br

Cumpra aos homens públicos do Rio Grande do Norte promoverem uma reforma substancial em nossa organização do ensino primário, salvando as gerações futuras da bancarrota total, de conseqüência imprevisíveis para nossa terra.¹⁷

¹⁷ É de justiça salientar que, nem o atual governo do Estado, nem o Diretor do Departamento de Educação têm a maior culpa da má situação do ensino. Bem ao contrário, estão procurando melhorá-la, por meio de medidas adequadas e oportunas.



www.colecaomossoroense.org.br

Seu João, o Simples

“A primeira parte da política é a educação; a segunda, a educação; a terceira, a educação”.

Michelet

Um dos mais humildes e dedicados professores primários que temos conhecido é João Carlos de Sousa. Nasceu em Macau, a 25 de fevereiro de 1882. Veio para Natal aos 08 anos de idade. Frequentou a Escola Normal, porém não se diplomou, devido à situação de penúria em que vivia. Órfão de pai, mãe paupérrima, precisava trabalhar para manter a família. Escolheu a mais ingrata das profissões. A de mestre-escola. Começou a lecionar a 27 de abril de 1918. Sua escola é pobre como ele. Desprovida de qualquer conforto material. Alguns toscos e velhos bancos, um quadro negro, uma mesa e nada mais.

Seu João, como é conhecido em todo o bairro das Rocas onde trabalha desde que fundou a sua escola, é respeitado por gregos e troianos. Desde a época da fundação até agora nunca teve férias. Percebe do Estado uma subvenção de cem cruzeiros mensais. Alguns alunos lhe dão uma pequena contribuição. A maioria, porém, nada lhe dá. Trabalha das 07 às 10, das 13 às 16



www.colecaomossoroense.org.br

e das 19 às 21 horas. Envelheceu no trabalho honesto e diuturno, porém não arrefeceu o seu entusiasmo. Continua desasnando crianças e jovens com uma paciência beneditina. Satisfeito com o pouco que ganha, contente com a sorte, dando muito e recebendo quase nada...

Católico prático, de convicções inabaláveis, tem ainda tempo suficiente para cuidar da Igreja do seu bairro, a qual zela com o maior carinho. Não alimenta outro ideal na vida que não o de trabalhar pela sua Escola e pela sua Igreja. É um homem simples e morigerado. Solteirão de costumes rígidos e severos, nunca se lhe apontou um deslize ou um ato menos digno.

A escola é uma oficina onde se constróem as civilizações, e o professor é o operário vigilante e diligente. O seu labor dignifica e enobrece, pois é dele que depende a felicidade dos povos. As asperezas da luta são outros tantos louros que lhe coroarão a frente vitoriosa.

O homem que emprega o seu tempo tão utilmente como João Carlos de Sousa, é um benemérito. Rico de humildade, de seriedade, de mansuetude, de beleza espiritual.

Enquanto existirem neste mundo homens como este, as forças do mal, desagregadoras da sociedade hodierna, encontrarão barreiras intransponíveis.



www.colecaomossoroense.org.br

Um Triunfador

“A felicidade do homem está no sentimento de sua dignidade, no amor da verdade, que o põe em paz com a sua razão, no amor do bem, que o põe em paz com a sua consciência”

João Macé

Vamos traçar, rapidamente, o perfil moral de um homem, desses raros que se escreve com H maiúsculo. Chamava-se Joaquim de Fontes Galvão. Uma doença horrível paralisou-lhe Quase todo o corpo. Movia apenas os braços. Viveu muitos anos pregado numa cadeira de rodas. Possuidor de uma energia sobre-humana, conseguiu dominar a própria dor que o torturava constantemente. Professor particular, trabalhava das 7 às 23 horas, com intervalo apenas para as refeições. Era, também, jornalista dos mais brilhantes. Uma bondade infinita. Uma fonte inesgotável de energias insuperáveis. O corpo cheio de chagas, em consequência da longa e permanente imobilidade. Mesmo assim tratava a todos com a maior lhanza e cavalheirismo de um perfeito gentleman. Qualquer pessoa que deles se aproximasse longe estava de imaginar que sofresse tanto. Parece que os seus



www.colecaomossoroense.org.br

padecimentos físicos, inenarráveis, lhe forneciam novas forças para o duro combate do ganha-pão diário. Foi um verdadeiro mártir. E também um triunfador. Pobre e aleijado, sustentava mulher e filhos com o seu trabalho honesto. O seu esforço incomparável. O seu sacrifício ilimitado. Absorvia-se completamente pelo trabalho. Nunca se lhe ouviu um queixume. Sempre alegre e sorridente. Inteligência robusta, a sua obra literária, esparsa na imprensa diária, é simplesmente admirável. Jornalista combatente. Doutrinador. Vibrante. Vigoroso. Convincente. Dialética poderosa. Sonhador. Idealista. Revolucionário de 30, dirigiu “A República” e os seus editoriais eram vazados em linguagem superior e escorreita, do mais puro e são idealismo. Pai-rava muito acima das paixões mesquinhas. Sua pena, bem aparada, nunca de enlameou em ataques pessoais de baixo calão. Esgrimista terrível e primoroso. Manejava o florete como bem poucos. Esteta da palavra escrita. Pertencia à estirpe moral dos Clemenceau. Colocado sempre em plano superior, não guardava ódio nem rancor a ninguém. Espiritualista e cristão, sabia perdoar, superiormente, as fraquezas do próximo. Os últimos anos de sua vida laboriosa e utilíssima dedicou-se exclusivamente ao magistério. Altivo, consciente de seu próprio valor, nunca mendigou favores de quem quer que fosse. Por isso, sua pobre escola não recebia auxílio de ninguém. A menor subvenção dos cofres públicos. Caráter sem jaça. Retilíneo. Possuía o segredo da ver-



www.colecaomossoroense.org.br

ticalidade. Rija têmpera. Uma grande e nobre vida. Foi um triunfador, no bom sentido da palavra. Tombou na luta exânime, porém deixou o exemplo magnífico.



www.colecaomossoroense.org.br

Dona Maria Montezuma

*“Não posso fazer idéia da educação sem instrução;
e inversamente, não reconheço instrução
que não seja educativa”.*

Herbart

Dona Maria Montezuma é uma velhinha muito interessante. Alegre, vivaz, de uma alacridade juvenil, apesar dos seus 88 janeiros bem vividos. Espírito lúcido e vibrante. Sua vida é uma messe enorme de benefícios, de benemerências, de sacrifícios pelo bem público.

Basta dizer que foi professora primária durante 65 anos, preceptora integral de gerações, amando a sua missão, vivendo unicamente para ela, enobrecendo-a com o exemplo e a dedicação ilimitada, ensinando pelo prazer de ensinar, dando aos seus alunos todo seu afeto, toda sua dedicação, toda sua maternal amizade, todo seu amor, todas as suas energias.

Inventou um curioso método de alfabetização, a que denominou Método Montezuma. Possui documentação, que prova sobejamente os bons resultados.



www.colecaomossoroense.org.br

Como todo professor primário, nada tem. Somente a consciência limpa, e a tranqüilidade dos justos.

Espera prazenteira e destemerosa o momento de regressar para o pó de onde saiu. Não lhe atemoriza o incognoscível. Parafraseando o nosso velho imperador:

*“Serena aguardará em seu jazigo
A justiça de Deus na voz da história.”*

Vão passando os anos, caminheiros eternos pelo tempo afora. Vão passando as gerações, em sucessões contínuas, através dos séculos. A vida vai se multiplicando na perpetuidade radiosa. Surgem os gênios, iluminando os povos, de Sócrates a Rui, de Platão a Vitor Hugo, desde o velho Chacta, das páginas imortais de Chateaubriand e Hamlet, criação maravilhosa de Shakespeare. É Dante com a Divina Comédia, Camões com os Lusíadas e Carlos Gomes com o Guarani. É Francisco de Assis, Vicente de Paula e João Maria. É Pasteur, Barthelot e Osvaldo Cruz. Tudo isso são obras integrantes e harmoniosas do Todo Universal.

O autor supremo dos mundos, em sua sabedoria incomensurável, criou o bem, o bom caminho, as almas brancas e puras e consentiu que coexistissem o mal, o negror das almas imundas e o mau caminho. O orgulho, a ambição e a maldade, a sabedoria



www.colecaomossoroense.org.br

e a ignorância, a riqueza e a pobreza, a caridade, o despreendimento e a bondade, os santos e os mártires, as inteligências luminosas e criadoras e o obscurantismo das mentes embotadas.

Para dar luz a essas inteligências retardadas, deu a paciência e a dedicação do mestre-escola.

Dona Maria Montezuma teve a felicidade de compreender, bem cedo, que devia se enfileirar entre aqueles que são bons, prestimosos e úteis aos seus semelhantes. E ingressou no magistério.

Natural do Recife, onde nasceu aos 06 de fevereiro de 1863, veio, muito moça, para o Rio Grande do Norte, e fez-se professora. Ensinou em Coitezeras, município de Pedro Velho, Mossoró, Areia Branca e Natal.

Ao fim dessa longa e penosa trajetória, sem parente, sem amparo e sem amigo, estendeu a mão à caridade pública, e encontrou almas piedosas que dela se compadeceram.

Hoje, espera a morte, contente e feliz, recolhida ao Abrigo Juvino Barreto, sob a carinhosa proteção das Irmãs de Caridade.

O mundo é assim mesmo...



www.colecaomossoroense.org.br

Eterna Vítima

*“A educação é a nossa única salvaguarda política:
fora desta arca não há senão o dilúvio.”*

Horácio Mann

Os insistentes e angustiosos apelos que temos recebido, de colegas do magistério, companheiros de infortúnio e de ideal, vítimas, como nós, da incompreensão dos homens, têm-nos obrigado a sair da obscuridade em que sempre vivemos, para rabiscar estas linhas. Outro intuito não nos move senão o de defender os direitos inalienáveis de uma classe numerosa e abandonada; uma classe que é a construtora das bases, dos alicerces do edifício social; de uma classe que tem produzido mestres venerandos como João Tibúrcio, Monsenhor Calazans e Nestor Lima; de uma classe, cuja vida é dedicada ao bem coletivo.

Nos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França e outros países vanguardeiros da civilização, o professorado ocupa um lugar de destacado relevo na comunhão social. Os proventos que percebe lhe permitem viver decentemente, entregar-se única e exclusivamente aos trabalhos de sua cátedra. São-lhe proporcionados todos os meios para o desempenho de sua alta e nobre



www.colecaomossoroense.org.br

missão. Nada lhe falta. Conforto material e espiritual. O professor, o juiz, o sacerdote e o médico gozam de prestígio real no seio da sociedade. Respeitados. Venerados. Privilegiados. Suas opiniões são acatadas. Ninguém as discute. Verdadeiras sentenças. Imenso prestígio.

Um homem como Luiz Soares, que há 38 anos dirige superiormente o Grupo Escolar “Frei Miguelinho”, com uma dedicação apostolar, se vivesse em qualquer dos países acima referidos, certamente desfrutaria uma altíssima situação. Viveria cercado do respeito e gratidão de todos. Ricos e pobres. Pretos e brancos. Governantes e governados. Políticos e apolíticos.

Bem sabemos da nenhuma valia dos nossos argumentos. São assertivas corriqueiras. Todos conhecem. Não adiantam. É o mesmo que malhar em ferro frio. Dizem que o problema é insolúvel. Que não há jeito para ele. Que é um caso perdido. E outras coisas mais. E o ensino vai se afundando. Soçobrando a grande nau. Desabou sobre ela uma imensa tempestade de indiferentismo. Estagnação. Paralisia. Fugiram os ideais superiores. Aclipsaram-se. As gerações que surgem são indiferentes à cultura sólida, clara, límpida e profunda. Exceções raríssimas, infelizmente, desgraçadamente. Sinais dos tempos. As grandes forças morais e espirituais vão perdendo o predomínio. São velharias. Fora da moda. Cedem terreno ao terra-a-terra.



www.colecaomossoroense.org.br

Valdemar de Almeida, uma das glórias mais puras de nossa terra, é forçado a sair do Estado. Foi para as plagas pernambucanas, onde é compreendido e acatado. Lá encontrou guarida ao seu belo talento de artista. A águia constrói seu ninho nas alturas alcantiladas. A planície, rasa e nua, não pode dar-lhe agasalho.

Pobre Rio Grande do Norte!



www.colecaomossoroense.org.br

Heroína Ignorada ¹⁸

Chama-se Zilma Coelho Pinto, essa heroína dos contos de fadas. Reside em Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo. Simples e obscura professora primária. Esposa de um pobre alfaiate, sem o menor recurso. Entendeu de acabar com o analfabetismo em seu município. Em seu município. Traçou um plano e pôs mão a obra. Sem desfalecimento. Sem cansaço. Pedindo esmolas. Batendo em todas as portas. Desde os mais abastados aos mais humildes. Uns a recebem prazerosamente. Outros, com cara de poucos amigos. Chamam-na de louca. Chegam a desconfiar da honestidade de seus altíssimos propósitos. Ela, porém, faz-se surda e muda. Não ouve nada e nem diz nada. Bate 04, 06, 10 vezes às mesmas portas, e eles findam lhe dando alguma coisa. Já tem 32 escolas em pleno funcionamento. Percorre constantemente os quatro cantos do município. De automóvel, caminhão, a cavalo, ou a pé. De dia e de noite. Numa fiscalização constante e eficiente. “Sou a maior caronista de Cachoeiro”, diz ela. E segue, estoicamente, o seu caminho cheio de espinhos. Com os olhos fixos no futuro da Pátria. Desprendida

¹⁸ O nome de D. Zilma Coelho Pinto já transpôs as fronteiras da Pátria e é, vez por outra, citado e elogiado pela imprensa mundial. Ninguém é profeta em sua terra...



www.colecaomossoroense.org.br

de todo e qualquer provento material. Campeã de alfabetização. Heroína da verdade. Quer que Cachoeiro do Itapemirim seja o primeiro município do Brasil a libertar-se do analfabetismo. E vai desbravando o terreno bravio e agreste. Como todos os verdadeiros apóstolos, enfrenta, sorrindo, as urzes do caminho. Sacerdotisa da grande cruzada de redenção nacional, D. Zilma merece o apoio moral e material de todos os brasileiros. Seu plano arrojado e grandioso, consta de cinco pontos:

- a) incentivar a frequência dos alunos;
- b) vigiar o seu aproveitamento;
- c) auxiliar materialmente os necessitados;
- d) prestar assistência médica e dentária a todos;
- e) selecionar o professorado.

Como vêem, ela “veste os nus e dá de comer a quem tem fome”. Dá-lhes o pão material e o espiritual. E, para sustentar a sua campanha benemérita, precisa de donativos de todo mundo. Uma peça de fazenda. Um sapato velho. Uma cartilha. Uma escova de dentes. Tudo serve. Valem mil vezes mais heróis que constróem, do que aqueles que destróem. A figura moral de Pasteur é incomparavelmente maior que a de Napoleão. E a dessa humilde e obscura professora de uma pequena cidade do interior espírito-santense é bem mais expressiva e digna de louvores que



www.colecaomossoroense.org.br

a de muitos figurões que têm seus nomes ligados a feitos heróicos da história pátria.

Patriota e idealista, ela deseja ardentemente que o seu exemplo encontre imitadores pelo Brasil afora.

Todos os brasileiros de boa vontade têm a obrigação moral de auxiliar essa criatura singular. Ajudando-a de qualquer maneira. Dando-lhe dinheiro ou objetos, mesmo usados, estamos prestando um serviço ao Brasil, pois cooperamos para a sua libertação econômica.

Enquanto tivermos essa vergonhosa e nefanda percentagem de analfabetos, que tantos males nos causam, a que nos envergonha e rebaixam no concerto das nações civilizadas, não alcançaremos a plenitude de nossa emancipação política e econômica. Aqui está o endereço da nossa heroína:

Rua 25 de março, 83 – Cachoeiro do Itapemirim –
Estado do Espírito Santo.

Vamos ajudá-la?



www.colecaomossoroense.org.br

Um Professor Integral

*“O trabalho afasta de nós três grandes males:
o aborrecimento, o vício e a necessidade.”*

Voltaire

Alfredo Simonetti foi um professor cem por cento. Desaparecido prematuramente do rol dos vivos, deixou um exemplo maravilhoso de amor inexcedível ao trabalho fecundo. Conhecedor profundo do *metier*. Trabalhador incansável. Escravo do dever. Organizador. Disciplinador. Fazia da missão um sacerdócio. Por ela sacrificou a própria vida.

Nasceu em Natal a 24 de outubro de 1900. Avenida Rio Branco. Casa número 577. Foram seus pais: Américo Vespúcio Simonetti e Dona Amália Simonetti.

Concluído o curso primário, matriculou-se na Escola Normal. Diplomou-se a 27 de janeiro de 1920. No dia 04 de fevereiro, a cadeira elementar masculina do Grupo Escolar “Moreira Brandão”, da então vila de Goianinha, tendo assumido o exercício a 09 do referido mês. A 05 de janeiro de 1922 foi transferido para o Grupo Escolar “Meira e Sá”, de Santana do



www.colecaomossoroense.org.br

Matos, e a 13 de janeiro de 1923, promovido para o Grupo “Tenente Coronel José Correia”, da cidade de Açu, assumindo no mesmo dia a direção daquele educandário.

Tendo sido classificado em 3º lugar, no concurso de provas realizado em Natal, foi promovido, a 26 de janeiro de 1924, para o curso complementar misto do mesmo estabelecimento, assumindo o exercício a 1º de fevereiro. A 24 desse mês e ano, consorciou-se com D. Maria Augusta de Sá Leitão, um dos ornamentos da sociedade açuense.

Integrado de corpo e alma à sua profissão, estudioso e competente, Alfredo Simonetti melhorou, enormemente, o ensino na velha cidade do Açu.

Foi Inspetor de Ensino por três vezes (23 de julho de 1925 a 01 de fevereiro de 1926, 23 de fevereiro de 1928 a 14 de dezembro de 1930 e 01 de janeiro de 1933 a 19 de janeiro de 1934).

Foi, por duas vezes, diretor da Escola Normal de Mossoró e do Grupo Escolar “30 de Setembro” (14 de outubro de 1930 a 01 de janeiro de 1932 e de 19 de janeiro de 1934 até a sua morte, a 23 de janeiro de 1939).

Sua capacidade de trabalho era simplesmente assombrosa. Professor de primeira ordem. Meticuloso. Escrupuloso no cumprimento dos seus deveres. Lente de Pedagogia, e ainda do Curso Complementar. Nunca entrou em classe sem o prévio preparo



www.colecaomossoroense.org.br

das lições. Conhecedor a fundo de todos os segredos da Metodologia. Suas lições eram magistrais. Consciente das responsabilidades que lhe pesavam sobre os ombros. Engolfava-se completamente, no trabalho estafante. 14, 15 horas de labor diário. Compleição franzina, o organismo não resistiu e baqueou. Com a sua morte, perdeu o Rio Grande do Norte um dos seus maiores professores. Não só tinha amor ao ensino mas sabia ensinar como bem poucos.

Todos os que se dedicam ao magistério sabem quão difícil é a tarefa de transmitir conhecimentos. O professor que se preza tem de estudar um pouco de Psicologia. Viver mais ou menos em dia com as obras dos grandes mestres. Lourenço Filho, Antônio D'Ávila, Fernando Azevedo, Teobaldo Miranda Santos, Aguayo e outros. Precisa amar os seus alunos e a sua profissão como a si próprio. Dar-lhes o melhor de suas energias. Concentrar, na escola, todos os cuidados. Considerar os alunos como seus próprios filhos e tratá-los com carinho. Complacientemente. Fazer-se amar e respeitar. Aproveitar todas as oportunidades para dar-lhes lições de moral. De civismo. De boas maneiras. De cavalheirismo. De decência. De respeito mútuo. Ensinar-lhe a "amar a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo". Preparar-lhes o espírito para serem bons cidadãos úteis à Pátria, à família e à sociedade. Tudo isso fazia, e muito bem,



www.colecaomossoroense.org.br

Alfredo Simonetti, uma das mais completas figuras de preceptor que tenho conhecido.

Mártir do cumprimento do dever. Como tantos e tantos outros, os seus parcos vencimentos não lhe chegavam para tratar-se convenientemente. E a tuberculose trouxe mais uma vítima. E o gigante tombou na arena, ferido de morte, em plena atividade criadora.

“Foi tua vida um horto do sofrer,
Imolado na arena do Dever.”



www.colecaomossoroense.org.br

Bandeirante do Século XX

D. Zilma Coelho Pinto é uma mulher singular. Simple professora primária numa longínqua cidadezinha do interior do Espírito Santo. Teve uma idéia sublime e grandiosa. Acabar com o analfabetismo em seu município.

Não dispondo de um ceitel. Pedindo esmolos. Plantando escolas. Batendo em todas as portas. Afrontando a hostilidade de uns e a indiferença de muitos. Sofrendo humilhações tremendas. Cruéis dissabores. Como todos os iluminados, segue o seu caminho sem desfalecimento. Com entusiasmo. Diz Oliveira Martins que “só os loucos fizeram na terra coisas verdadeiramente grandes”. Como Cristóvão Colombo e tantos outros grandes idealistas, benfeitores da humanidade, D. Zilma também foi chamada de louca, visionária, maluca, imbecil e outras amabilidades de igual jaez. Atiravam-lhe as maiores injúrias. Desbravou o caminho áspero e agreste a golpes de entusiasmo e persistência. Já abriu para uma nova vida, a inteligência de alguns milhares de brasileiros. Clareando-as com a luz bendita da instrução. Homens, velhos, mulheres e crianças que jaziam nas trevas do analfabetismo. Da ignorância crassa. Da cegueira mental. Do peso morto. Da inutilidade. Da estagnação. Da cloaca. Do vício. Da miséria. Do lodo. Do lamaçal. Da escuridão.



www.colecaomossoroense.org.br

Essa louca sublime, que emprega todas as suas formidáveis energias nessa obra tão grandiosa, é completamente despreendida de qualquer interesse material. De vaidade pessoal. De intuito menos digno ou subalterno. Brasileira dos quatro costados, visa apenas a grandeza da Pátria. Cristã de verdade, trabalha pelo bem do próximo, a quem ama como a si própria. Segue à risca o preceito divino.

Exerce uma fiscalização constante e diuturna nas numerosas escolas que fundou. Percorre, constantemente, os quatro cantos do município. Serve-se de qualquer meio de transporte. Desde a carona de automóvel ou caminhão, ao cavalo ou mesmo a pé, pelos poeirentos caminhos da comuna. É incansável. A própria pobreza do ideal dá-lhe novas forças para prosseguir na grande campanha.

José do Patrocínio, com o seu verbo incandescente, foi um dos fatores máximos da abolição. Libertou várias centenas de milhares de criaturas humanas que gemiam nas senzalas malditas.

D. Zilma, sem possuir o talento do grande abolicionista, tem, como ele, o espírito de sacrifício e de renúncia pela nobilíssima causa que abraçou. O seu nome de pioneira da nova cruzada já se reveste de uma auréola imarcescível.

Honra a essa modesta professora primária, glória de sua classe e do Brasil!



www.colecaomossoroense.org.br

O Velho Churchill, Alma da Inglaterra¹⁹

Corria o ano da graça de mil novecentos e quarenta. Lindo dia ensolarado do mês de junho. O velho e gigante Big-ben badalava 12 horas e 15 minutos, e a BBC dá ao mundo a notícia de que a França estava vencida. “La douce France”, a pátria imortal de tantos gênios, a nação das mais esplêndidas glórias militares, a mimosa princesa da raça latina, vil e covardemente apunhalada pelas costas, baqueava diante de seu secular e selvagem inimigo.

Todas as almas livres cobriram-se de crepe, ante a nova estonteante. A grande civilização ocidental estremeceu em suas bases milenares, pois a queda do gigante gaulês ameaçava subvertê-la na voragem.

No meio, porém, da confusão geral, da desolação do mundo democrático e dos retumbantes gritos de vitória das hostes escravagistas e bárbaras, surge do angustiado coração do império britânico uma voz portentosa e vibrante, conclamando o seu povo a continuar a luta.

¹⁹ Como uma homenagem especial a Winston Churchill, o maior estadista do século atual, a cuja bravura e tenacidade deve a civilização ocidental a sua sobrevivência, transcrevemos na íntegra este artigo, por nós escrito e publicado em o “Diário de Natal”, de 25 de junho de 1943.



www.colecaomossoroense.org.br

Essa voz era do velho Churchill, alma da Inglaterra, salvador intemerato da dignidade, fraternidade e liberdade humanas. Essa voz, qual varinha de condão, eletrizou os povos de Sua Majestade, levantando-lhes o moral e fazendo-os crer numa justiça divina e eterna, mil vezes mais poderosa do que todos os tiranos.

E os ingleses, e com eles os demais povos da comunidade de nações britânicas espalhados pelos quatro cantos do planeta, responderam ao arrogante e orgulhoso ultimatum tedesco com a atitude própria dos fortes e dos que lutam por uma causa justa: rejeitando-o altivamente.

Estava salva a humanidade do negror da escravidão nazista, bem mais abjeta e repelente de todas quanto têm aparecido sobre a face da terra. E isto graças à indomável energia de Mister Churchill, o inimigo número 1 de todos os tiranos e tiranetes, o homem que “fuma, bebe e joga, e goza saúde duzentos por cento...”



www.colecaomossoroense.org.br

Disciplina Escolar

“A criança é feita para ser amada e para amar.”

Eduardo Claparède

Uma das facetas mais importantes da função do educador é, sem dúvida, a disciplina escolar. É por demais sabido que onde não há disciplina reina a desordem, e, conseqüentemente, a anarquia. A falta de ordem, em uma classe, acarreta as mais desastrosas conseqüências. A balbúrdia, a confusão, o desrespeito. Finda, via de regra, degenerando no descrédito total. Quem é o único culpado? É o professor, sem a menor sombra de dúvida. Quando ele é desidioso, displicente, faltoso; quando não exerce sobre os seus alunos uma vigilância contínua, constante e discretamente; quando não os trata com carinho e energia; quando não desce até eles para levar-lhes, paulatina e pacientemente, o grau de conhecimentos, quase sempre a indisciplina finda imperando na escola, e esta se torna intolerável.

Uma escola barulhenta e indisciplinada é um espetáculo deprimente e desagradável, e deixa, no visitante, uma impressão desoladora. Não se diga que a escola ativa afrouxa a disciplina. Isto nunca. O que ela preconiza é o trabalho metódico, espontâ-



www.colecaomossoroense.org.br

neo, educativo. Educação, diz Michelet, é amizade. O professor inteligente e capaz deve fazer de cada aluno um amigo íntimo. Captar-lhe a simpatia, a amizade, a confiança. Que ele se sinta à vontade na sua presença. Seja atraído, irresistivelmente, para a escola, e veja no mestre um amigo carinhoso, fiel e dedicado. Um companheiro mais velho a quem possa confiar as suas mágoas, suas alegrias, suas decepções, e, também, as suas esperanças. Enfim, suas mais íntimas emoções. O professor que procura manter a ordem com gritos, grosserias e castigos físicos está fora de forma. É um desajustado, que não compreendeu ou não quis compreender o progresso da Pedagogia Moderna. “A violência gera a violência. Só o amor constrói para a eternidade”. Disse, e muito bem, o eminente Presidente Getúlio Vargas.

A criança é um ser em formação. Por conseqüência, deve ser tratada convenientemente.

Instruir e educar, eis a grande missão do preceptor. Nestas duas palavras se resume um mundo de coisas, cada qual a mais sutil, desafiando-lhe a inteligência e a sagacidade. Conduzir uma classe com habilidade, não depende de cultura geral nem mesmo especializada. Basta seguir os ditames do coração, não esquecendo, porém, de respeitar para poder ser respeitado. Sinházinha Wanderley nunca alisou banco de escola superior ou secundária. Nem por isso deixa de ser a mais expraordinária professora primária que o Rio Grande do Norte já produziu!

Em homenagem especial a três vultos venerandos, cujas vidas preciosas, votadas exclusivamente ao bem do próximo, honram o gênero humano e devem servir de exemplo às gerações pelo tempo afora, transcrevemos as crônicas que adiante seguem, por nós escritas e publicadas em o “Diário de Natal”.



www.colecaomossoroense.org.br

Alma de Apóstolo

“Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”.

São Paulo.

Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, o querido e eminente Bispo de Natal, é um desses homens raros que os céus nos enviaram para a felicidade do povo católico do Rio Grande do Norte.

Ordenado em 1910, foi professor durante 19 anos no velho e tradicional seminário da Bahia. Ensinava Latim, Geografia, Corografia, História e Música. A sua ação não se limitava somente àquele estabelecimento de ensino. Fazia-se sentir em vários outros setores a sua atividade fecunda, dinâmica e realizadora.

Eleito Bispo de Natal, em 1929, foi sagrado, em 19 de maio daquele ano, e empossou-se, nas altas funções, a 29 de junho. Sua ação é permanente e silenciosa. Sem estardalhaço. Serena. Construtiva. Vigilante. Contínua. Rumo certo. Sem tergiversações. Consciente. Inabalável. Sem oscilações.

Plasmador de caracteres. Forjador de almas eleitas. Timoneiro seguro. Pulso firme. Vontade férrea. Quem não tem a ven-



www.colecaomossoroense.org.br

tura de conhecê-lo ou de privar do seu convívio amigo, muito longe está de poder avaliar a nobreza do seu caráter. A grandeza de sua alma. A magnitude do seu coração. O ascetismo do seu viver. A modéstia de sua condição. A simplicidade de suas atitudes. A imensidade de suas virtudes.

Não tenho notícia de outro prelado que viva tão pobremente. Isoladamente. Silenciosamente. Anacoreta, o solitário da rua Santo Antônio, dirige a nau da Igreja de Cristo com habilidade raríssima. Com superioridade. Com energia. Com sagacidade. Com dignidade.

Inteligência robusta e brilhante. Poeta, orador e musicista. De caridade. De amor. De benignidade. De magnanimidade. De ascetismo. De honradez. De seriedade. De austeridade. De santidade.

Aí estão os frutos opimos dos seus altos ensinamentos: essa equipe magnífica de sacerdotes. Verdadeiros levitas do Senhor. Seus discípulos. Seus seguidores. Seus filhos diletos e bem amados. Formados na escola severa do seu exemplo. Dos seus conselhos. De sua solicitude. De sua paternal amizade. Na aceção mais completa e ampla do vocábulo. Honra do clero rio-grandense.

Esse homem singular é, pois, uma das expressões mais nobres do episcopado brasileiro. Um dos ornamentos. Um dos



www.colecaomossoroense.org.br

valores reais e incontestes. É pastor consciente das imensas e gravíssimas responsabilidades que lhe pesam sobre os ombros.

Dom Marcolino, nas suas horas de meditação, ergue o pensamento ao Senhor do Universo, fervorosamente, pela paz do mundo e prosperidade do seu rebanho.

Dinheiro, luxo, glórias do mundo e riqueza material são cousas para ele inexistentes. A humildade do seu viver atesta, eloqüentemente, a verdade desta assertiva. Não alimenta outra ambição senão a de ver seu povo tranqüilo e feliz.

A construção do Seminário de São Pedro é obra sua, realizada com esforço e sacrifício inenarráveis. Obra gigantesca de sua vontade potente e bem orientada. Uma vontade poderosa que só os fortes possuem. Uma vontade que faz prodígios. Vontade que é força latente, capaz de vencer todos os obstáculos, por maiores que sejam. Vontade-força. Vontade-energia. Vontade-decisão. Vontade-poder.

É assim Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, honra do Episcopado, glória da Igreja.



www.colecaomossoroense.org.br

Dom Rey, Apóstolo das Selvas

*“O deleite é breve, a pena eterna,
o padecer limitado e curto, a glória infinita.”*

São Francisco de Assis

Bem no fundo da gigantesca e misteriosa Hiléa amazônica, lá nos confins deste imenso país, vive uma criatura singular, bem diferente de todas as outras. “Não é um homem; é um santo”. Dizem todos os que têm a ventura de conhecê-lo pessoalmente. Chama-se Francisco Xavier Rey. É filho de São Francisco de Assis e apóstolo de N. S. Jesus Cristo. Francês de nascimento, fez no “Inferno Verde” a sua tenda de trabalho, de sacrifício e de apostolado. Naquele sertão bruto e longínquo, sem o menor conforto material, afastado, centenas de léguas, de qualquer centro civilizado, a sua obra é transcendente e assombrosa. É mecânico, pedreiro, motorista, serralheiro, carpinteiro, professor, músico, médico e enfermeiro. É porém, antes e acima de tudo, sacerdote. Fundou a Prelazia de Guajará-Mirim, da qual é bispo titular desde 1945. Trabalhador prodigioso, não conhece canseiras nem fadiga. Até 1940, oito anos após sua chegada à-



www.colecaomossoroense.org.br

quelas paragens, fundara 10 escolas, 01 hospital e 01 colégio. E não é só isto. Divide o seu tempo entre o trabalho duro da oficina – no meio de bigornas, serrotes, tornos e martelos – o volante de um caminhão carregando ou descarregando mercadorias, e o leme de uma igarité, percorrendo milhares e milhares de quilômetros pelos rios e igarapés, ou ainda a pé ou a cavalo, pelas poentas e invias veredas na catequese constante dos selvícolas.

Protótipo perfeito da caridade, ninguém jamais bateu à sua porta a procura de um lenitivo, que não fosse recebido prazerosamente, e atendido prontamente. Consolador dos tristes, abrigo dos desamparados, esperança dos aflitos, protetor dos pobres e dos inocentes, alegria dos desesperados, guia dos cegos físicos e morais, tem para todos um sorriso, uma palavra amiga, um pedaço de pão.

“Cristo é a minha razão de viver”, diz ele, “e em Cristo eu encontro diariamente, sempre que necessito, um novo manancial de consolo e de coragem.” Dom Rey vive empolgado pela grandeza e sublimidade do seu ideal. Dentro das noites tropicais, tira acordes maviosos de seu saxofone, velho companheiro de solidão. Onde chega uma dor, um gemido, uma aflição, uma lágrima, um sofrimento, aí está ele, esse mago sublime, com sua ação pronta em favor do próximo. Faça bom ou mau tempo. Esse bispo sem batina – ele só usa as vestes sacerdotais por ocasião dos officios divinos – é visto todas as horas, de macacão, de pi-



www.colecaomossoroense.org.br

jama ou simplesmente de calção, em seu labor contínuo e santificante.

Atualmente se prepara para nova jornada. Vai fincar o seu estandarte bem no coração do Rio Branco, no meio de índios ferozes e canibais. Não sabe se voltará um dia, ou se por lá ficará eternamente. Isto não lhe interessa. Está angariando donativos para a grande e temerária empresa. Não aceita dinheiro, só deseja roupa, calçados, medicamentos e instrumentos de trabalho. Machados, enxadas, pás, etc. Já adquiriu 20 toneladas desse material. É pouco. Quer muito mais, pois a quantidade de índios é enorme.

É venerado por todos. Católicos, protestantes, ateus, espíritas, judeus e livres pensadores. A sua cruz peitoral lhe foi ofertada por um luterano ortodoxo. A santidade não conhece limites nem fronteiras. Todos somos filhos de um mesmo Deus, e, portanto, merecedores de igual tratamento. Assim entende e pratica esse homem-prodígio, honra da humanidade e glória da Igreja.



www.colecaomossoroense.org.br

Padre Mauro, o Mártir

“Consiste o ser herói em viver justo.”

Tomaz Antônio Gonzaga

Nunca é demais a sublimidade do sacrifício, do desprendimento, do trabalho silencioso e rude desses abnegados missionários das diversas ordens religiosas, nas brutas e cerradas florestas brasileiras. No meio de índios ferozes e antropófagos. Chamando, para o seio da civilização, esses nossos infelizes irmãos. Sacrificando toda e qualquer espécie de conforto material. Muitas vezes, a própria vida, ao serviço de Deus e da Igreja. Dentre esses homens simples e heróicos, contava-se o Padre Mauro Wirth. Nasceu em Karlsruhe, Baden, Alemanha, no mês de junho de 1899. Ingressou na ordem dos beneditinos, e em 1925 ordenou-se na Abadia de São Paulo de Coríntia, na Áustria. Tendo grande amor ao estudo, obteve licença dos seus superiores e matriculou-se, em seguida, na Universidade de Viena, onde estudou, por vários anos, etnologia e filologia. Em 1933 veio para o Brasil. No Seminário de Olinda estudou durante dois anos a língua portuguesa. Em 1935 foi para o território do Rio



www.colecaomossoroense.org.br

Branco, onde estudou a língua e os costumes de diversas tribos de índios. Esteve depois em São Paulo, prosseguindo os seus estudos de indianismo. Depois de suficientemente preparado, começou, então, a sua odisséia. Internou-se nas matas imensas do território do Guaporé, à procura dos gentios canibais. Uma, redentora da humanidade. A outra, vencedora de montanhas. A superioridade do ideal sobrepujava-lhe a fraqueza física de homem franzino e doente. Padre Mauro se engolfa completamente na grandeza de sua missão catequética. A jovem e pequenina cidade de Guajará-Mirim, à margem esquerda do rio Mamoré, fronteira com a Bolívia, é o seu quartel-general. As malocas circunvizinhas, a sua oficina de trabalho. Às horas mortas da noite, quando a voz misteriosa da floresta se fazia ouvir em toda sua plenitude, o missionário eleva aos céus preces fervorosas, suplicando a deus um pouco de piedade para os selvícolas, a fim de que lhes abrandasse a cólera assanhada contra sua pessoa.

Dez anos eram passados nessa dura e ingrata lide. Quando um dia o nosso herói toma uma resolução inabalável. Vai procurar, no fundo da floresta, a maloca dos Paca-as-Novos, canibais terríveis e bestiais, esquivos a qualquer contato com gente civilizada. Era o começo do fim de sua jornada gloriosa. O “Grande Feiticeiro Branco” caiu varado pelas flechas assassinas daqueles a quem procurava fazer o bem. E foi pelos mesmos devorado.



www.colecaomossoroense.org.br

Tempos depois, o grande indianista Francisco Meireles encontrou os seus despojos, comprovantes do trucidamento.

E a imensa galeria dos mártires do cristianismo foi acrescida de mais um: o padre beneditino Mauro Wirth.

Apêndices



www.colecaomossoroense.org.br

Acta Diurna

De Luís da Câmara Cascudo

O Mestre de Gramática Latina

Com 37 grupos escolares, 49 escolas reunidas e 266 escolas isoladas, fora o ensino particular, espalhando alfabetização por esse Rio Grande do Norte ninguém admite a possibilidade de ter existido um tempo em que, no mesmo território, só havia um professor, um único, solus, totus et unus.

A 26 de janeiro de 1728 o Senado da Câmara do Natal requeria a criação de uma Cadeira de Gramática Latina. Alegavam os “vereadores” que o Bispo de Pernambuco prometera solenemente dar-lhes um professor e não fizera ainda a falta de candidato, que só seria clérigo de boa vida. Os natalenses haviam reclamado ao próprio Prelado numa visita que este por aqueles tempos fizera, como informa Gonçalves Dias.

A Cadeira de Gramática Latina fora finalmente criada a 21 de junho de 1731 e El-Rei Nosso Senhor ordenara ao Bispo que marcasse o ordenado e escolhesse mestre, recomendando, de bons costumes.



www.colecaomossoroense.org.br

Esse clérigo veio para Natal, assumiu sua cátedra e ensinou latim. Quando?

Quem era? Não sei.

Descobri alguma coisa sobre o segundo mestre, o sucessor. Chamava-se Mateus Duarte e era ainda “minorista”. Vale a pena recordar a carta do Bispo de Pernambuco ao Senado da Câmara do Natal, e deste àquele. Sucedeu essa correspondência em fevereiro e maio de 1740. Voaram duzentos anos...

Aqui está a carta do Bispo, credencial do segundo professor que possuímos no Rio Grande do Norte:

“O portador desta é o minorista Mateus Duarte, clérigo de boa vida, com suficiência para mestre de gramática supremo que satisfará as obrigações e se dará ao V. V. Mercês por bem servidos o que muito estimaremos. Pela petição que nos fazem os moradores consta que o outro mestre que anteriormente se elegeu, se despediu por achar-se que no partido de cincoenta mil réis como pela cópia da Provisão inclusa Sua Magestade consta, ordenar ao dito senhor que nós lhe fizéssemos salário, nos pareceu assinar-lhe sessenta mil réis, e não temos respondido a mais tempo a Vossas Mercês por querer que o mesmo clérigo fosse o portador da carta e ele se não puder expedir mais cedo. Deus guarde a V. V. Mercês. Nove de fevereiro de mil setecentos e quarenta. Vereador de V. V. Mercês. Bispo.”



www.colecaomossoroense.org.br

Esse bispo era Dom Frei Luiz de Santa Tereza, de Ordem dos Carmelitas Descalços.

Essa é a resposta do Senado da Câmara:

“O mestre de Gramática, o minorista Mateus Duarte, nos entregou a carta de V. Excia. Reverendíssima de que lhe mandamos as graças que esperamos em Deus se bem logrem as esperanças do provimento que conseguiram em estudarem os filhos desta Capitania para que assim se possam aproveitar da magnanimidade da Real Grandeza de Sua Magestade e do Zêlo de Vossa Excelência Reverendíssima, que com tanta caridade atende aos servos de Deus e ao bem comum de seus vassalos. Para agora parece conveniente o partido que V. Excia. Reverendíssima lhe assinou por serem ainda poucos os moços que aprendem a gramática por não estarem os mais dela instruídos no ler e escrever que também se aplica o dito mestre, em tudo estamos à obediência de V. Excia. Reverendíssima a qual lhe tributamos muito obsequiosos e reverentes. Deus guarde a V. Excia. Reverendíssima felizmente muitos anos para glória de suas ovelhas. Escrita em vereação da Cidade do Natal, Capitania do Rio Grande, pelo escrivão da Câmara, aos desessete de maio de mil setecentos e quarenta anos. Bem aos pés de vossa Excelência Reverendíssima, seus reverentes criados eveneradores Teo-



www.colecaomossoroense.org.br

dósio Freire de Amorim, Dionísio da Costa Soares, Inácio Marinho de Carvalho, Luiz Teixeira da Silva.”

Assim, o minorista Mateus Duarte foi o segundo professor que possuiu o Rio Grande do Norte. Ensinava a ler e a escrever e, aos já sabedores dessas prendas, passava a Gramática Latina. Recebia sessenta mil réis por ano, cinco mil réis por mês. Devia ser uma das funções mais bem remuneradas naquele meado do século XVIII.



www.colecaomossoroense.org.br

Acta Diurna

De Luís da Câmara Cascudo

Manuel Pinheiro, Professor de Latim

Don Ramon Maria Tenreiro, o notável erudito galego, falando nas comemorações do bi-milenário de Vergílio, assim se expressou, na dupla autoridade de espanhol e de catedrático:

“Que importa que o Latim seja coisa de Padres, pigarros de Seminários, modorra canônica de coro, como alegam os seus inimigos, se não podemos deixar de imputar à falta do Latim e do Grego, a vulgaridade atual da vida social espanhola? No falar e no escrever, no construir e no operar, dominam em nosso País e mau gosto. E, conforme reza e brocardo francês – o mau gosto leva ao crime. Cinco meses de Latim e de Grego dariam à Espanha sobriedade e honestidade de espírito. Dizer sobriedade e honestidade é ainda dizer civilização.”

Lembrei-me do segundo professor de Latim da cidade do Príncipe, hoje Caicó, Manuel Pinheiro, Manuel Pinheiro do Co-



www.colecaomossoroense.org.br

ração de Maria, Manuel Pinheiro de Lima Brasil, Manuel Pinheiro Brasil. Todos esses nomes foram usados pela mesma criatura, simples, boa, operosa, dedicada, honestíssima. Ninguém, antes e depois soube melhor e mais amplamente o latim. De tanto ler e reler, traduzir e ensinar, versando com a mão diurna e noturna os clássicos, acabou sabendo-os de cór, dispensando o coitejo do livro, indicando a folha, declamando, exata e totalmente, com fidelidade integral, páginas e páginas, de verso e prosa.

Dele recolhi muita notícia. Sou viúva, dona Guilhermina da Câmara Pinheiro, faleceu em nossa casa, a 21 de abril de 1928, na Avenida Jundiaí, depois de longa hospedagem. Era a minha querida “Tia Guilhermina”, irmã da minha avó materna. Ela e Tia Naniha (Ana Maria Soares da Câmara), que fora religiosa da Casa de Caridade de Santa Fé, perto de Bananeiras, na Paraíba, fundação do Padre Dr. Ibiapina, eram chamadas por minha avó, apesar dos noventa janeiros de cada uma, as meninas...

O professor Pinheiro possuía a mais doce, serena e resignada das companheiras à face de Deus e dos Homens. Tia Guilhermina perdeu o marido e viu morrer o filho único, de trinta e um anos. Dona de sua casa, passou a morar nas casas alheias, comendo as sobras do pão que teria o sabor amargurado da esmola.

Toda a minha meninice se passou junto a essa santa, suave e triste, de sorriso imutável, falando através de um meio século,



www.colecaomossoroense.org.br

com o mesmo acento de amor, de admiração apaixonada, quando se referia ao esposo.

Para que esse sentimento vivesse, em tanta duração, envolvido em dor, permanecendo claro e vivo num coração de mulher, jamais envelhecido, era preciso que as almas se fundissem, iguais e unas, numa continuidade fremente e dolorosa. Conseguiu, o latinista da Cidade do Príncipe, o que tantos soberanos do pensamento, de ouro e do poder, não conseguem: o amor cuja extensão é a própria existência.

Ainda recordo, com indizível emoção esse idílio que a morte não apagou e as humilhações avivaram, como se as lágrimas dessem aos olhos a transparência rutilante das hidrofanas.

Foi esse professor a quem Manuel Ferreira Nobre dedica elogios ruidosos quanto ao saber, trabalho e disciplina espiritual. Pedro Leão Veloso, visitando a Cidade do Príncipe, derramou palavras carinhosas na cabeça humilde do mestre provinciano. Tia Guilhermina contava que o Presidente da Província, depois Ministro de Estado e Senador do Império, saudara o marido com um verso de Horácio e esse, calcando a timidez, respondera, nos versos seguintes, completando o poema do vate latino.

O Cônego Manuel Paulino de Souza quando anunciou o famoso sermão dominical, o primeiro que diria na Matriz da Senhora de Santana, ao ouvir o sacristão Luiz do Rêgo informar as pessoas que aguardavam sua eloquência, ia derribando-as,



www.colecaomossoroense.org.br

uma a uma, com remoques felizes. Ao saber que o professor Pinheiro estava presente, teve uma frase rosnada e surda: – Chi, esse sabe latim que é um danado... E, subindo ao púlpito, depois de persignar-se, declarou: – Não tem mais sermão, não!

Com o professor Manuel Pinheiro não havia engano, omissão e erro acima da sua análise e conhecimento.

Foi professor de 1859 a 1876, ensinando Latim e Francês. Depois passou a lecionar particularmente, sendo procuradíssimo e indicado como modelar. Faleceu na manhã de 14 de fevereiro de 1831. O filho Sebastião Maria Pinheiro da Câmara, faleceu a 18 de janeiro de 1890. Da casinha hospitaleira e acolhedora do “mestre de Latim”, restou Tia Guilhermina.

Quando estudei latim com João Tibpurcio, costumava passear, repetindo, em monólogo trechos das “Bucólicas” e da “Eneida”. Tia Guilhermina parava, ouvindo a musicalidade daquele idioma, familiar à sua lembrança. Ia e vinha eu, pela chácara, falando alto. E a figura imóvel da velhinha permanecia, no recanto, tranqüila, os olhos molhados, o riso mudo nos lábios murchos, acompanhando, na imensidão da saudade e do tempo, a voz perdida do amado, nos ritmos do poeta mantuano...



www.colecaomossoroense.org.br

Acta Diurna

De Luís da Câmara Cascudo

O Professor Onofre

Martins, a cidade acolhedora, alta e viva como uma alme-nára, plantada no cimo da serra, é uma das minhas saudades. Recordo-a sempre, com suas ruas limpas, suas festas sonoras, a radiosa alegria de seus habitantes, a delícia de suas frutas, clima e ares, fundamentos de minha saúde menina. Cidade em que aprendi a dançar a schottisch e passei montado num boi. Sauda-a, instintivamente, vem os versos de Olavo Bilac:

*“Última a receber o adeus do dia,
Primeira a Ter a bênção das estrelas!...”*

Uma recordação inapagada é o professor Onofre, João Onofre Pinheiro de Andrade, quase septuagenário, forte, risdo-nho, afável, palestrador. Chamava minha mãe “prima”, no velho diapasão senhorial das famílias de outrora. Em toda parte impu-nha-se pela voz, o gesto amplo, a palavra fácil, torrencial, a memória infalível, tudo fazendo reviver aos olhos da lembrança.



www.colecaomossoroense.org.br

Todas as tardes ia à nossa casa ouvir o Gramofone, de imensa bocarra tonitroante, atirando modinhas e lundús, valsas lentas e polcas sacudidas. Especialmente ia conversar. Conversar para mim. Fui, durante meses, um ouvinte fiel e deslumbrado. Abria os olhos espantados, entreabria a boca, no assombro das lutas, dos sucessos políticos, anedotas, fisionomias que passaram a constituir como um alicerce aos meus estudos. Falava-me dos grandes políticos do passado, os chefes em Natal, Conservadores e Liberais, o tio Bonifácio Câmara. Deputado Provincial no biênio 1888 – 89, João Onofre sabia – como hoje saberão ainda três homens: Felinto Elísio, no Jardim do Seridó, Cipriano Santa Rosa, no Acari e Romão Filgueira, em Mossoró, narrar e ressuscitar os fatos preteritos. Creio dever-lhe, nos meus onze anos atônitos, as primeiras ondas de paixão pela História, seus detalhes, minúcias, recortes, episódios.

João Onofre Pinheiro de Andrade! Nome de General, bem merecia esse nome bonito. Era digno, composto, direito, polido. Gente de outro tempo que não se banalizava quando a amizade se tornasse íntima. Linguagem boa, aprumada, com sinonímia abundante. Ouro velho, talvez fora da moda, mas ouro de lei...

Nascera em Natal e não em Macaíba, como tendo lido, a 16 de maio de 1945. Faleceu no sítio “Lagoa Nova”, arrabaldes do Martins, a 30 de setembro de 1935, com noventa anos feitos. Professor público, Promotor interino de 1919 a 1927, Medalha



www.colecaomossoroense.org.br

de ouro oferecida numa linda festa do Grupo Escolar local, sessenta e dois anos no Martins, desde 1873, sem um só desafeto...

Seu pai, Manuel Onofre de Andrade, filho do alferes Onofre José da Silva e D. Inês Cipriana Geralda de Andrade, sua mãe, D. Francisca Benvenuta de Borja, filha do Capitão Francisco de Borja Pinheiro e D. Antônia Josefa de Souza, casaram-se em 07 de agosto de 1844. João Onofre é o primeiro filho. A mulher do coronel Bonifácio Câmara, chefe conservador, era irmã de D. Francisca Benvenuta, ambas primas legítimas dos respectivos maridos. Não vou contar ligações genealógicas. São famílias do século XVIII, entrelaçadas, enormes, ilustres pela continuada atuação política. Deixo aqui uma carta do professor João Onofre. Datada do Martins, a 09 de maio de 1925. É muito elogiosa. Divulgo-a porque expõe vários pontos curiosos para a nossa micro-história provinciana. É uma pequenina homenagem a um homem inteligente, honesto, generoso e animador. Uma leve palma, humilde e verde, sobre um túmulo distante, guardando seu corpo e tantas reminiscências da minha meninice.

“Prezado amigo Cascudinho

Indo a Portalegre para os trabalhos do júri na qualidade de Promotor Público interino da Comarca, tomamos a casa, eu e o Dr. Juiz de Direito Silvério de Souza, do Cel. Marcelino Nobre,



www.colecaomossoroense.org.br

que nos penhorou de gentilezas. Foi ali que sobre uma de suas mesas, tive a agradável surpresa de deparar com o seu livro “Histórias que o Tempo Leva...” O meu jovem amigo não avalia a sofreguidão com que li o referido livro e o prazer que me causou sua leitura! Sou natalense, ali nasci, aí criei-me e aí convivi até a idade de 24 anos, quando tive de me retirar para o interior do Estado, então Província, para me ocupar dos árduos labores do magistério primário. Como vê, devo conhecer mais ou menos, a história do Rio Grande do Norte, de suas lendas, principalmente, da minha muito amada cidade do Natal, lendo, portanto, o seu livro, fiquei entusiasmado não só pela beleza do seu estilo, como pela fidelidade com que expôs as suas lendas e contos. Fui um dos espectadores do Teatro Campal do Barro Vermelho! Contava- eu, vinte e quatro anos. Como ligeiramente correm os tempos!... Sobre a tragédia política de 1817, que teve o epílogo o bárbaro assassinato do mártir André de Albuquerque, senhor de Cunhaú, ainda conheci João Alves de Quental sobre o qual disse-me muitas vezes minha avó materna, D. Antônia de Borja, sogra e tia do meu tio Cel. Bonifácio, contemporâneo do acontecimento histórico do Natal, de 17, que fôra João Alves, que com o seu espadim, dera a estocada no baixo ventre do mártir, porém que Antônio José Leite arrojara a si “essa glória”, que deu lugar a vendita da família Maranhão, mandando-o assassinar, cujos mandatários, executaram o assassino numa



www.colecaomossoroense.org.br

sexta-feira de Passos, quando Antônio José Leite, depois da procição recolhendo-se a casa, sentara-se na calçada para tomar fresca, foi nessa ocasião que os mandatários o esfaquearam com facas envenenadas, que as deixaram ficar cravadas no corpo da vítima.

Daqui, meu jovem e simpático amigo, do recesso de minha obscuridade, procuro acompanhar o movimento político, social e literário do nosso querido Rio Grande do Norte, sentindo um certo desvanecimento de norte-rio-grandense ao ver a plêiade de futuros moços que com passos acelerados marcham firme pelo caminho da glória. Acha-se nessa cidade de residência o seu parente e meu dileto neto, Dr. Manuel Onofre, que ocupa o lugar de Delegado Auxiliar e faz parte do corpo redacional d'A República, tendo o prazer de apresentá-lo ao meu jovem e talentoso parente. Peço-lhe para apresentar a D. Ana, sua venerável mãe, os meus respeitosos cumprimentos.

Seu admirador e parente, JOÃO ONOFRE.

Carta de homem de oitenta anos!... Quantos, na metade do tempo, escrevem com essa mocidade?...



www.colecaomossoroense.org.br

Acta Diurna

De Luís da Câmara Cascudo

D. Izabel Gondim

Dona Izabel Urbana de Albuquerque Gondim faleceu em Natal a 10 de junho de 1933.

É a nossa mais antiga escritora. Nísia Floresta Brasileira Augusta deixara, ainda moça, a Vila Imperial de Papari para onde nunca mais regressou.

Dona Izabel Gondim ficou fiel à Província. O pai, Urbano Egide da Silva Costa Albuquerque Gondim fôra professor. A filha, em 1º de agosto de 1866, seguiu o exemplo. Aposentou-se a 02 de março de 1891. Continuou mantendo um curso particular na Ribeira.

Em 1927 recebeu a “medalha do mérito”, de ouro. Era então a décana do magistério estadual.

Desde 1961 seu nome aparece na “Recreio”. Não cessou de escrever e publicar o que escrevia.



www.colecaomossoroense.org.br

O ambiente provinciano não lhe afetou a imaginação. Regiu sempre. Nenhuma mulher enfrentou o silêncio deprimente da província, cujas manifestações culturais eram raras e fortuitas, excedendo o jornalismo político ou a modinha sereneira.

Dona Izabel publicou “Reflexões às Minhas Alunas”, com três edições (1874, 1879 e 1910), “O Brasil”, poemeto, “O Preceptor”, poemeto, um drama “O Sacrifício do Amor”, um volume de história onde compendiou as reminiscências da própria família, “Sedição de 1817” (1907) e uma coleção de verso, “A Lyra Singela” (1933). E deixou vários tomos inéditos.

Quando os Voluntários da Pátria, chegaram a Natal, voltando da guerra do Paraguai, dona Izabel foi escolhida para saudá-los na manhã de 02 de agosto de 1870.

E declamou uma “Saudação” em versos.

Viveu sempre enamorado da poesia e da história, lendo, tomando notas, planejando livros. Anos velhos, chegou a oferecer tertúlias em sua casa em Natal, com leituras e chá com torradas.

Era a única que tinha a coragem de concorrer na produção intelectual ao lado dos homens, ciosos do privilégio antigo.

O Instituto Arqueológico de Pernambuco elegeu-a “correspondente” a 13 de setembro de 1883. O Instituto Histórico do Rio Grande do Norte fê-la sócia efetiva a 29 de julho de 1928.



www.colecaomossoroense.org.br

No Arqueológico de Pernambuco e no Instituto local, foi a primeira e, até morrer, a única mulher admitida entre as da ilustre companhia.

O Decreto 749, de 19 de novembro de 1934, criou o “Grupo Escolar Izabel Gondim”, no bairro das Rocas, em Natal, como homenagem aos serviços inestimáveis da professora veneranda.

Suas economias, duma vida inteira, sem ilusão e sem amor, destinou-se à fundação do “Asilo Izabel” na cidade do Papari, educandário e abrigo para moças pobres em sua terra natal.

Séria, composta, circunspecta, Dona Izabel era de pouca intimidade.

Em Natal de outrora, uma das manias era descobrir o ano em que nascera Dona Izabel.

Nunca se soube. Nas notas manuscritas, que ela enviou para o Instituto Arqueológico, iniciou a biografia dessa forma: “Dona Izabel Gondim nasceu em Papari a 05 de julho de 18...”

Janúncio da Nóbrega, estudante, numa saudação a Dona Izabel, aniversário, perorou:

– Hoje, dia de alegria! Hoje que completais...

E voltando-se à homenageada:

– Quantos, Dona Izabel?

Dona Izabel, imperturbável:

– Siga seu brinde, doutor Janúncio, siga seu brinde...



www.colecaomossoroense.org.br

O Instituto Histórico informa que nasceu a historiadora no sítio “Ribeiro”, Papari, a 05 de julho de 1839.

Recordo-a com admiração, com simpatia. Com a ternura de um companheiro de condenação literária, trabalhando, sonhando, sofrendo e teimando.

Quanto à obstinação de esconder a idade, vício de todos nós, sou da opinião que tinha o senador Eurico Coelho, quando uma moça lha perguntou:

– Devo ser muito velho, minha filha. Imagine que sou do tempo em que era falta de educação perguntar-se a idade dos outros...



www.colecaomossoroense.org.br

Acta Diurna

De Luís da Câmara Cascudo

O Primeiro Mestre de Latim no Caicó

A Cadeira de Gramática Latina foi criada, para a Vila do Príncipe (Caicó) por Decreto de 07 de agosto de 1832.

Assim dizia:

“A Regência, em nome do Imperador o Senhor D. Pedro II. Há por bem sancionar e mandar que se execute a seguinte Resolução da Assembléia Geral Legislativa:

Artigo Único: fica criada uma cadeira de Gramática Latina, com o ordenado de 300\$000 na Vila do Príncipe, da Província do Rio Grande do Norte.

Antônio Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque, do Conselho do mesmo Imperador, Ministro e Secretário de Estado nos Negócios e encarregado interinamente dos do Império, assim o tenha entendido e faça executar.



www.colecaomossoroense.org.br

Palácio do Rio de Janeiro, em sete de agosto de mil oitocentos e trinta e dois undécimo da Independência e do Império.

(aa) – Francisco de Lima e Silva
José da Costa Carvalho
João Bráulio Muniz.

Nesse tempo o orçamento do Rio Grande do Norte era de 29:876\$000.

A Vila do Príncipe possuía mestres de latim mas em caráter particular. O padre Francisco de Brito Guerra ensinava. Manuel Salustino de Medeiros, de Goianinha, tinha alunos. O primeiro professor de latim, instalador do curso oficial, foi Joaquim Apolinar Pereira de Grito, sobrinho do Padre Guerra, ex-estudante no Seminário de Olinda, rapaz tranqüilo, repousado e prudente. Nascido no Caicó a 22 de julho de 1816, Joaquim Apolinar devia merecer muita confiança do reverendo Tio para ser indicado à nomeação. A 1º de agosto de 1836 a Gramática Latina era explicada por um professor de vinte anos de idade.

A cadeira foi supressa a 27 de março de 1852 e restabelecida a 04 de setembro de 1858. Joaquim Apolinar exerceu – longamente a função, imperturbável, pontual, cioso da boa pronúncia, sabendo Virgílio de cór e Horácio, na ponta da língua. Residindo no alto do Penedo, pertinho da Vila, vinha todos os dias, infalivelmente, dar e tomar a lição. A tradição oral recorda-



www.colecaomossoroense.org.br

o atravessando as ruas, de chambre, guarda-sol aberto e cartola na cabeça, muito sério, fiel ao dever de uma assiduidade que se tornou proverbial.

Desses professores de latim, cuidadosos, exigentes, de moral rígida pautando a vida pela cadência dos versos do Lácio, veio, junto à herança das escolas paróquiais dos Vigários-colados, a linguagem sertaneja ser muito mais polida, justa e certa que a do litoral. Inúmeros arcaísmos sobreviveram no vocabulário porque foram empregados outrora, comumente. Mesmo a sintaxe ainda se ressentia desses vestígios clássicos do “bom falar”. O uso banal do “vós”, os provérbios latinos, as frases soltas de Horácio, Virgílio, Fedro, Tito Lívio, Cícero, atravessaram quase cem anos. Os antigos sertanejos, de bem raras letras, sabiam, fatalmente duas ou três palavras em latim, com boa pronúncia e segura aplicação. Eram repercussões da presença dos professores de Gramática, dedicando toda uma existência ao manuseio diuturno do idioma. As condições econômicas podiam pouco. Os mestres mais abastados teriam apenas um pequeno “sítio” nos arredores da Vila. A aspiração intelectual se limitava à profissão, considerada, por todos, superior e distinta. O professor era o “letrado”, o consultor gramatical ditando os documentos que ultrapassariam as fronteiras do Município. Ninguém era apontado com maior cultura nem dotes mais elevados de sabedoria. Os filhos, educados numa escola difícil de trabalho e de



www.colecaomossoroense.org.br

procedimento, eram conhecidos, identificados e queridos como-pertencendo a uma dinastia que se fizera ilustre no halo divino da inteligência. A esses esquecidos mestres devemos altas e saudáveis noções de dever, respeito, seriedade, honradez. Joaquim Apolinar Pereira de Brito participava da família, votada ao serviço do saber, espécie de sentinela perdida, destacada na extrema da região, em permanente vigília pela limpidez vernacular.

Faleceu no Caicó a 07 de outubro de 1880, ou a 09, segundo outras informações. Na hora derradeira, o velho Joaquim Apolinar bem poderia aplicar a si mesmo as palavras de São Paulo: – Combati o bom combate, guardei a Fé.

E não há epitáfio mais bonito na vida de um professor.



www.colecaomossoroense.org.br

O Diretor em Serviço

Theognis Dias

(Diretor do Grupo Escolar de Pongai, SP)²⁰

As responsabilidades de um diretor de grupo escolar parecem poucas aos olhos da comunidade, mas realmente são tantas, que fazem dele um profissional especializado, entre os alunos e suas professoras. A posição do diretor no sistema escolar inclui, princípios de organização, de realização e ainda as funções de zelar pelo bem-estar das crianças reunidas, manter a harmonia entre as colegas, valer-se das instituições escolares como meios educativos, etc.

ORGANIZAÇÃO: Logo acima do diretor se acha o inspetor escolar, que além de ser o responsável administrativo perante o diretor de ensino (delegado), tem funções de líder educacional. As professoras trabalham diretamente com as classes, recebem maior ou menor orientação do e são responsáveis perante este. Todos os fatores essenciais a um sistema educativo bem organizado devem ser empregados com o propósito fundamental de

²⁰ Do livro de George Kyte, "The Principal at Work"



www.colecaomossoroense.org.br

tornar a escola ativa, interessante aos alunos e à altura do progresso alcançado pela humanidade.

REALIZAÇÃO: Para ser eficiente, o diretor formula um plano bem organizado e definido das suas atividades, incluindo questões de organização, administração, supervisão, orientação e relações públicas. O diretor eficiente providencia um programa de relações de trabalho democrático em que haja cooperação, pois que o elemento humano é o primordial, na escola; o êxito depende da compreensão de todos, da habilidade e da disposição das professoras, assistidas pelo diretor, que se cercará de autoridade e diplomacia. O diretor eficiente se utiliza dos conhecimentos científicos, como sejam a psicologia da criança e do adolescente, sociologia e estatística, entre outros.

Uma filosofia de educação deve nortear o trabalho escolar. Na Brasil, a educação visa preparar os futuros cidadãos para a democracia. Nossa Constituição reza: “A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de *liberdade* e nos ideais de solidariedade humana” (art. 166). Todos podem ter oportunidade de desenvolver-se livremente, em cooperação, julgando pela própria inteligência, agindo conforme a ocasião reclame, para desfrutar os mais altos valores que a vida moderna oferece. Queremos para nós esses objetivos sociais e econômicos que os norte-americanos reafirma-



www.colecaomossoroense.org.br

ram nas “Implications os Social-Economic Goals for Education”.

A educação, iniciada no lar e na escola pré-primária, prossegue no grupo escolar, onde as professoras e o diretor sabem que estão incumbidos de ajudar cada criança a:

- 1) Estabelecer atitudes mentais normais, reações emocionais controladas e desenvolver um corpo são;
- 2) Compreender as relações sociais e participar das atividades conducentes ao progresso;
- 3) Desenvolver o mais possível os talentos e as habilidades individuais;
- 4) Cultivar hábitos de pensamento analítico;
- 5) Adquirir domínio dos conhecimentos comuns e destrezas essenciais;
- 6) Favorecer a apreciação do belo em suas muitas manifestações;



www.colecaomossoroense.org.br

O diretor precisa fazer um trabalho de pesquisa, para poder analisar as condições da comunidade. Coleta dados, classifica-os, tabula-os e os submete a tratamento estatístico, a fim de conhecer satisfatoriamente a situação, a partir do povo, dos alunos e também a escola e o currículo. Inteira-se das condições das condições de vida, colhe informes sobre o comércio e a indústria, outras escolas, igrejas e, quanto à população, conta os estrangeiros, indaga o que fazem eles, conta os alunos órfãos, verificando se moram com parentes, quantas crianças há por casa, etc. Entre as condições da escola, incluirá dados de natalidade e mortalidade infantis; saúde e condições físicas das crianças, a matrícula na escola e o local onde funciona, o prédio, e o material, adequado ou não, no presente e no futuro, modificações mais urgentes a serem feitas. Quanto ao pessoal docente – endereço, naturalidade, estado civil, treino e experiências profissionais, outras ocupações, certificados e diplomas obtidos, ficha de exercício. O questionário é feito em cartões e arquivados.

Os métodos recomendados estarão de acordo com a moderna pedagogia. Os pais dos alunos compreenderão a finalidade educativa e socializadora da escola.

O trabalho do diretor se amplifica e se torna mister um planejamento do programa, consideradas as condições locais já estudadas e a filosofia de vida. Além desse planejamento geral, o diretor eficiente elabora para si uma relação do que vai ser



www.colecaomossoroense.org.br

feito durante a semana, assim como pede semanário às professoras. Nesse canhenho marcará dia e hora das entrevistas com pais de alunos, com professoras, eventualmente, com alunos, visita às salas e inspeção das instituições.

Ao iniciar-se o ano letivo, o estabelecimento deve estar em ordem, para receber as crianças. O diretor procura informações a respeito do colega que o antecedeu, levanta o seu plano de ação e o expõe às colegas. Pontos a serem observados no primeiro dia de aulas:

Começar trabalhando com as classes, já que as férias terminaram.

Distribuir papel e lápis a quem não trouxe.

Enviar à diretoria uma lista dos alunos que não voltaram.

Transferir alunos segundo a sua necessidade.

O diretor anota num Memento: *Controle das Atividades das Classes*, hábitos a serem formados... *Regras Práticas, Instruções* e outros títulos.

Organização, no grupo escolar, é a fase da administração em que o diretor dispõe os elementos, para que cada um desempenhe só as suas funções, trabalhando todos para o fim comum de educar.

A organização mais comum é a da professora única para cada classe. O programa é fixado por lei, mas a professora pode adaptar o ensino ao meio, empregar métodos seus e conseguir



www.colecaomossoroense.org.br

ótimo resultado. Há um tipo de escola departamentalizada (“platoon”), com classes regulares recebendo instrução e parte dos alunos praticando habilidades, na oficina, na biblioteca, no museu, no ginásio ou no auditório. São as escolas de estudo-trabalho-brinquedo, cuja departamentalização pode ser parcial, para não haver muitas professoras com a mesma turma de alunos.

O pessoal incluiria o dentista, o médico e o orientador educacional.

Cabe ao diretor estudar as necessidades individuais dos alunos e manter uma aprendizagem sempre eficaz e econômica, considerando o rendimento escolar, promoção e classificação dos alunos.

Durante a merenda, tem-se ensejo de inculcar bons hábitos de asseio, cortesia, boas-maneiras; as crianças vão lavar as mãos para tomar a sopa, ou comer o lanche; uma menina pode dirigi-las. Em fila, pelo corredor, acostumando-se a não bater ou arrastar os pés; talvez seja melhor permitir a entrada livre, ou que os alunos conversem em voz baixa, ao sair. No grupo de brinquedos, eles estão em seu ambiente natural; ninguém os perturbe. Podemos observá-los surrteiramente. O servente às vezes conhece melhor as crianças do que as professoras. É que fica perto delas no pátio, ensinando-as a não atirar papéis ao chão, não entrar com os pés sujos, aplacando os brigões. O servente deve



www.colecaomossoroense.org.br

se apresentar barbeado e bem trajado, isto é, com roupa limpa. (Tudo é exemplo para os alunos). As obrigações do servente são diárias, semanais e mensais, traçadas de antemão, para diminuir as ordens. Há serventes que deixam recados na lousa, agradecendo a cooperação da classe, em conservar a sala limpa.

Decorrido o ano letivo, aumentam os trabalhos manuais; a preparação da festa de encerramento é um prazer para alunos e professora, com os ensaios do orfeão e do teatro infantil; o diretor recomenda cursos de férias para o pessoal docente, classifica os alunos em fortes, médios e fracos, etc. Suas férias ainda não tiveram início.

Folheando o caderno de anotações, relê impressões das visitas feitas às classes, cujas atividades lhes davam um ar de colmeia, de disciplina natural; a atitude da professora, também está anotada em ficha especial, com perguntas respondidas oportunamente. Outra técnica de supervisão registrada é a entrevista individual, da qual foram colhidas informações valiosas, graças à cuidadosa preparação anterior, com todos os itens referentes à interlocutora. À crítica junta o diretor uma orientação didática, indicando livro, ou artigo, que esclarece o ponto obscuro para a professora.

O diretor dá lições demonstrativas, aplica testes estalados e faz pesquisas educacionais, enfim, tudo realiza para ajudar as colegas a melhor desempenharem sua missão.



www.colecaomossoroense.org.br

AUTORIDADE é o direito de dirigir e não o de ditar as ações de outrem. OBEDIÊNCIA é a aceitação espontânea e natural, daquilo que convém a todos.



www.colecaomossoroense.org.br

A Conduta Regular dos Alunos em Classe

Gumercindo Moraes

A disciplina dos alunos na escola primária, isto é, a sua conduta regular e conveniente durante as aulas, é um fator essencial para o seu real aproveitamento. Essa falha não só diminui o seu rendimento, como, também, fere o conceito do próprio mestre. A ordem, com todas as suas disposições metódicas, fundadas em certas e determinadas relações constantes e que estabelecem agradável harmonia com leis e regras impostas pelo uso e natureza das cousas, é imprescindível em todas as atividades humanas, quer sob o prisma filosófico, social, político ou educacional. Neste, principalmente, é de uma realidade completa. Qualquer fragilidade em sua contextura, repercute, em proporção, no maior ou menor rendimento. A conduta regular é a alavanca por onde o mestre abre caminho de sua ação educativa que exige certo tacto, comprovada habilidade, determinada disposição, firmeza de atitudes, esforço reiterado, coordenação precisa, até o domínio integral da classe. Aí então, à hora propícia, ele iniciará o seu trabalho instrutivo, (pois o educativo já fôra iniciado nos primeiros contatos com os alunos) quando procurará ressaltar, sobremaneira, a sua absoluta autoridade, soberana



www.colecaomossoroense.org.br

mais dócil, forte mas sensata, firme mas um tanto maleável conforme as circunstâncias, enfim, uma autoridade serena, justa, com asperezas indispensáveis e branduras oportunas. Não com a inflexibilidade despótica, impondo ordens ou idéias pela força do medo ou afirmação dogmática, mas baseadas em rumos pedagógicos “assentando as bases de moderna orientação na atividade do educando, nas emoções suscitadas pelo trato social e no exame inteligente dos problemas em estudo”, como nos assevera ilustre educador. Esse domínio racional e persuasivo estabelece o alicerce básico de todo aprendizado, sem o qual o edifício que se pretende levantar, poderá sofrer abalos perigosos ou, mesmo, quedas fragorosas.

A conduta regular e a assiduidade da criança auxiliam, grandemente, a sua aplicação, chave mestra da evolução do seu rendimento. E para que essa conduta seja uma realidade, é mister que o professor ser interesse, de fato, pela escola. Deverá trazer as suas aulas preventivamente preparadas e ter, sempre, em vista tudo que a ela diga respeito. E esse seu interesse é contagiante e se conjuga com a imitação. Eis a razão de um trabalho clarividente para despertar, na criança, essas tendências quando úteis e boas, e desviá-las quando nocivas e inconvenientes. Com atenta observação nós descobrimos as necessidades subjetivas ou físicas que mostram o estado de espírito e de corpo do adolescente, facilitando, assim, a nossa oportuna intervenção.



www.colecaomossoroense.org.br

A criança precisa gozar de relativa liberdade para a expansão natural de seus sentimentos, de seus desejos, de suas idéias, afim de não sermos obrigados a procurar supostas necessidades gerais da classe. Em plena superficialidade, cheia, muitas vezes, de imperfeições. A espontaneidade traz, quase sempre, vantagens francas ao ensino, com as naturais soluções.

Crie, portanto, um ambiente de simpatia e de confiança, sendo carinhoso e simpático, inspirando verdadeira fé entre os seus alunos. E para isso seja equânime, possua, diariamente, o mesmo ânimo, as mesmas disposições, o mesmo temperamento, deixando fora da classe todas as mágoas íntimas que se lhe apresentarem. Não prometa castigos e, prometendo-os, aplique-os com moderação e firmeza. Não escreva no quadro negro nome dos alunos tardos, vadios e turbulentos. Não os coloque como vigilantes de seus próprios companheiros. Evite a predileção acentuada, visível, ou humilhações degradantes. Torne-se amigo sincero da classe, conquistando-a pelo amor e nunca dominando-a pelo terror! Procure ensinar, mais com os exemplos que com palavrório oco ou conselhos estéreis. “Aqueles penetram pelos olhos, vibram dentro da alma e aí ficam para sempre; e estes entram pelos ouvidos, soam quase no vácuo e desaparecem como bolhas de sabão. Os exemplos despertam a imitação, sentimento inato no homem. As suas manifestações, desde tenra idade, são múltiplas e se evidenciam em gestos e ações que se



www.colecaomossoroense.org.br

acentuam com o desenrolar crescente da vida até com explosões culminantes! Há uma influência psíquica poderosa, sem limites de idade, principalmente naqueles ainda privados da clareza meridiana para guiar, com preciso discernimento, os seus passos.

Oiça João Toledo, grande pedagogo, guia orientador deste nosso modesto trabalho, quando manda “fazer da escola um centro alegre e bonito, onde todos se sintam bem”. Ponha um meio termo entre a escola tradicionalista e as concepções modernas do ensino. Reflita no descabro em que se acha o grau de adiantamento da nossa infância e da nossa juventude, com todos os métodos e processos novos no campo educacional, e não desabone o sistema dos nossos evoengos, onde surgiram astros de primeira grandeza em todos os ramos da atividade humana! Tenha em ordem a sua sala de aula, enfeitada se possível; colecione gravuras e objetos úteis; torne-se verdadeiro companheiro nos jogos ou folguedos escolares; vista com elegância e decência e exija isso de seu discípulos; procure leituras sugestivas, histórias agradáveis, anedotas em condições, enigmas ou charadas relativas; viva enfim, na escola, como verdadeira criança mais velha. Fale pouco, o necessário, com voz média, quase baixa. Jamais grite. Os gritos são prejudiciais e mais danosos nas repreensões coléricas; não infantilize a linguagem e os gestos; conserve-se quanto puder, de pé, à frente da classe, corren-



www.colecaomossoroense.org.br

do, de vez, entre as carteiras, prevenindo faltas possíveis, com vigilância ativa; seja assíduo e pontual e não se retire da sala de aula sem motivo bastante plausível; tenha contato constante com os pais ou responsáveis, procurando medidas conciliatórias com reprimenda mútua e esforço conjugado nas repreensões; organize equipes por meio de eleição direta e graduação de alunos e estabeleça as suas diretrizes, pondo em execução o seu plano de cooperação. O seu trabalho é admissível, pois assim, auxilia muito o professor. Procure, enfim, ter em mira a sua dignidade de funcionário honesto, zeloso de suas obrigações e cômico de suas responsabilidades, para grandeza de nosso Estado e felicidade do Brasil.

Anexos



www.colecaomossoroense.org.br

Decreto nº 178, de 29 de abril de 1908

Restabelece a Diretoria Geral da Instrução Pública, cria a Escola Normal, Grupos Escolares e Escolas mistas e dá outras providências.

O Governador do Estado do Rio Grande do Norte:

Considerando que é urgente a reorganização da Instrução Pública, para adaptá-la às novas condições sociais e interesses respeitáveis do povo no governo republicano;

Considerando que o estudo das questões didáticas e as providências administrativas desse importante ramo do público serviço, para os efeitos da reforma, exigem o estabelecimento de uma repartição distinta, presidida por um profissional competente;

Consideração que as funções do Diretor Geral da Instrução Pública a quem incumbe a visita e fiscalização pessoal das escolas em todo o Estado estão sendo exercida por autoridade de



www.colecaomossoroense.org.br

jurisdição limitada e permanente na Capital, qual é um dos lentes e Diretor de ensino secundário;

Considerando que a primeira condição de êxito da reforma é o preparo nacional dos novos mestres, consoante a orientação da moderna Pedagogia;

Autorizado pela lei nº 249 de 22 de novembro de 1907.

DECRETA:

Art. 1º – É restabelecida a Diretoria Geral da Instrução Pública, com as atribuições constantes do Regulamento que baixou com o Decreto nº 60 de 14 de fevereiro de 1896 e do que for expedido para uniformizar e legislação do ensino público, depois da promulgação da lei federal ora em discussão;

Art. 2º – A nova repartição terá um secretário e um primeiro-contínuo, provido o primeiro cargo mediante concurso de títulos ou, na falta destes, de provas públicas, sendo preferidos, em igualdade de condições, os bacharéis em ciências e letras e os normalistas titulados pelo Ateneu Rio-grandense e pela Escola Normal do Estado.

Art. 3º – Ficam suprimidos os lugares de amanuense da Instrução e as cadeiras primárias atualmente mantidas pelo Es-



www.colecaomossoroense.org.br

tado, ficando em disponibilidade os respectivos serventuários, a contar da data da publicação do presente decreto.

Art. 4º – O governo estabelecerá, pelo menos, um grupo escolar em cada sede da comarca e uma escola mista em cada um dos municípios do Estado, nos prédios estaduais existentes e nos que forem construídos diretamente pelos mesmos municípios ou a custa de particulares que os queiram ceder para tal fim, mediante contrato gratuito feito com o diretor da Instrução Pública e aprovado pelo governador.

Parágrafo Único – As cadeiras dos grupos escolares e das escolas mistas, serão providas mediante contrato anual, enquanto não forem diplomados alunos mestres da Escola Normal do Estado.

Art. 5º – É criada uma Escola Normal para o preparo do magistério de ambos os sexos, anexa ao Ateneu Rio-grandense, regida pelo regulamento que com este baixa.

Art. 6º – As cadeiras da Escola Normal serão providas mediante contratos, podendo ser designados os lentes do Ateneu com uma gratificação proporcional às horas de serviço, a critério do governador.



www.colecaomossoroense.org.br

Art. 7º – A nova direção do Ateneu e Escola Normal será confiada a um dos lentes do Ateneu, proposto pelo Diretor Geral da Instrução Pública.

Art. 8º – O ensino das matemáticas elementares será distribuídos em duas cadeiras distintas, compreendendo a primeira Aritmética e Álgebra, e a Segunda de Geometria e Trigonometria.

Art. 9º – Ficam suprimidos os dois lugares de adjuntos do Ateneu.

Art. 10º – O ensino de Lógica no 6º ano de madureza, constituirá uma nova cadeira, provida mediante contrato anual.

Art. 11º – a secretaria do Ateneu e Escola Normal constará de um secretário, dois inspetores de alunos, sendo um de cada sexo, dois contínuos e um porteiro-arquivista.

Art. 12º – É substituído o atual Conselho Literário pelo Conselho de Instrução, que constará:

Do Diretor Geral da Instrução Pública, do Diretor do Ateneu e Escola Normal, do Diretor da Escola Modelo, do Diretor



www.colecaomossoroense.org.br

da Escola de Música e de Teatro, do Presidente da Comissão de Instrução Pública no Congresso Estadual.

Art. 13º – O Diretor Geral, que superintende todo o serviço de instrução primária, secundária, normal e técnica, acomodará à presente organização os regimentos internos das secretarias respectivas.

Art. 14º – Os vencimentos do pessoal administrativo e verba de expediente obedecerão à tabela anexa.

Art. 15º – Os empregados vitalícios, em disponibilidade, nos termos do art. 3º, assim como os demissíveis não aproveitados no ato da reforma, ficarão percebendo os respectivos ordenados, até que sejam novamente chamados ao serviço do Estado.

Art. 16º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte,

29 de abril de 1908, 20º da República.

ALBERTO MARANHÃO
Henrique Castriciano de Souza.



www.colecaomossoroense.org.br

Decreto nº 165, de 19 de janeiro de 1922

O Governador do Estado, usando da autorização conferida pelo art. 9º, parágrafo 11, da lei nº 524, de 09 de dezembro último,

DECRETA:

Art. 1º – É criada na cidade de Mossoró uma Escola Normal primária, especialmente destinada ao preparo de professores para as escolas isoladas, rudimentares e ambulantes do interior do Estado.

Art. 2º – O curso dessa Escola, comum aos dois sexos, compreenderá as seguintes matérias:

- I – Português;
- II – Francês;
- III – Aritmética e noções de geometria;
- IV – Geografia Geral e particular do Brasil;
- V – História Universal e do Brasil;



www.colecaomossoroense.org.br

- VI – Noções de Física, Química e História Natural aplicadas à vida prática e à agricultura;
- VII – Educação Cívica e Pedagógica;
- VIII – Higiene escolar e Educação Física;
- IX – Trabalhos manuais;
- X – Economia doméstica, para o sexo feminino;
- XI – Princípio de música e cantos escolares;
- XII – Desenho.

Art. 3º – O curso será de três anos, assim distribuídas as disciplinas que o compõem:

1º ano – Português, Francês, Aritmética e Geometria, Geografia, História, Música e Desenho.

2º ano – As mesmas matérias do primeiro e mais Educação Cívica, Pedagogia e Trabalhos Manuais.

3º ano – Noções de Física, Química e História Natural Aplicadas, Educação Cívica e Pedagogia, Higiene Escolar e Educação Física e Economia Doméstica.



www.colecaomossoroense.org.br

Parágrafo Único – No segundo e no terceiro anos será obrigatória a prática escolar no Grupo “30 de Setembro”, que ficará anexo à Escola Normal.

Art. 4º – O ensino das disciplinas do curso será dado nas seguintes cadeiras:

- Uma de português;
- Uma de francês;
- Uma de aritmética e geometria;
- Uma de geografia e história;
- Uma de física, química e história natural;
- Uma de pedagogia e educação cívica;
- Uma de higiene escolar e educação física;
- Uma de desenho, trabalhos manuais e economia doméstica; e
- Uma de música e cantos escolares.

Art. 5º – Na organização dos horários e em tudo quanto entenda com o regime didático e administrativo, a Escola reger-se-á pelo regulamento da Escola Normal da capital.

Art. 6º – As primeiras nomeações de lentes e professores serão feitas, a título provisório, pelo prazo de um ano, findo o



www.colecaomossoroense.org.br

qual se procederá a concurso para o provimento efetivo das cadeiras.

Art. 7º – Os professores e funcionários da Escola perceberão, até ulterior resolução do Congresso Legislativo, os vencimentos da seguinte tabela:

7 lentes, cada um 3:000\$.

Gratificação ao diretor. 2:000\$.

2 professores, (desenho e trabalhos manuais e música), cada um, 2:400\$

1 secretário, 2:000\$

1 inspetor, 1:500\$

1 inspetora, 1:500\$

1 porteiro, 1:200\$

1 contínuo, 960\$

A Escola terá para expediente 1:000\$ anuais.



www.colecaomossoroense.org.br

Art. 8º – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte,
em Natal, 1º de janeiro de 1922, 34º da República.

ANTÔNIO JOSÉ DE MELLO E SOUZA
Augusto Leopoldo R. da Câmara



www.colecaomossoroense.org.br

Publicamos a seguir os nomes dos professores da 1ª turma da Escola Normal de Natal, diplomados em 1910, e que foram os pioneiros do movimento de renovação do ensino no Estado. A Escola antiga foi abolida, graças à visão desse grande estadista que foi Alberto Maranhão. Os velhos professores foram postos em disponibilidade. E, a esse pugilo de moços coube a imensa responsabilidade de por em prática os novos métodos de ensino. Puseram mãos à obra, e dela se saíram galhardamente:

Professor Manuel Tavares Guerreiro
Professor José Rodrigues Filho
Professor Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima
Professor Severino Bezerra de Melo
Professor Anfilóquio Carlos Soares da Câmara
Professor Francisco Ivo Cavalcante
Professora Maria de Belém Câmara
Professora Maria das Graças Pio
Professora Clara Fagundes
Professora Conceição Fagundes
Professora Francisca Câmara
Professora Julieta de Oliveira
Professora Maria do Carmo Navarro
Professora Abigail Furtado
Professora Judith Barbosa



www.colecaomossoroense.org.br

Professora Helena Botelho
Professora Josefa Botelho
Professora Beatriz Cortez
Professora Áurea Barros
Professora Stella Vesper Ferreira Gonçalves
Professora Guiomar de França
Professora Arcelina Fernandes
Professora Olda Marinho
Professora Ecila Cortez
Professora Anita de Oliveira
Professora Natália Fonseca
Professor Luiz Correia Soares de Araújo



www.colecaomossoroense.org.br

Publicamos, abaixo, a relação nominal dos professores da 1ª turma da Escola Normal de Mossoró, diplomados em 1924, e que, espalhados pelos mais longínquos rincões da zona oeste do Estado, encetaram a grande campanha contra o analfabetismo.

Joel Carvalho de Araújo
Raimundo Reginaldo da Rocha
Lucilo Vanderlei dos Santos
Hilda Lopes de Oliveira
Maria Silvia de Vasconcelos
Joaquina Eliza da Silva
Maria Carmélia de Almeida
Ester Ferreira da Silva
Ozelita Cascudo
Isaura Catorzième Rosado.



www.colecaomossoroense.org.br

Lei nº 07

Estatuto do Magistério Público

O Presidente da Assembléia Legislativa:

Faz saber que o Poder Legislativo decreta e promulga a seguinte lei:

Art. 1º – Este Estatuto, elaborado de acordo com o art. 134, da Constituição do Estado, regula o provimento e a vacância dos cargos do Magistério Público Estadual, direitos, deveres, vantagens e responsabilidades dos professores públicos do Estado.

Art. 2º – O professor público é a pessoa legalmente investida em cargos do Magistério Público.

Art. 3º – São órgãos do Magistério Público:

- a) a Diretoria Geral do Departamento de Educação;
- b) a Inspeção de Ensino;
- c) as diretorias dos estabelecimentos de ensino.



www.colecaomossoroense.org.br

Parágrafo único – São órgãos auxiliares o Conselho Estadual de Educação e Cultura e outros que venham a ser criados.

Art. 4º – São cargos isolados os de professores do ensino profissional, normal, secundários e superior e os do quadro auxiliar.

Art. 5º – Os cargos do Magistério Público são acessíveis a todos os brasileiros, observadas as exigências legais.

Art. 6º – Os cargos de carreira são de provimento efetivo, os isolados são de provimento efetivo ou em comissão, segundo a lei que os criou.

Título I

Capítulo I

Do Provimento e vacância dos cargos

Art. 7º – O Magistério Público se constituirá em dois quadros denominados: Quadro Permanente e Quadro Auxiliar, assim organizados:



www.colecaomossoroense.org.br

a) Quadro Permanente

- 1 – Professores catedráticos ou docentes da Faculdade;
- 2 – Professor catedrático do Colégio Estadual e Ginásios;
- 3 – Professor catedrático de Escola Normal;
- 4 – Professores normalistas;
- 5 – Professores e mestres do Ensino Profissional.

b) Quadro Auxiliar:

- 1 – Assistente e preparador de Faculdade;
- 2 – Professor auxiliar de estabelecimento de ensino superior secundário, normal, primário e profissional;
- 3 – Regentes de Ensino Primário;
- 4 – Professores primários não diplomados.



www.colecaomossoroense.org.br

Art. 8º – Compete ao chefe do Poder Executivo prover por decreto os cargos do Magistério Público Estadual.

Art. 9º – Os cargos serão providos por:

I – Nomeação;

II – Promoção;

III – Remoção;

IV – Reintegração;

V – Readmissão;

VI – Reversão;

VII – Aproveitamento.

Art. 10º – São requisitos para o provimento em cargos para o Magistério Público:

I – ser brasileiro;

II – ser maior de 18 anos e menor de 50 anos;



www.colecaomossoroense.org.br

III – ser reservista das forças armadas;

IV – estar no gozo dos direitos políticos;

V – ter boa conduta;

VI – ter boa saúde;

VII – satisfazer as condições especiais exigidas para o provimento;

Parágrafo único: A prova do item VI será feita mediante a apresentação de laudo da junta de inspeção de Saúde do Estado.

Capítulo II

Das nomeações

Art. 11º – As nomeações serão feitas:

I – em comissão, quando se tratar de cargo que, em virtude de lei, assim deva ser provido;



www.colecaomossoroense.org.br

II – para estágio probatório, quando se tratar de professor normalista em primeira nomeação;

III – em caráter efetivo, quando se tratar de cargo de provimento efetivo ou quando o candidato for professor normalista com estágio probatório de dois anos ou se já tiver exercido o Magistério e o tiver deixado espontaneamente, podendo reingressar com as mesmas vantagens e situação do tempo em que deixou o exercício ou seja na mesma categoria obtida em virtude de concurso, desde que não prejudique direitos de terceiros;

IV – interinamente, para cargo vago, isolado ou de carreira, quando não houver candidatos que satisfaçam as condições para a nomeação efetiva ou estágio probatório;

V – em substituição, para cargo de carreira ou isolado o professor legal e temporariamente afastado.

Art. 12º – Para as nomeações em caráter efetivo, além dos requisitos enumerados no art. 10, é exigida a prestação do concurso para os professores secundários e dos cursos normais e a prova de habilitação em cursos oficiais equiparados ou reconhecidos para os professores do ensino profissional e primário.



www.colecaomossoroense.org.br

§ 1º – Os concursos para o ensino superior e secundário serão realizados de conformidade com a legislação federal.

§ 2º – Os concursos para os cursos normal, profissional e primário serão realizados de acordo com a legislação estadual.

Art. 13º – Estágio probatório é o período de setecentos e trinta dias de exercício, durante o qual é apurada a conveniência da permanência do estagiário, no serviço, mediante apuração dos seguintes requisitos:

- I – Idoneidade moral;
- II – Aptidão;
- III – Disciplina;
- IV – Assiduidade;
- V – Dedicção ao serviço;
- VI – Eficiência.

§ 1º – O chefe imediato do estagiário informará, três meses antes de expirar o prazo do estágio, ao Diretor do Departamento de Educação, sobre a conveniência da efetivação.



www.colecaomossoroense.org.br

§ 2º – O Departamento de Educação, em face das informações, enviará ao Governador do Estado, por intermédio da Secretaria Geral a proposta da nomeação efetiva ou dispensa.

§ 3º – Ao estagiário, que se julgue prejudicado cabe recurso dentro de 60 dias da decisão do Diretor Geral do Departamento de Educação para o Governador do Estado; nessa hipótese, o processo será encaminhado ao Conselho Estadual de Educação e Cultura, que emitirá parecer ao remetê-lo para o Governador.

Art. 14º – O exercício de cargos cujo provimento efetivo dependa de concurso não isenta dessa exigência o respectivo ocupante interino, qualquer que seja seu tempo de serviço e idade.

§ 1º – Todo aquele que ocupar interinamente um cargo de provimento, por concurso, será inscrito, ex-offício, no primeiro que se realizar.

§ 2º – Homologação o resultado do concurso, serão exonerados os interinos inabilitados, respeitada e estabilidade assegurada pela Constituição Federal.



www.colecaomossoroense.org.br

Art. 15º – A admissão de professores do Quadro Auxiliar será feita mediante portaria do Diretor Geral do Departamento de Educação.

Capítulo III

Dos Concursos

Art. 16º – A admissão em cargo do Magistério Público, em caráter efetivo, dependerá de concurso de provas ou de títulos, obedecido o seguinte critério:

- a) Concurso de títulos para o ensino primário e profissional;
- b) Concurso de provas e títulos, de acordo com a legislação federal, para o ensino superior, secundário e normal, de acordo com a legislação que regulariza o assunto;

Parágrafo único – Para os fins de que trata a alínea *a* deste artigo, considera-se título, o diploma expedido por Escola Nor-



www.colecaomossoroense.org.br

mal ou Profissional oficial ou reconhecida pelo Estado e outras que se relacionem com o assunto.

Art. 17º – A admissão de professores ou auxiliares dos estabelecimentos de ensino secundário e normal do Estado far-se-á mediante prova de habilitação, de acordo com o programa a ser elaborado pelo Conselho Estadual de Educação e Cultura.

Art. 18º – A admissão de auxiliares do ensino primário e profissional dependerá de prova de habilitação, organizada de acordo com instruções baixadas pelo Departamento de Educação.

Capítulo IV

Da posse

Art. 19º – A posse do membro do magistério público se dará:



www.colecaomossoroense.org.br

I – Perante a Secretaria Geral do Estado, quando se tratar de professor estagiário, superior, secundário, normal, profissional e primário, em caráter efetivo, ou para o estágio probatório;

II – Perante o Diretor Geral do Departamento de Educação, quando se tratar de professor do quadro auxiliar.

Art. 20º – A posse verificar-se-á mediante assinatura de um termo em que o professor prometa cumprir fielmente os deveres do cargo.

Parágrafo único – O termo será lavrado em livro especial e assinado também pela autoridade que der posse, extraindo-se do mesmo cópia para remessa à repartição ou serviço encarregado da anotação em folha de pagamento.

Art. 21º – A posse será tomada dentro de trinta dias, prorrogáveis por mais trinta, a requerimento do interessado, contados da data em que for publicado o decreto ou portaria de nomeação ou admissão.



www.colecaomossoroense.org.br

Capítulo V

Do exercício

Art. 22º – O início, a interrupção e o reinício do exercício serão registrados no assentamento individual do professor.

Art. 23º – O chefe de repartição ou estabelecimento de ensino, para o qual for designado o professor, é a autoridade competente para dar-lhe exercício, podendo ser prorrogado a critério do Governo.

Parágrafo único – O professor, depois da posse, terá o prazo de trinta dias, improrrogáveis, para assumir o exercício.

Art. 24º – No caso de remoção, o prazo para reassumir o exercício será de trinta dias, contados da data da publicação do ato.

Parágrafo único – Esse prazo será considerado como de efetivo exercício para todos os efeitos.



www.colecaomossoroense.org.br

Capítulo VI

Da promoção

Art. 25º – As promoções obedecerão o critério de antiguidade, de classe e de merecimento, alternadamente, de acordo com o regulamento que for expedido.

Art. 26º – Na classificação, por antiguidade, quando ocorrer empate de classe, terá preferência sucessivamente:

- a) O professor casado ou viúvo que tiver maior número de filhos;
- b) O casado;
- c) O solteiro que tiver filhos reconhecidos;
- d) O que tiver mais tempo de serviço público;
- e) O mais idoso.



www.colecaomossoroense.org.br

§ 1º – Em igualdade de condições de merecimento, o desempate será feito de acordo com o critério estabelecido neste artigo.

§ 2º – Não serão considerados para os efeitos deste artigo os filhos maiores e os que exerçam qualquer atividade remunerada.

§ 3º – Também não será considerado para o mesmo efeito o estado de casado, desde que ambos os cônjuges sejam funcionários públicos.

Art. 27º – Não poderá ser promovido o professor que esteja suspenso disciplinar ou preventivamente.

Parágrafo único – Se for apurada a improcedência de suspensão disciplinar ou preventiva, ficará assegurada ao professor a promoção à primeira vaga que ocorrer, além do direito à percepção dos vencimentos do cargo, a partir da data em que se fizerem as promoções.

Art. 28º – As listas de promoções, por antigüidade ou merecimento, serão organizadas pelo Departamento de Educação e



www.colecaomossoroense.org.br

remetidas à Secretaria Geral, depois de publicadas no Diário Oficial, para conhecimento dos interessados.

Art. 29º – O professor que se julgar prejudicado com a lista de promoções poderá apresentar reclamações ao Diretor do Departamento de Educação e, caso não seja atendido, recorrerá para o Chefe do Executivo, a quem compete decidir em última instância.

Parágrafo único – Quando a solução do caso seja favorável ao reclamante ou recorrente, já tendo sido feitas as promoções reclamadas ou recorridas, ficam asseguradas a este, além da promoção na primeira vaga que ocorrer, a diferença de vencimentos e a contagem de antiguidade de classe.

Capítulo VII

Da remoção

Art. 30º – A remoção se processará a pedido do professor ou “ex-offício”, ouvido o Conselho Estadual de Educação e Cultura e poderá ser feita para qualquer dos estabelecimentos de ensino, quando for conveniente ao serviço.



www.colecaomossoroense.org.br

Parágrafo único – A remoção de professores do Quadro Permanente será feita em decreto do Chefe do Executivo, e, a de professores do Quadro Auxiliar, mediante portaria baixada pelo Diretor Geral de Educação.

Art. 31º – A remoção por permuta será processada a pedido escrito dos interessados.

Capítulo VIII

Da reintegração

Art. 32º – A reintegração decorrerá da decisão administrativa ou judiciária, passada em julgado, e determinará o ressarcimento de prejuízos decorrentes do afastamento.

§ 1º – A reintegração será feita no cargo anteriormente ocupado, se este houver sido transformado no cargo resultante da transformação, e, se extinto, em cargo de vencimento equivalente, respeitada a habilitação profissional.



www.colecaomossoroense.org.br

§ 2º – Não sendo possível fazer a reintegração pela forma prescrita no parágrafo anterior, será o ex-professor posto em disponibilidade no cargo que exercia, com provento igual ao vencimento que percebia na data do afastamento.

§ 3º – O professor reintegrado será submetido a inspeção médica e, verificada a sua incapacidade para o exercício da função, será aposentado no cargo em que houver sido reintegrado.

Capítulo IX

Das substituições

Art. 33º – A substituição dar-se-á quando houver afastamento legal e temporário do ocupante do cargo da magistério.

Art. 34º – A substituição será remunerada, de acordo com a regulamentação especial.

Art. 35º – O substituto, professor ou não, exercerá o cargo enquanto durar o impedimento do respectivo ocupante, perdendo-o automaticamente, sem que nenhum direito lhe assista



www.colecaomossoroense.org.br

quando cessarem os motivos que determinaram a sua substituição.

Art. 36º – A substituição dos professores do Quadro Permanente será feita por decreto do Executivo e dos professores do Quadro Auxiliar, mediante portaria do Departamento de Educação.

Título II

Do vencimento

Capítulo I

Das gratificações

Art. 37º – O vencimento do Magistério obedecerá às mesmas normas adotadas no Estatuto dos Funcionários Públicos Civis.

Art. 38º – Poderá ser concedida gratificações ao professor:

I – Pelo exercício em determinadas zonas;



www.colecaomossoroense.org.br

- II – Pela prestação de serviços extraordinários;
- III – Pela execução ou elaboração de trabalho técnico mediante parecer do Conselho Estadual de Educação e Cultura;
- IV – Por tempo de serviço.

Art. 39º – A gratificação por exercício em determinadas zonas será concedida aos professores do interior, em tabela organizada pelo Departamento de Educação.

Capítulo II

Das diárias

Art. 40º – Aos Inspectores de Ensino, que se deslocarem de suas sedes respectivas, em objeto de serviço, será concedida uma diária arbitrada em regulamento expedido pelo Chefe do Executivo e não podendo exceder de um terço do vencimento diário do inspetor.

Capítulo III

Das ajudas de custo



www.colecaomossoroense.org.br

Art. 41º – A ajuda de custo, destinada a indenizar despesas de viagem e nova instalação de professores e inspetores removidos, será arbitrada pelo Departamento de Educação, tendo em vista, em cada caso, a distância a ser percorrida, as condições de vida da nova sede e os recursos orçamentários.

Parágrafo único – Uma metade da ajuda de custo será paga no ato do desligamento e a outra, quando o professor ou inspetor assumir o exercício do novo cargo.

Art. 42º – Os benefícios do artigo anterior se estendem aos membros do Magistério mandados servir em municípios diversos daqueles onde exerçam suas funções.

Art. 43º – As ajudas de custo a membros do Magistério, designados para estudos ou comissões de relevo fora do Estado, serão arbitradas pelo Chefe do Executivo e não estão sujeitas ao limite fixado neste Estatuto.

Art. 44º – Além da ajuda de custo, o Estado se obriga a indenizar as despesas de transporte do professor ou inspetor e sua família, bem como da bagagem respectiva, não podendo a despesa deste exceder de um terço do vencimento mensal.



www.colecaomossoroense.org.br

Art. 45º – Quando a remoção se der a pedido ou por permuta, o Estado não concederá ajuda de custo nem custeará o transporte.

Capítulo IV

Das férias

Art. 46º – As férias do Magistério Público do Estado serão reguladas de acordo com a legislação sobre o assunto.

Capítulo V

Das licenças

Art. 47º – O membro do Magistério poderá ser licenciado:

- I – Para tratamento de saúde;
- II – Quando acidentado no exercício de suas funções;
- III – Quando acometido de tuberculose, lepra, cegueira, neoplastia maligna ou paralisia;
- IV – Por motivos de doença em pessoa de sua família;
- V – Por motivo de gravidez;



www.colecaomossoroense.org.br

VI – Quando convocado para o serviço militar;

VII – Quando se tratar de professora casada com funcionário civil ou militar, que tenha sido mandado servir em outro ponto do Estado, do país ou do exterior.

Parágrafo único – As licenças serão concedidas na forma do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado.

Capítulo VI

Das concessões

Art. 48º – O Estado concederá, ao cônjuge ou aos filho do professor falecido, um auxílio para as despesas de funeral em importância correspondente a dois meses de vencimentos.

Parágrafo único – O pagamento será feito à vista do atestado de óbito e pela dotação própria do cargo, dentro de 24 horas.

Art. 49º – Os professores que apresentarem trabalhos pedagógicos, cuja publicação seja aprovada pelo Conselho Estadu-



www.colecaomossoroense.org.br

al de Educação e Cultura, terão direito a um prêmio equivalente às despesas da publicação.

Art. 50º – Os professores que conseguirem estabilidade, na forma da Constituição Federal, passarão a ter as vantagens da gratificação adicional por tempo de serviço, na forma da lei que vigorar para os efetivos e vitalícios.

Art. 51º – É concedida aos professores que tiverem vinte e cinco anos de serviço ininterrupto, como prêmio pela sua dedicação ao Magistério, a importância correspondente a seis meses de seus vencimentos, calculados à base do percebido no último mês.

§ 1º – Terá direito ao referido prêmio o professor que completar vinte e cinco anos no exercício do Magistério, provar não ter estado em gozo de qualquer licença, inclusive licença-prêmio.

§ 2º – Fica igualmente com direitos ao prêmio constante do art. 51º o professor que, ao ser promulgada esta lei, tiver completado o tempo de serviço exigido para o prêmio.



www.colecaomossoroense.org.br

Capítulo VII

Da aposentadoria

Art. 52º – O professor efetivo ou vitalício, ou o que tenha adquirido estabilidade, na forma da Constituição Federal, será aposentado:

a) Compulsoriamente:

I – Quando atingir a idade de 70 anos;

II – Quando acometido de uma das doenças especificadas no item III, do art. 47º;

III – Quando o seu afastamento se impuser, no interesse do serviço público, mediante inquérito administrativo.

b) A pedido:

I – Com qualquer tempo de serviço, se julgado inválido em inspeção por junta médica oficial;

II – Com trinta anos de efetivo exercício, independente de inspeção de saúde.

§ 1º – Da aposentadoria concedida, na forma da alínea “a”, itens I e III e alínea “b”, itens I e II, os proventos serão calcula-



www.colecaomossoroense.org.br

dos na base de um trinta anos do vencimento do cargo qualquer que seja o tempo de serviço;

§ 2º – Os proventos da aposentadoria concedida nos termos da alínea “a”, item II, serão iguais aos vencimentos do cargo por ano de serviço;

§ 3º – O professor primário que se invalidar aos vinte e cinco anos de efetivo exercício será aposentado com os vencimentos integrais do cargo.

Título III

Capítulo único

Disposições gerais e transitórias

Art. 53º – Ficam mantidas todas as vantagens concedidas ao Magistério Público em lei anterior.

Art. 54º – Fica o Poder Executivo autorizado a promover, dentro de sessenta dias, a partir da publicação desta lei, a reestruturação dos Quadros do Magistério.



www.colecaomossoroense.org.br

Parágrafo único – Os atuais integrantes dos cargos de Professor A, A-2 e extranumerário passarão a figurar no Quadro Auxiliar.

Art. 55º – Os deveres e penalidades, bem como os casos omissos neste Estatuto, serão regulados pelo Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado.

Art. 56º – Os professores do Quadro Auxiliar serão nomeados em caráter provisório.

Art. 57º – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 30 de dezembro de 1950, 62º da República.

Pedro Soares de Araújo Amorim
Primeiro Vice-presidente em exercício.



www.colecaomossoroense.org.br

Índice

Ligeiros traços biográficos do autor	11
A grandeza de um mestre (Elder Heronildes)	15
Oração do Educador (Presciliania Duarte de Almeida)	19
Oração da mestra (Afrânio Peixoto).....	20
Apresentação (Mons. José Adelino).....	25
Aos professores do Rio Grande do Norte.....	29
Parecer da comissão nomeada pelo Departamento de Educação	31
Uma página de saudade	33
O professor primário, plantador de civilizações.....	35
Evasão escolar	38
O mestre-escola, pária social.....	41
Minha primeira professora	44
Um professor que governou o Rio Grande do Norte.....	47
Sinházinha Vanderlei, a iluminada.....	50
Paulo de Albuquerque, um sonhador	54
O mestre-escola, construtor de nacionalidades	58
Evocação	61
Sud Menucci, o mestre	64
O eterno sacrificado.....	67
Uma classe abandonada.....	70



www.colecaomossoroense.org.br

A decadência do ensino	73
Um belo artigo – Magistério (Profa. Theresa de Almeida) ..	76
O professor João Tibúrcio	80
Um relatório de mestre	83
O velho Raimundo Saraiva.....	86
O grande problema do Brasil.....	89
D. Emília	92
Um grande mestre	95
Comentários.....	98
Seu João, o Simples.....	103
Um triunfador	105
Dona Maria Montezuma.....	108
Eterna vítima	111
Heroína ignorada	114
Um professor integral	117
Bandeirante do século XX.....	121
O velho Churchill, alma da Inglaterra	123
Disciplina escolar	125
Alma de apóstolo.....	129
Dom Rey, apóstolo das selvas	132
Padre Mauro, o Mártir	135



www.colecaomossoroense.org.br

Apêndices

Actas diurnas (Câmara Cascudo)

O mestre de Gramática Latina.....	141
Manuel Pinheiro, professor de Latim.....	145
O professor Onofre.....	149
D. Izabel Gondim.....	154
O primeiro mestre de Latim no Caicó.....	158

O diretor em serviço –

Theognis Dias (Diretor do Grupo Escolar de Pongai, SP) (Do livro de George Kyte, “The Principal at Work”).....	162
---	-----

A conduta regular dos alunos em classe –

Gumercindo Moraes.....	170
------------------------	-----

Anexos

Decreto nº 178, de 29 de abril de 1908.....	177
Decreto nº 165, de 19 de janeiro de 1922.....	182
Professores da 1ª turma da Escola Normal de Natal, em 1910.....	187



www.colecaomossoroense.org.br

Professores da 1ª turma da Escola Normal de Mossoró, em 1924	189
Lei nº 07 – Estatuto do Magistério Público	190